

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**SUSY DOS SANTOS PEREIRA**

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMO SUB-CAMPO: um estudo bibliométrico e  
epistemológico dos grupos de pesquisa da Região Centro-Oeste do Brasil**

São Carlos - SP  
2023

**SUSY DOS SANTOS PEREIRA**

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMO SUB-CAMPO:** um estudo bibliométrico e epistemológico dos grupos de pesquisa da Região Centro-Oeste do Brasil

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração História da Educação, da Universidade Federal de São Carlos.

Orientador: Prof. Dr Carlos Roberto Massao Hayashi

São Carlos - SP  
2023

Pereira, Susy dos Santos

História da educação como sub-campo: um estudo bibliométrico e epistemológico dos grupos de pesquisa da Região Centro-Oeste do Brasil/ Susy dos Santos Pereira. São Carlos, SP: UFSCar, 2022.  
137f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Roberto Massao Hayashi.

1. História da Educação. 2. Cientometria. 3. Pressupostos epistemológicos. 4. Nova História Cultural. I. Pereira, Susy dos Santos. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

CDD 23 ed. – 370.9

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira - CRB1º/1783



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**  
Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Educação

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Susy dos Santos Pereira, realizada em 06/12/2022.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr Carlos Roberto Massao Hayashi (UFSCar)

Prof. Dr. Amarílio Ferreira Jr. (UFSCar)

Profa Dra Camila Carneiro Dias Rigolin (UFSCar)

Profa Dra. Marcia Regina da Silva (USP)

Profa Dra. Elaine Rosângela de Oliveira Lucas (UDESC)

Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-graduação em Educação

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao orientador Professor Doutor Carlos Roberto Massao Hayashi pela oportunidade de poder desenvolver meus estudos sobre Métricas Científicas. Agradeço aos membros da banca examinadora do Programa de Doutorado em Educação (UFSCar) e de outras instituições, aos professores doutores Prof. Dr. Amarílio Ferreira Jr., Profa Dra Camila Carneiro Dias Rigolin, Profa Dra. Marcia Regina da Silva e Profa Dra. Elaine Rosângela de Oliveira Lucas. Agradecimento especial ao Professor Dr. Silvio Sanchez Gamboa *in memoriam* que contribuiu com a minha investigação, um ícone da pesquisa educacional.

Agradecimento especial a toda comunidade acadêmica da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul que contribuíram para meu sucesso e crescimento profissional, aos meus pais que me incentivaram nos momentos mais frágeis da Pandemia e que entenderam minha ausência no tempo da elaboração.

*Acho que a gente deveria dar mais espaço  
para esse tipo de saber. O saber que tem força  
de fontes.*

(Manoel de Barros)

## RESUMO

O estudo mapeou 278 artigos científicos dos 41 líderes dos 24 grupos que se organizaram sob a linha de investigação da História da Educação na Região Centro-Oeste do Brasil. O intuito da pesquisa foi verificar como se instituíram as escolhas dos objetos científicos desses pesquisadores e como se estabeleciam os pressupostos epistemológicos dos trabalhos. Para o procedimento metodológico, foram utilizadas análises quantitativas e qualitativas ancoradas no delineamento crítico dos pressupostos epistemológicos, gnosiológicos e ontológicos de Sanches Gamboa (1987, 2008) e sob o olhar crítico de Bourdieu (1998), que refletia, nos seus estudos, sobre a teoria hierárquica dos objetos científicos. Conectadas, essas teorias instrumentalizaram as métricas científicas, permitindo, assim, refletir e avaliar a produção dos líderes que se dispuseram a produzir cientificamente. Preliminarmente, foram levantados os grupos de pesquisas indexados do diretório do CNPq da Região Centro-Oeste e, posteriormente, foi observado como organizavam a estrutura orgânica. Em seguida, foi utilizada a plataforma do *Curriculum lattes* para coletar as publicações científicas e, a partir disso, foi realizada a análise bibliométrica, construindo índices de citações e estudo de uso de palavras-chave. Desse modo, foi possível relacionar essas categorias com as análises do texto, demonstrando qual identidade se formou com o domínio crítico da escola historiográfica da Nova História Cultural. Essa escola utilizou estratégias de domínio e projeção simbólica, realizando uma propaganda de si mesma. Verificou-se que isso aconteceu não só na Região Centro-Oeste do Brasil, mas se configura como reflexo no mundo ocidental. Contudo, alerta-se para o cuidado dos pesquisadores de não serem cúmplices de um sistema, apropriando-se de conceitos dominantes para buscar mais formas de acesso na academia (lucro simbólico). É preciso, pois, supervalorizar as lutas sociais, e não se afastar das investigações da escola do marxismo, uma vez que ela ainda é um movimento vivo na Educação, revelando-se atemporal.

**Palavras-chave:** História da educação; Cientometria; Pressupostos epistemológicos; Nova história cultural.

## ABSTRACT

The study mapped 278 scientific articles by the 41 leaders of the 24 groups that organized themselves under the line of investigation of the history of education in the central-west region of Brazil. The purpose of the research was to verify how these researchers' choices about the scientific objects were established and how the epistemological assumptions of the works were established. For the methodological procedure, quantitative and qualitative analyzes were used, anchored in the critical design of the epistemological, gnosiological and ontological presuppositions of Gamboa (1987, 2008) and under the critical gaze of Bourdieu (1998) who reflected in his studies on the hierarchical theory of scientific objects, connected these theories instrumentalized scientific metrics, thus allowing to reflect and evaluate the production of leaders who were predisposed to produce scientifically. Preliminarily, the research groups indexed from the CNPq directory of the central-west region were surveyed, later, the organization of the organic structure was observed, then the curriculum lattes platform was used to collect scientific publications and from there, the bibliometric analysis was carried out, building citation indexes and study of the use of keywords, then you can relate these categories with the analysis of the text demonstrating which identity was formed with the critical domain of the historiographical school of the New Cultural History. This school used strategies of dominance and symbolic projection, carrying out the advertising of itself, it was found that this not only happened in the center-west region of Brazil, but it is configured as a reflection at the level of the western world, however, the care is alerted of researchers not to be accomplices of a system, appropriating dominant concepts to seek more ways of accessing the academy (symbolic profit), since it is necessary to overvalue social struggles and not remove the marxism school from investigations, since it still it is a living movement in Education, revealing itself to be timeless.

Keywords: History of Education; Scientometrics; Epistemological assumptions; New cultural history



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

- Figura 1** – Exemplo de espelho do grupo de estudo em História da Educação na Região Centro-Oeste.....49
- Figura 2** – Nuvem de palavras adotadas como preferidas nos artigos científicos.....79

### GRÁFICOS

- Gráfico 1** – Distribuição por gênero .....51
- Gráfico 2** – Distribuição dos grupos de pesquisa por estado.....53

### QUADROS

- Quadro 1** – Relação Nominal dos Grupos de Pesquisa em “História da Educação” na área da Educação que compõem a região da ANPED/Centro-Oeste.....48
- Quadro 2** – Agrupamento dos Grupos de Pesquisa em História da Educação.....49
- Quadro 3** – Líderes do grupo em História da Educação no Centro-Oeste .....54
- Quadro 4** – Eixos Temáticos do EHECO .....57
- Quadro 5** – Categorização das temáticas desenvolvidas pelas linhas .....58
- Quadro 6** – Repercussões do Grupo .....62
- Quadro 7** – Esquema Paradigmático .....81
- Quadro 8** – Revistas e dossiês, volumes, números e anos.....87

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Distribuição dos trabalhos científicos.....	65
<b>Tabela 2</b> – Ranking dos líderes dos artigos científicos em História da Educação .....	66
<b>Tabela 3</b> – Tipo de autoria dos trabalhos citados pelos líderes dos grupos .....	67
<b>Tabela 4</b> – Autores mais citados e frequência de citações.....	68
<b>Tabela 5</b> – Livros mais citados pelos líderes .....	66
<b>Tabela 6</b> – Distribuição dos trabalhos científicos citados pelos líderes .....	73
<b>Tabela 7</b> – Artigos mais frequentes nas citações dos líderes.....	73
<b>Tabela 8</b> – Distribuição dos trabalhos científicos citados pelos líderes .....	76
<b>Tabela 9</b> – Palavras-chave com maiores frequências nos artigos científicos .....	77

## LISTA DE SIGLAS

- ABE - Associação Brasileira de Educação
- ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- COLLIGAT - (Re)Pensando a Formação de Professores de Ciências da Natureza
- DGP - Diretório dos Grupos de Pesquisa
- EDULE - Grupo de Pesquisa “Educação, Leitura e Escrita”
- ENCIEM - Núcleo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Educação Matemática
- GEINFAN - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil e Infância
- GEM - História da Educação e Memória
- GEPHEB - Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação
- GEPHEMES - História da Educação, Memória e Sociedade
- GEPHERG - Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero
- GPHEG - Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação, Instituições e Gênero
- GRUPHE - Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília
- GRUPHE/UnB - Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília
- G-TEPE - Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais
- HEMEP - História da Educação Matemática em Pesquisa
- HISMEE - Grupo de Estudos e Pesquisas Histórias e Memórias da Educação
- HISTEDBR - Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" no DF
- IES - Instituto de Ensino Superior
- INEP - Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
- NEPEDUCA - Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão
- NEPERBR - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Rural no Brasil
- NEPRE - Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação
- UCB - Universidade Católica de Brasília
- UCDB - Universidade Católica Dom Bosco
- UEG - Universidade Estadual de Goiás
- UEMS - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFCAT - Universidade Federal de Catalão

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFMT - Universidade de Mato Grosso

UnB - Universidade de Brasília

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	18
<b>1 SOBRE A FORMAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO</b>	
<b>“HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO”</b> .....	21
<b>1.1 Entidades que contribuíram com a constituição do campo</b> .....	27
<b>1.2 Correntes historiográficas presentes no subcampo científico da História da Educação</b> .....	35
<b>2 ESTUDO CIENTOMÉTRICO E EPISTEMOLÓGICO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO</b> ....	44
<b>2.1 Perfil dos autores em relação às instituições</b> .....	48
<b>2.2 Vinculação geográfica/institucional</b> .....	52
<b>2.3 Status do grupo</b> .....	55
<b>2.4 Data de criação dos grupos de pesquisa</b> .....	56
<b>2.5 Delimitações das linhas de pesquisa</b> .....	57
<b>2.6 Repercussões dos trabalhos do grupo</b> .....	61
<b>2.7 Produções dos artigos técnico-científicos</b> .....	63
2.7.1 Dos líderes que obtiveram publicações sob óptica da História da Educação .....	66
2.7.2 Descritores mais utilizados pelos líderes de pesquisa .....	76
<b>3 A INTERPRETAÇÃO DAS TENDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS E AS MATRIZES COMPORTAMENTAIS DOS LÍDERES/PESQUISADORES</b> .....	80
<b>3.1 Analisando os artigos produzidos pelos pesquisadores</b> .....	81
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	91
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	94
<b>APÊNDICE A – Indicadores e operacionalização dos grupos de pesquisa</b> .....	104
<b>APÊNDICE B – Artigos publicados pelos pesquisadores</b> .....	117

## APRESENTAÇÃO

[...] a academia precisa acordar para o fato de que nossos instrumentos de comunicação científica não estão sendo eficazes. É preciso fortalecer na sociedade uma cultura pró-conhecimento, valorizar o conhecimento produzido nas universidades, fazer mais e melhores parcerias com interlocutores das plataformas digitais, que é onde a população busca, de fato, a informação hoje em dia. E esse processo passa por entender a produção de ignorância.

(TOLEDO, 2020)

Inauguro esta tese citando Nietzsche (2008): “o homem criou a arte a fim de suportar a dor da sua própria existência”, que caracteriza uma manifestação de permanente revolução do ser humano. A dor que nos assolou nestes tempos sombrios aflorou em mim um sentimento paradoxo de solidão frente ao labor científico, visto que, quanto mais exalta-se o ser eu, mais se quer sobreviver e relacionar-se socialmente. Imersa nessa prática em que se manifesta a nossa subjetividade na história, na ciência e na própria arte, seria útil, neste momento, abstrairmos das ideias de Nietzsche sobre o homem pensar a sua sobrevivência?

Nos dias atuais, o nosso instinto clama pela essencialidade na nossa espécie. Assim, tudo que vivenciamos constitui parte da nossa essência. Somos fruto da construção histórica, logo a minha existência precede minha essência; o entendimento contrário já é questão de fé (NIETZSCHE, 2008). Mas o que se quer dizer com essa historinha?

A crise epidemiológica que assolou o mundo nos deixou num estado de máxima atenção, de hipervigilância, condicionando-nos a ficar atentos às situações conflitantes que nos rodeiam. Esse sentimento trouxe várias incertezas, sofrimentos, crises. No campo da produção científica, não foi diferente; levou-nos a refletir sobre a essencialidade, sobre o *ethos* da pesquisa, pois produzir cientificamente, nesses tempos difíceis, é um ato de resiliência, o saber como ato de resistência, instigando-nos a lutar ainda mais em prol da ciência.

A ciência está em debate. Muitos que não vivenciaram a experiência de como ela se constitui e prospera refutam-na com veemência, sendo imprescindível exaltar que é o *locus* que mais se aproxima da verdade das descobertas científicas. Nos dias atuais, a tão esperada busca pela vacina contra o Sars-CoV-2 materializou esse ideal. Chamers (1993) reforça a ideia ao retratar que a ciência se aproxima cada vez mais da verdade, não sendo lei eterna, mas sim transitória da natureza, das criações, da engenhosidade humana.

Em contraposição a isso, percebe-se interesses controversos em volta dela, por ser questionada a todo tempo. Destacam-se aqui as tendências anticientíficas com intuito de esvaziar esforços já conquistados, que contribuíram efetivamente com a sociedade. Isso é detectável quando se depara com narrativas silenciadoras, negativistas e que – pasmem – a maioria das vezes advêm de um local que, em vez de incentivar e promover, vêm ofuscá-la: o próprio Estado.

Por outra perspectiva, fica cômodo para a própria ciência imputar um culpado por sua desvalorização perante a população, por não possuir educação científica suficiente para entender isso. Nessa perspectiva, é preciso detalhar a existência de um largo distanciamento dos discursos da academia com os saberes do senso comum, e o que é ecoado incisivamente é que a produção científica só prestigia um grupo, os próprios produtores da ciência.

O que se nota é que a ciência atual deprecia o senso comum e, nesse sentido, entende-se que é preciso resgatar do senso comum o seu núcleo positivo. Para Gramsci (1979 apud GERMANO, 2011), é necessário dialogar com outros saberes sem desmerecê-los; não devem ser obstáculo epistemológico, sendo preciso humanizar a ciência, o folclore da filosofia pode ser enriquecido com a ciência e paulatinamente ir compenetrando nos costumes.

[...] só apoiados em um outro referencial de ciência e em uma nova e diferente concepção de racionalidade, podemos enfrentar o desafio de uma comunicação transitiva e de um diálogo horizontal envolvendo os conhecimentos sistematizados da ciência e os saberes de senso comum (GERMANO, 2011, p. 242).

Com urgência se faz necessário atrair a população à raiz de todo o processo de construção e produção do conhecimento, sendo imprescindível conjugar os verbos participar e pertencer simultaneamente, conduzindo esses indivíduos a obterem laços de confiança com a ciência.

Esse obstáculo epistemológico antes observado requer uma ruptura entre o senso comum e o conhecimento científico, como já dizia Bachelard (1977, 2006). Freire (2014) ressignifica essa ruptura como superação, pois entende que devemos “partir dele para passar por ele”, ou seja, é preciso haver intervenções de profissionais que estejam preocupados com a popularização da pesquisa, promovendo o conhecimento de mundo de forma eficiente. Essa condição leva os indivíduos a adquirir postura crítica, alcançando a tão almejada atitude epistemológica (GERMANO, 2011).

Diante disso, é categórico questionar: para que e para quem essa produção científica é produzida? O que se observa é a falta de interesse dos próprios pesquisadores em

compartilhar com a sociedade os resultados de suas pesquisas, mesmo sabendo que toda pesquisa nasce com o objetivo último de beneficiar o bem comum e contribuir com a qualidade de vida das pessoas.

Essa crise ética/social direciona nosso olhar para o processo inicial de formação da cultura científica, no qual se encontra essa lacuna, e leva os indivíduos a ser meramente consumidores de informação, não estimulando a prática da pesquisa dentro dos padrões necessários. Com certeza, essa deficiência ficou evidente na pandemia. A problemática se alastra mais quando se defronta com o tipo de informação que está sendo transmitida pelos meios de comunicação de massa, meios que persuadem o público com conteúdos meramente recebidos e sequer questionados.

Como não mencionar aqui as famosas *fake news e deep fakes*, que fazem uso sistemático de mentiras com intenção de massificar a indigência intelectual das pessoas? Essas desinformações são propagadas como fatos e corroboram as desconfiças de qualquer evento que acontece na vida real, chegando à extremidade do descrédito do próprio *status* da ciência, um papel reacionário que fragmenta a sociedade (COSTA, 2020).

O debate iniciou-se de maneira reflexiva como forma de consternação, diante do momento que estamos vivenciando, no auge dos ataques anticivilizatórios contra a democracia. É justamente nesse momento, porém, que advém a força para se discutir criticamente e produzir conhecimento como forma de resistir à pressão. Uma luta silenciosa, mas aguerrida, movida pela dignidade do direito de pensar, de pesquisar sobre o objeto de análise, visto que cada pensamento crítico que se refere à educação é considerado justo, fortalecendo mais atos de defesa pelo Estado Democrático de Direito.

Esse direito de pesquisar deveria abarcar toda e qualquer forma de pesquisa em Educação. Deveria ser um ato que se estendesse a todos os pesquisadores, que contagiasse todos os campos do conhecimento, uma vez que a alfabetização científica, quando é efetiva desde a educação básica, alcança níveis inimagináveis, lapidando toda a nossa construção histórica e fortalecendo o conhecimento científico.

Quando retomo o termo pesquisa científica me vem à mente a atitude de uma professora que nos propôs pesquisar sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) na educação básica. Nas buscas corriqueiras que fazíamos na biblioteca pública de Marília-SP, o *modus operandi* consistia, muitas vezes, em copiar os dizeres da enciclopédia Barsa ou se submeter a uma fila de estudantes esperando sua vez para copiar um livro, como se a prática da pesquisa se reduzisse àquilo.



Todavia, mesmo dentro desses moldes, conseguimos nos posicionar criticamente ao chamar a atenção da professora sobre a linguagem do preceito legal que assegurava os direitos das crianças e dos adolescentes. “Para nós, essa lei deveria ter uma linguagem mais clara, acessível e compreensível”, e não aquele “juridiquês” que exclui a mensagem de quem se visa tutelar: a tenra idade.

Mesmo considerando esse despertar lá atrás, é sabido que a escola pública, na maioria das vezes, não promove a formação do espírito científico. Ressalta-se aqui Darcy Ribeiro quando se compadece disso. Para ele, tudo se consolida como um ato intencional, um verdadeiro projeto de desconstrução da educação.

A matriz curricular da educação básica indica que os alunos jamais estudaram o método e a produção do conhecimento nos quadros escolares. Quando chegam às universidades, na graduação ou até mesmo na pós-graduação, verifica-se que esses acadêmicos saem com uma noção superficial do que realmente seja uma pesquisa dentro das chaves epistemológicas (MENEZES, 2022).

A escola é uma instituição tão importante que merecia maiores investimentos. A falta de estrutura é também evidenciada pela orientação inadequada dos professores. É importante frisar que eles também não tiveram o devido preparo para incentivar a prática da pesquisa, conseqüentemente os estudantes não conseguem ler criticamente e elaborar um novo texto, tornando-se meros receptores da informação.

A cultura científica deve ser estimulada desde as séries iniciais. O espírito científico consiste em inserir práticas pedagógicas que despertam a atividade intelectual no indivíduo, a autonomia, que estime a autoformação em todo seu processo educativo, levando os alunos a refletir sobre qualquer situação que enfrentarem em seus diversos contextos. Nesse sentido, a escola tem o dever de preparar os alunos para que tenham o entendimento do que é fazer ciência. Para que esse hábito aconteça, é crucial haver agendas que propiciem recursos mais conscientes (cognitivos e metacognitivos) desde o início da formação educacional (TEIXEIRA, 2013).

Diante do *looping* desolador na educação brasileira, confesso que meu exercício de escrita foi um processo árduo, pois, mesmo estando inserida no campo da Educação, atuando nele, me senti desprovida de conceitos-chave, abordagens, pressupostos que são inerentes ao campo de pesquisa. Mesmo me considerando múltipla, pertencendo a dois campos do conhecimento, Biblioteconomia e Direito, a ausência de expertise na área não deveria ser algo que limitasse os pesquisadores a ingressarem no campo de pesquisa da História da Educação, até porque a reivindicação existente por uma história não reducionista resvala na abertura de

pluralidade de outros agentes, ressignificando o campo do conhecimento com novos olhares, elevando-o a outro patamar.

Com essa percepção, assumi o compromisso desafiador de adentrar o Programa de Pós-Graduação em Educação a fim de contribuir com o campo, abordando a temática da produção científica à qual antes já havia me dedicado no mestrado, na área da educação. Na minha dissertação **A produção científica da linha de pesquisa educação e violência: contributos do OBEDUC – Paranaíba-MS**, refleti sobre a configuração do perfil e da produção científica do grupo de Pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba-MS. Nesse trabalho, avaliei a produção científica do grupo de pesquisa, verificando como se construiu a identidade científica socializada pelo grupo.

Com o andamento dessa pesquisa, surgiram novos direcionamentos, expandindo-se a lente. Sob o enfoque das abordagens categóricas de Bourdieu, observou-se que existia algo mais profundo do que aquilo que já estava convencionalizado pela comunidade científica sobre o produtivismo acadêmico. Havia cobranças internas dos próprios pesquisadores, fruto das relações próprias do campo, que incorporavam nos pesquisadores anseios por posições em busca do capital puro e institucional, e lucros simbólicos que as escolhas proporcionariam.

Na análise do *Curriculum lattes*, observei alguns movimentos intelectuais inéditos quanto às produções científicas de pesquisadores do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus de Paranaíba. Identifiquei que vários pesquisadores migraram para outras linhas investigativas, configurando novas filiações em suas pesquisas, mais precisamente no subcampo científico da História da Educação.

A partir daí, percebi a existência de novas leituras dos objetos que antes estavam adormecidos, sinalizando fortes tendências contemporâneas para a linha de pesquisa teórico-metodológica “Nova História Cultural”. Diante disso, questionamo-nos o porquê desse fenômeno. Por que alguns objetos científicos estavam ofuscados e vieram à tona? Será um modismo do campo? E por que outros temas caíram em desuso?

Com o ensejo que a pesquisa anterior nos suscitou, mergulhamos atrás de respostas ancoradas na lógica da sociologia da ciência, a fim de verificar como se configura o comportamento dos pesquisadores que se organizam socialmente e produzem cientificamente dentro da linha de pesquisa da História da Educação da Região Centro-Oeste do Brasil. A intenção é diagnosticar os tipos de relação existentes na escolha dos objetos e, dentro dessa óptica, como se estabelecem as tendências teórico-metodológicas associadas às produções bibliográficas, identificando, assim, as pesquisas consideradas dominantes no campo de investigação.

## INTRODUÇÃO

A sociologia da ciência é um estudo da ciência pela própria ciência. Dentro desse diapasão, esta pesquisa pertence à linha de pesquisa História, Filosofia e Sociologia da Educação, sob o eixo temático da Análise bibliométrica e epistemológica da produção científica em educação, que promove o desenvolvimento de investigações com os contributos dos índices cientométricos.

Nesta investigação, esses índices estão aliados às análises dos pressupostos epistemológicos de Sanchez Gamboa (1987, 2008) e da teoria conceitual “hierarquia social dos objetos científicos”, sob o olhar crítico de Pierre Bourdieu (1998). Essas escolhas teóricas deram sustentação para revelar como estão organizados os Grupos de Pesquisas em História da Educação na Região Centro-Oeste.

Advirto de início, que a minha aproximação com os pressupostos epistemológicos de pesquisa iniciou-se tardiamente com o ingresso no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), no Doutorado em Educação, na disciplina obrigatória “Epistemologia da Educação”. Desde então, percebi os verdadeiros limites e fragilidades quando se pretende realizar uma pesquisa científica, que deve-se fazer escolhas metodológicas sob a óptica do objeto, que o próprio objeto anseia, sendo preciso “acordar as fontes” (BACHELARD, 1977).

Para esse despertar era preciso entender as matrizes que dominam o conhecimento, foi necessário desvendar como se caracterizavam as produções científicas. E para isso para compreendermos o método de cada investigação, clama-se por Marx: é preciso “ler o sujeito” nosso maior indicativo de pesquisa (MARX 2010 apud MENEZES, 2022).

Deste modo, a presente investigação teve como objeto de estudo a produção científica entendendo ser ela um lócus de crítica do conhecimento produzido, cujo objetivo maior foi identificar quais correntes historiográficas permeiam o campo científico da Educação, por observar em estudo preliminar a árvore científica (*curriculum lattes*) de alguns professores da linha de pesquisa História, Sociedade e Educação, vinculados do Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, campus de Paranaíba a presença de novas envergaduras em suas pesquisas, com fortes tendências contemporâneas da Educação como a linha de pesquisa teórico-metodológica “nova história cultural”.

Seguindo essa orientação foi realizada uma prospecção dos grupos de História da Educação da Região Centro-Oeste ligados a Programas de Pós-graduação em Educação. No levantamento, por meio Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP), foi registrado o

universo de 24 grupos que pesquisam a História da Educação, filtrando o total de 43 líderes. A intenção era averiguar, na produção dos líderes, quais objetos científicos instauravam as pesquisas e como foram instituídos os pressupostos epistemológicos e metodológicos, pois sabe-se que as “escolhas” sobre o que pesquisar são atos controlados ou parcialmente controlados pelas forças externas e internas do campo científico, conforme nos orienta o olhar crítico de Bourdieu. A análise crítica se justifica porque permite refletir como se configuram as etapas e processos intrínsecos do fazer científico. No entanto, cabe alertar que essa avaliação da qualidade das produções trata-se de uma tarefa de difícil mensuração.

Dentro dessa perspectiva, foram examinados os artigos científicos dos líderes de pesquisa. A escolha por essa tipologia se deu por compreender os artigos como um espaço de crítica do conhecimento, que são socializados por meio de uma comunicação mais ágil quando equiparados aos livros. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se compreender, quais estudos tiveram fidelidade teórica às correntes adotadas, quais referenciais teóricos foram legitimados pelo grupo, quais micro-objetos os pesquisadores foram inclinados a pesquisar e quais escolas historiográficas foram mais dominantes.

O enfoque sobre as escolhas temáticas permitiu desencadear os objetivos específicos da pesquisa doutoral, faz saber: como foi estabelecida a busca dos pesquisadores em torno do lucro simbólico no campo, como se configurou os movimentos intelectuais dentro do campo; revelando se assim as sustentações teóricas e suas conexões, quais estratégias foram utilizadas para ingressar e se preservar no campo científico e o que, de fato, determina o porquê de outros objetos de pesquisa considerados relevantes pela área serem ignorados ou considerados como anomalias advindos do crescimento das especializações.

Com o delinear do estudo, é válido descrever quais foram os passos da pesquisa. Na primeira parte, procurou-se saber como se constitui o objeto simbólico da investigação, explicando por que muitos objetos são legitimados pelo campo social e outros são fadados ao esquecimento. Destaca-se a presença da crise de paradigmas e a importância de se buscar a vigilância epistemológica dos artigos produzidos dentro dos grupos de pesquisa, como se estabelece a sua formação como produto do conhecimento, apontando suas especificações que enfrentam diversos paradoxos.

A fim de detectar isso nas leituras dos resumos e artigos científicos produzidos pelos líderes, as correntes e tendências epistemológicas historiográficas presentes nas escritas foram classificadas nas seguintes categorias: positivistas, estruturalista, marxistas, fenomenologia, história das mentalidades, escola dos *Annales* e nova história cultural.

Num segundo momento, disserta-se sobre a aplicação do procedimento metodológico da cientometria associada aos estudos epistemológicos das produções científicas dos grupos de pesquisa em História da Educação, visando avaliar o comportamento dos líderes a partir dos índices quantitativos levantados.

Na terceira parte, apresenta-se a análise dos artigos científicos selecionados à luz epistemológica de Sanchez Gamboa, enfocando a escolha dos objetos e, sequencialmente, a síntese, proporcionando um aparato geral. Seguem as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas, que exteriorizam quais estudos basilares contribuíram com a construção teórica dos discursos paradigmáticos. Como bem sintetiza Chartier (1991), as fontes foram peças do jogo e darão andamento a futuras pesquisas.

## 1 SOBRE A FORMAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO “HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO”

A definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que coisas também muito boas de se dizer não sejam ditas e com que temas não menos dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vícios.

(BOURDIEU, 1998, p. 35)

Bourdieu (1998), em suas reflexões sobre o **Método científico e hierarquia social dos objetos**, avaliou campos que determinavam socialmente a hierarquia dos objetos legítimos, legitimáveis ou indignos. Esse direcionamento foi constituído por mediações que contribuem com a imposição de censuras específicas a determinado campo.

A hegemonia dos temas é definida por objetos simbolicamente reconhecidos que são contemplados como relevantes ou ignorados em cada momento histórico. São mecanismos ideológicos da ciência que fazem com que temas e objetos não menos nobres ou indignos não interessem a ninguém, ou sejam tratados de modo envergonhado ou vicioso (BOURDIEU, 1998).

É importante destacar que cada disciplina científica possui objetos considerados legítimos. O próprio programa de pós-graduação, juntamente com a destinação de suas linhas de pesquisa, impõe filtros sob a escolha de referenciais. Isso quer dizer que o subcampo aos quais os cientistas pertencem tendem a direcionar os pesquisadores a pesquisar sobre os objetos de interesse. Desse modo, os objetos são portadores de sentido. Esse direcionamento dos programas se configura como intencional e afina-se com as políticas científicas.

Os objetos expressam representações, memórias das culturas materiais da atividade humana. Fica explícita aqui a menção bourdesiana da presença dos elementos exaltados por ele, que, aliados ao campo científico, *habitus* e ao capital científico, influenciam os pesquisadores a investir cientificamente em determinado campo do conhecimento, visando ao lucro simbólico que a escolha pode conceder.

Diante dessa estratégia, os pesquisadores se apropriam de ordens dominantes existentes no campo. Esses objetos “dignos de interesse” escolhidos se instalam em torno de problemas que ultrapassam o olhar específico do pesquisador, porque, na maioria das vezes, ele mesmo não percebe a realidade circundante que o ato de pesquisar revela, a ciência como processo social de dominação (HAYASHI, 2014), principalmente quando as pesquisas

impõem conceitos dominantes e refletem um resultado controverso aos verdadeiros anseios dos próprios sujeitos da pesquisa.

Por essa direção, fica confortável explicar por quais lentes conceituais dominantes as pesquisas se realizam:

Os dominantes impõem, de facto, como norma universal do valor científico das produções científicas, os princípios que eles próprios utilizam consciente ou inconscientemente nas suas práticas, em especial na escolha dos seus objetos, métodos etc. São constituídos em exemplos, em realizações exemplares da prática científica, em ideal realizado, em normas; a sua própria prática torna-se a medida de todas as coisas, o procedimento correcto que tende a desacreditar os restantes (BOURDIEU, 2008, p. 89).

Por interesses pessoais, os pesquisadores começam a buscar produtos que auferem o campo, mais precisamente atraídos por uma massa crítica que domina o campo, isto é, por temáticas que são consideradas “da moda”, os temas que causarão maior impacto em suas publicações, os objetos científicos que darão maior notoriedade. Logo, a dualidade de interesses vai se tornando presente: ao mesmo tempo em que são pares, concorrem entre si (BOURDIEU, 1998).

Os temas mais pesquisados, concebidos como “da moda”, fazem o pesquisador se lançar, muitas vezes, às disposições permanentes e estéreis no campo. O pesquisador deve ficar atento a esse jogo estratégico, pois as famosas ideias prontas provocam a reiteração da produção já existente, podendo ser considerado até mesmo um obstáculo epistemológico. Nesse sentido, o pesquisador deve ter cautela com suas escolhas, sendo importante haver abdições, recusas à hierarquia social dos objetos, classificações que colocam certos objetos como dignos de pesquisas independentemente de sua construção, visto que a relevância de uma pesquisa reside nos procedimentos que acompanham a sua construção. A partir disso, tem-se a liberdade de pensamento e criatividade que tanto exalta (PEREIRA; ANDRADE, 2008).

Ademais, o modismo, o estrangeirismo e a pobreza teórica também são apontados como responsáveis pela crise de paradigmas, a inexistência de um modelo teórico próprio, que leva os pesquisadores a aderir a outros modelos: “A falta de um modelo próprio explicitamente assumido gera a inconsequência metodológica, ou seja, faz com que o pesquisador utilize pressupostos teóricos, metodológicos, filosóficos e epistemológicos de forma inconsciente” (COELHO, 2013, p. 101).

Muitos pesquisadores preferem se afastar da militância e, com isso, percebe-se:

[...] um largo movimento anti-marxista e o abandono da perspectiva histórica. Nessa perspectiva, dizem, são privilegiados temas como cultura escolar, formação de professores, livros didáticos, disciplinas escolares, currículo, práticas educativas, questões de gênero, infância e, obviamente, as instituições escolares. A nova história, a história cultural, a nova sociologia, a sociologia francesa constituem as matrizes ou a tela de fundo teórica das pesquisas realizadas (NOSELLA; BUFFA, 2005, p. 354).

O que se observa é que muitos temas não são investigados simplesmente porque não há ninguém que se ocupe deles:

As razões que levam um determinado cientista se interessar por uma determinada especialidade são extraordinariamente complexas, sendo com efeito quase impossível analisá-las, a não ser através de uma linguagem tautológica, mas é inegável que há uma tendência geral para a escolha de tópicos que estão ‘na moda’. É necessário um esforço intelectual deliberado para se fazer uma avaliação ampla da ciência e no final concentrar a atenção em problemas importantes que ainda não estão sendo estudados por outras pessoas (ZIMAN, 1979, p. 76).

As prováveis razões que conduzem um recém-chegado à academia em busca por bons temas são as chances de receber citação de seus trabalhos. Vale lembrar o Efeito Mateus, quanto mais se tem mais lhe será dado (BÍBLIA, Mt, 13, 12; MERTON, 1998) isso acontece quando o próprio campo tende a impor essa condição. Consequentemente, atrai mais chances de ser citado e orienta os investimentos intelectuais, consciente ou inconscientemente, ou seja, as melhores posições na hierarquia científica (poderes científico e técnico), conquistas de prêmios, financiamentos das agências de pesquisa, alcançando, assim, o tão almejado reconhecimento científico.

A visão de como são estabelecidas essas preferências coaduna com as reflexões de Brandão (2006), que questiona as escolhas dos objetos científicos, despertando os olhares sobre as condições em que se joga o jogo científico. Ora, não é a própria ciência que se julga desinteressada?

Neste momento, é importante exercitar a vigilância epistemológica permanente (BACHELARD, 2006), mediante um estudo crítico que exalte o fortalecimento do *ethos* científico:



Na sua constituição como campo de produção científica, a educação tem experimentado uma sucessão de hegemonias teóricas e disciplinares que, por sua vez, estariam evidenciando, por um lado, a dinâmica concorrencial da área acadêmica específica e, por outro, a fragmentação a que objeto da educação estaria submetido na lógica das parcialidades disciplinares. O desenvolvimento de um campo acadêmico especializado em educação vem se apoiando numa divisão de trabalho que nos tem levado à crescente especialização interna, sem deixar lastro para que se desenvolva uma cultura geral pedagógica, espécie de solo epistemológico, que garanta o diálogo permanente entre especialistas (BRANDÃO, 2006, p. 112).

Brandão (2006) ressalta a importância de a História da Educação zelar por seu objeto de pesquisa bem como pelo campo teórico-empírico, pois se percebe uma forte tendência a intercâmbios de saberes devido ao aparecimento de novos problemas e, conseqüentemente, de novos objetos. Essas “anomalias” consideradas pelo autor confirmam que esse campo ainda está em construção. Talvez isso seja sinal da falta de tradição como disciplina científica (WARDE, 1990).

Dentro dessa perspectiva, pode-se afirmar que a História da Educação possui objetos flutuantes devido ao seu encontro com outros campos do conhecimento. Warde (1990, p. 70) já alertava sobre o caráter fragmentário: “[...] estamos ampliando tanto o conceito de pesquisa que nele tudo cabe”. Conforme a autora, os recortes temáticos estão cada vez mais minúsculos, traduzindo a falta de um verdadeiro método construtor do objeto. Esse estreitamento traz a saturação de dependências teóricas e o sincretismo teórico da ciência.

Em constante vigilância, o que se observa é que esse movimento em relação aos objetos é um movimento sem volta. O campo abriga uma enciclopédia de objetos, devido aos modelos transversais da sociedade, e os objetos macroestruturais não se enquadram nas manifestações específicas e individuais. É necessário, então, ter cuidado quando se propõe abordar a dinâmica dos objetos; o importante é não jogar subterfúgios para o uso de objetos minúsculos. Devemos ter todo o cuidado para não reduzi-los e não objetificá-los.

Uma dessas marcas é a atenção dada a temas até então pouco estudados, recorrendo a uma multiplicidade de fontes analisadas a partir de renovados referenciais teórico-metodológicos.

[...]

Ao valorizar o micro como uma importante escala de observação, essa abordagem permitiu outra visão sobre a realidade social, enriquecendo e muito a análise ao contemplar aspectos geralmente imperceptíveis em uma escala mais ampla (CORREA, 2019).

Quando se trata de micro-objetos, é impossível não se remeter às famosas migalhas, tão criticadas em certos momentos, mas que podem sinalizar aproximações epistemológicas

com outros campos do conhecimento. A História social, por exemplo, é uma interlocução multidisciplinar da qual não se pode abrir mão, visto ser um fenômeno que ressoa a pluralidade da sociedade e amplifica o objeto.

É sabido que o campo científico específico da História da Educação sofre tendências à especialização. Observa-se que a sua construção converge sobre os próprios desígnios da história da ciência. Essas ramificações detectadas apontam que a História da Educação se conecta com a história cultural, não havendo aparentemente diferença entre a história do passado com a do presente. Ambas são consubstanciadas por movimentos circulares, como assevera Bachelard (2006, p. 152): “[...] a especialização do pensamento científico tem uma recorrência tão profunda sobre o passado do saber que recobra toda a eficácia dos pensamentos gerais e estimula as especializações paralelas. Em suma, a especialidade actualiza uma generalidade e prepara dialéticas”.

A presença da especialização se configura como uma reação da própria ciência, que corresponde à força do campo. É um movimento de se recriar; é característica da arte da ciência realizar seus arranjos, configurando-se como produto histórico oriundo das manifestações dos pensamentos políticos, sociais e econômicos de cada época: “A própria história parece ter um objeto flutuante cuja determinação se prende menos a uma decisão autônoma do que ao seu interesse e à sua importância para as outras ciências” (CERTEAU, 1982, p. 89). Concebido até mesmo como uma virtude, o objeto é a construção do mundo superficial do pensamento científico. Essas manifestações de inúmeras especializações desbravam a profundidade que há num campo (BARROS, 2004).

Dentro dessa dinâmica dos objetos, as especificações do saber se pulverizam, sendo o reflexo da complexificação da construção do conhecimento humano:

[...] a fragmentação do saber, na verdade, é um fenômeno que se acentua no século XX através de dois caminhos distintos e independentes, embora no fim das contas ambos acabam contribuindo para este mesmo fim que é a cisão da História ou qualquer outro campo do saber no seu caleidoscópio interno (BARROS, 2004, p. 11).

Na visão de Castanho (2010), as especializações são consideradas legítimas. Subordinam-se à contínua articulação com o todo e o domínio específico tratado. Isso quer dizer que as ramificações não devem se desprender da macro-história. Barros (2004), por sua vez, alerta sobre o enfoque nas subespecialidades, pois há perigos que resvalam nos pesquisadores, o empobrecimento e isolamento. Isso é resultado das subdivisões dos saberes.

Logo, essas buscas por micro-histórias não devem acobertar omissões de domínios e de abordagens:

[...] definir o ambiente intradisciplinar em que florescerá a pesquisa ou no qual se consolidará uma atuação historiográfica deve ser encarada como um esforço de autoconhecimento, de definir os pontos de partida mais significativos – e não como uma profissão de fé no isolamento intradisciplinar (BARROS, 2004, p. 170).

Warde (1990, p. 74) também contribui com o pensamento relatando existências de esforços para a consecução de teorias próprias do campo, que se entrelaçam com as observâncias atentas ao cuidado quanto às escolhas metodológicas do pesquisador, para autora uma pesquisa sem o domínio técnico sobre método reduz um bom trabalho ao formalismo teórico, não dialogando com a empiria, e é isto que espera da pesquisa científica.

Nesse sentido, Alves-Mazzoti (2001, p. 41) aduz sobre a importância da consciência do pesquisador sobre o método, ao ressaltar a pobreza teórica e metodológica encontrada nos trabalhos: “[...] parece ser, em grande parte, responsável pela sua pulverização e irrelevância e, também, pela adesão aos modismos e pela preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados”.

Em outras palavras, os pesquisadores exteriorizam, em suas produções, modelos teórico-conceituais, provocando esgotamentos de esquemas analíticos que antes eram legitimados pela ciência. A própria ciência diz que a verdade não é absoluta; o que há são verdades transitórias. Então ela vive para ser revista? Sim, contudo, não se trata de novas revoluções, novos paradigmas. Esse relativismo da ciência não deveria ser motivo de crise, mas um momento de estudar os objetos particulares, relacionando-os dialeticamente com a cultura geral, a fim de revigorar as teorias.

Em contrapartida, para alguns estudiosos, essa forte tendência à hiperespecialização indica desinteresse dos pesquisadores em uma cultura mais abrangente e humanística:

Isolado no seu pequeno mundo, o historiador deve enfrentar os riscos de sua hiper-especialização ao mesmo tempo em que recebe estímulos sociais e institucionais para aprofundá-la cada vez mais. Sem contar com o já tão discutido agravante de que – com a propalada crise dos grandes modelos de ‘história total’ – a História já tão fragmentada em ‘dimensões’ (econômica, política, social) partiu-se com o apoio da mídia e das demandas editoriais em inumeráveis ‘migalhas’ relacionadas aos novos ‘domínios históricos’ (história da religiosidade, da feitiçaria, da vida privada). O historiador das últimas décadas do século XX viu-se assim autorizado, tanto pela tendência à hiper-especialização do homem moderno como pelas novas modas

historiográficas, a cuidar zelosamente do seu pequeno canteiro, como se nada mais importasse além de uma rosa rara (BARROS, 2004, p. 13-14).

Desse modo, o movimento de retroalimentação do campo da História da Educação atrai e repele vários objetos, domínios e métodos. A hiperespecialização, como já apontado, é um movimento sem volta; ela visa suprir as novas necessidades individuais e sociais. Contradizendo essa disposição, os recortes temáticos abrangentes podem ser considerados uma prática mal-intencionada, não incentivada pelo meio científico.

Ter plena clareza do solo particular em que está sendo estabelecida uma determinada ação historiográfica (uma pesquisa, por exemplo) não deve servir de pretexto a uma insuficiente hiper-especialização que por vezes vem intencionada, mas por outras vezes é preguiçosa ou oportunista (BARROS, 2004, p. 212).

Assim, a pulverização de temas transpassa a crise dos grandes modelos explicativos que conflitam com tradições totalizadoras. Diante disso, a vigilância é um meio de controle epistemológico, reforçando a importância de não perder de vista a referência maior, o cuidado com a totalidade.

A partir dessas inquietações, a pesquisa, primeiramente, descreve o nascimento da disciplina científica da História da Educação, ou melhor, o florescer do campo científico em tela, porque, muita vezes, essa concepção se sobrepõe a outras. É oportuno, portanto, clarificar como se estabeleceu a constituição desse subcampo científico.

### **1.1 Entidades que contribuíram com a constituição do campo**

Muito se discutiu se a constituição do campo de pesquisa da História da Educação era ou não uma especialização da historiografia. A dúvida atualmente foi superada. Estudos reconheceram que a disciplina possui características e referenciais próprios, fontes próprias, configurando-se como disciplina autônoma dentro do campo da Educação.

Falcon (2006), por exemplo, cita vários estudiosos que debateram sobre essa configuração. Em um momento, concebia-se o campo como uma especialização do campo da história; em outro, entendia-se que o campo da educação se apropriou do campo da historiografia, devido a sua forte inclinação à história cultural.

Buffa (2016), por sua vez, elucida essa questão no seu trabalho em homenagem aos 30 anos do GT de História da Educação, ao conceber o campo como parte integradora da ciência da educação. Em seu discurso, revela que os pesquisadores muito se esforçaram, nos fóruns

de discussões do Grupo de Trabalho, para vincular a história à educação. Essa dedicação promoveu uma nova ressignificação para o campo:

O fato é que era possível observar no GT o esforço de alguns de seus membros de acentuar o termo História e proceder, no estudo da educação, de acordo com suas teorias, metodologias e fontes. Assim, o historiador da educação exerceria, antes de tudo, o ofício de historiador. Isto não era nada fácil para os integrantes do GT da época, formados, em sua maioria, pelos cursos de Pedagogia. Havia ainda outra dificuldade: os historiadores de ofício tinham objetos considerados mais nobres para pesquisar e pouco se importavam com a educação, considerada coisa de mulher, de professora primária. Sabemos que o estudo da educação não é um objeto prestigiado (BUFFA, 2016).

Oficialmente, a “fumaça da formação do campo” se concretizou com a Associação Brasileira de Educação (ABE) e, posteriormente, com a criação do órgão da Fundação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, o INEP, sob a custódia do Estado:

O INEP caracterizou-se por ser um órgão de documentação e informação surgido no momento em que a Associação Brasileira de Educação (ABE) sofria um processo de esvaziamento em decorrência da ditadura Vargas instaurada em 1937. Fundada em 1924, a ABE foi a primeira organização dos profissionais da área educacional e, pelo seu caráter acadêmico, de disseminação de idéias, e, principalmente, de divulgação dos princípios da Escola Nova, **pode ser considerada como o marco inicial da formação do campo**. Tendo se constituído em reduto dos educadores que propugnavam pela escola pública, estatal e laica, tornou-se alvo da contestação daqueles que exerciam o monopólio do ensino no Brasil, a Igreja Católica. Outro aspecto importante a ser considerado é que a ABE nasceu em uma década decisiva da história do Brasil (BITTAR, 2009, p. 5, grifo nosso).

Desde a criação da ABE em 1924, a educação “foi arena de disputas ideológicas” dos liberais e católicos, disputas de poderes que intensificam os dizeres de Bourdieu (1994, 2001) sobre as forças no entorno do poder. Os esforços não se voltavam apenas à imposição do ensino religioso; as disputas envolviam a luta pela formação cultural, abarcavam outros órgãos, entidades e intelectuais influentes da época (BITTAR, 2009).

Após a elaboração da Constituição de 1934, a repressão de 1935, consubstanciada com a de 1937 e o golpe de Estado, a ABE se enfraqueceu. A presença do Estado Novo fez os debates pedagógicos se atenuarem. Foi nesse ínterim que o INEP propôs substituir a ABE, dentro desse processo de modernização do Estado Novo (1937-1945), sendo uma das iniciativas exteriorizadas de intervenção do Estado.

Nesse contexto, Bittar (2009) demarca as primeiras iniciativas legitimadas para se constituir a ciência da educação. Em 1993, Anísio Teixeira criou o INEP. A partir disso,

institucionalizou-se a pesquisa educacional que alcançou outro patamar. Isso não quer dizer que não se produzia antes; havia diversos pensadores na época, como Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e o próprio Anísio Teixeira, que publicavam, mas foi com o estabelecimento dessa composição que o campo se estruturou fisicamente, constituindo institutos, recursos e quadros próprios (HAYASHI, 2007).

Com espaços próprios para desenvolvimento das pesquisas, estas, no entanto, foram produzidas dentro dos vieses psicopedagógicos e sociológicos, servindo diretamente aos interesses do Estado.

No seu interior, as pesquisas assumiram caráter funcionalista e foram influenciadas pela teoria do capital humano. De modo geral, todo esse período que começou na década de trinta tem como traço fundamental a orientação oficial, ou seja, tratava-se de uma pesquisa emanada do Estado (BITTAR, 2009, p. 7).

Já na década de 1950, criaram-se centros brasileiros e regionais de pesquisa. Com o golpe de 1964, as organizações ainda se mantiveram e as produções continuavam a ter uma conotação tecnicista. Há de se frisar esse marco temporal. Com a implantação dos programas de pós-graduação na década de 1970, ainda no regime militar, as produções desenvolvidas anteriormente fora das universidades começaram a ser realizadas dentro desses espaços, configurando-se como um verdadeiro *locus* do conhecimento. Elas surgiram – pasmem – no ambiente de contestação intelectual da política educacional da ditadura, em que a tendência era utilizar as influências marxistas (Althusser) e abordagens gramscianas (FALCON, 2006).

Assim, com a criação da pós-graduação, houve um aumento significativo dos trabalhos sob a perspectiva da educação escolar e da escolarização. As interpretações foram avançando sobre as novas percepções dos objetos, as análises começaram a ser macroscópicas e os estudos tendiam a ler a realidade social sob as concepções marxistas (TANURI, 2011).

É inadmissível negar, porém, que vários trabalhos foram cerceados pelo Ministério da Educação, sendo comum apontar vários indícios de pesquisas declinadas por não se afinarem com a ideologia proposta pelo Estado, ou seja, aquelas tuteladas de forma direta, por exemplo, as pesquisas sob a perspectiva da arqueologia do saber de Foucault (ALVARENGA, 2003).

Corroborando o fortalecimento do campo, criaram-se vários grupos de estudos, como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) em 1976; o grupo de estudos e pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR) em 1986; a Associação de Pesquisas em História da Educação no Rio Grande do Sul

(ANPUH/RS) em 1995 e a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) em 1999 (FALCOM, 2006; HAYASHI, 2007; BITTAR, 2009).

Dentre esses grupos, cabe um destaque para a ANPED, que proporcionou frutíferas contribuições para o campo da História da Educação, solidificando a sua constituição como campo de conhecimento em destaque. Em seu interior, debatia-se sobre os rumos da historiografia. A intenção era expandir a produção historiográfica com movimentos mais críticos.

Com esses objetivos, o Grupo de Trabalho História da Educação expandiu o movimento de revisão crítica dos padrões historiográficos dominantes, funcionando como espécie de caixa de ressonância desse movimento e ampliando a interlocução entre os pesquisadores da área. Ao mesmo tempo, o GT funcionou como núcleo difusor da nova produção historiográfica que vinha sendo gestada nos centros universitários de pós-graduação mais dinâmicos do país, irradiando-a para outros centros de ensino e pesquisa. É assim que, também, a partir do início da década de 1990, o movimento de reconfiguração da historiográfica educacional começa a adquirir um novo perfil, decorrente da introdução, em alguns desses Programas, de cursos de História da Educação que incorporaram novos temas, questões, procedimentos de pesquisa e perspectivas de abordagem que vinham sendo alimentados nacional e internacionalmente (SAVIANI et al., 2011, p. 17).

Desse modo, novas formas de pensar a educação escolar foram introduzidas. A ótica sobre História da Educação avançou e, com isso, velhos objetos tiveram novas ênfases: “É chegado o tempo de se passar dos sistemas de ensino e das políticas educativas para o funcionamento interno das escolas, para o desenvolvimento do currículo, para a construção do conhecimento escolar, para as disciplinas escolares e para as práticas educativas” (TANURI, 2011, p. 150-151).

Iniciou-se, assim, um importante movimento dos pesquisadores. Ampliaram-se as novas lentes de pesquisa: aqueles temas que antes eram subjugados, esquecidos ou até considerados bons, mas não eram explorados receberam novos olhares.

Esse crescimento é favorecido pelas transformações que vinham reconfigurando inclusive o campo das pesquisas educacionais. Penetrar a ‘caixa preta’ escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas; expor a perspectiva dos agentes educacionais; incorporar categorias de análise – como gênero – e recortar temas – como profissão docente, formação de professores, currículo e práticas de leitura e escrita –, configurando campos de estudo interdisciplinares, são algumas das tendências que vinham, também, redefinindo outras áreas de pesquisa sobre educação. A perspectiva dos sujeitos dos processos investigados passa a ser objeto de interesse, incentivando estudos sobre as representações que agentes determinados fazem de si mesmos, de suas práticas, das práticas de outros agentes, de instituições – como a escola – e dos processos que a

constituem. A forte presença desses novos temas e perspectivas de abordagem na nova produção de História da Educação confere à disciplina um novo estatuto no campo das ciências da educação, liberando-a da função subsidiária que ainda mantinha neste campo (SAVIANI et al., 2011, p. 19).

A produção do conhecimento, nesse período, estava ancorada nos estudos psicopedagógicos. Um dos principais estudiosos era Anísio Teixeira, que trouxe para o Brasil o ideário da Escola Nova, cujo pensamento era influenciado pela psicologia. “Adentrando a década de 1940 e parte dos anos 1950, os estudos tiveram como objeto os processos de ensino, os instrumentos de avaliação da aprendizagem, e do desenvolvimento psicológico segundo Joly Gouveia” (BITTAR, 2009, p. 6). Com a criação do próprio INEP, do Centro Brasileiro e Centros Regionais de Pesquisa em 1956, as pesquisas assumiram um caráter mais funcionalista. Cabe ponderar que essa tendência foi mantida com o golpe de 1964, que, além disso, imprimiu um caráter tecnicista.

Todavia, as disputas ideológicas continuariam entre os católicos e liberais, com a introdução de debates sobre a LDB de 1948 a 1961. Por um lado, os católicos defendiam escola privada e, por outro, os liberais lutavam pelo ensino público, universal, estatal e laico. Esse momento é interessante porque foi por meio dessas disputas hegemônicas que surgiram inúmeras pesquisas sob essa ótica. Como afirma Bittar (2009, p. 7), “As décadas posteriores à implantação da Pós-graduação nas universidades consagrariam o próprio Anísio Teixeira e os temas relacionados à Escola Nova como os mais pesquisados do Brasil”.

Esses meandros da história reafirmam a teoria de Bourdieu, que concebe o campo científico como arena científica. Para ele, não é um *locus* cético ou uma comunidade científica, como apregoava Merton<sup>1</sup>. A visão bourdesiana entende a ciência como atividade social e nela não imperam normas consensuais. Ela é dinâmica; há disputas e imposições de ideologias dominantes em cada época.

São essas disposições que almejam o reconhecimento no campo, que orientam os investimentos intelectuais dos pesquisadores, visando à aquisição de bens simbólicos, como bolsas, prêmios, periódicos *qualis* A. Essa busca por melhores posições hierárquicas pode ajudar a explicar a indagação de Bittar (2006) em sua investigação **Estado da arte em história da educação brasileira após 1985**: um campo em disputa – por que certos assuntos saem de pauta repentinamente.

---

<sup>1</sup> Cf. MERTON, Robert King. *The Matthew Effect in Science II: cumulative advantage and the symbolism of intellectual property*. *ISIS*, v. 79, p. 606-623, 1988.



[...] determinados assuntos sumiram das pesquisas sem que tivéssemos chegado a alguma conclusão sobre eles enquanto outros, alçados à primeira grandeza, passaram, sistematicamente, a reincidir. Conclui seu texto lembrando Bourdieu que, ao analisar os conflitos que ocorrem no campo, chama a atenção para o fato de que a redundância observada nos domínios mais consagrados é o preço do silêncio que paira sobre outros objetos (BITTAR, 2006).

As temáticas incorporadas e naturalizadas são a lógica de funcionamento do campo científico, como já advertido por Bourdieu. Efetivamente isso acontece porque um grupo seleto de pesquisadores que possuem um elevado índice de capital científico (puro/técnico) direciona o campo de pesquisa, ditando e definindo o que é ciência, ou seja, o que deve ou não ser pesquisado. Conforme Hey (2008, p. 48), “os agentes fazem um trabalho lento, elaborando um projeto de sociedade que vai sendo gradativamente naturalizado como o único possível sendo que aí se estabelece a ideologia dominante”.

Reconhecidamente, pode-se dizer que as disputas científicas, aparentemente controladas pelos pesquisadores, iniciaram-se a partir da institucionalização dos programas de educação por volta da década de 60. No entanto, “[...] do ponto de vista formal, a pós-graduação no país somente foi instituída em 1965, quando foi aprovado no Conselho Federal de Educação o Parecer 977/65, de autoria de Newton Sucupira” (CARNEIRO JUNIOR; LOURENÇO, 2003, p. 179).

Nesse contexto, cabe ressaltar que a pesquisa no Brasil foi constituída de forma intencional pelo Ministério de Ciência e Tecnologia, cuja intenção era capacitar os recursos humanos para a estratégia militar, igualando-se a outros países e, sequencialmente nutrir os quadros docentes para as universidades brasileiras (CARNEIRO JUNIOR; LOURENÇO, 2003, p. 178).

O primeiro curso de Pós-Graduação em Educação surgiu no Rio de Janeiro em 1965, na Pontifícia Universidade Católica (PUC), de acordo com Parecer n.º 977/65. Nesse entremeio, foi constituída a reforma universitária (1968), sendo importante enfatizar o esforço do professor Laerte Ramos de Carvalho, que convocou vários pesquisadores para complementar as lacunas das pesquisas sobre a História da Educação (ALMEIDA, 2017).

Um fato chama a atenção: em pleno movimento de solidificação da ciência no Brasil, pode-se dizer que um dos “tiros saiu pela culatra”. Os mentores que constituíram a pós-graduação dentro de um governo militar não conseguiram controlar a prática da pesquisa científica.

[...] a criação da pós-graduação nas universidades brasileiras da forma institucionalizada como hoje a conhecemos, priorizando as atividades de pesquisa, deve ser atribuída à modernização autoritária e conservadora dos governos militares. Por uma das frequentes ironias da história, o feitiço voltou-se contra o feiticeiro, isto é, a ditadura criou uma estrutura escolar que produziu consequências políticas e culturais em boa parte contrárias aos objetivos dos criadores. Com efeito apesar da orientação tecnicista, conservadora, repressora da política educacional daqueles governos, as pesquisas produzidas pelos programas de pós-graduação **cada vez mais criticavam o sistema que os criou** (NOSELLA, 2010, p. 178, grifo nosso).

A reação dos militares e a institucionalização escolar qualificaram as pesquisas principalmente no período de 1965 a 1985. Baseada em um modelo moderno americano instituído e densidade teórica europeia (ALMEIDA, 2017), a prática de pesquisa se estendeu a outras organizações sociais, como a criação do Grupo de Trabalho “História da Educação da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação” da (ANPED) em 1984, vinculado a outras iniciativas, como o grupo de pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil” em 1986, o HISTEDBR (PESSANHA, 2016).

Dentro desses moldes, em prol da memória educativa, o *status* da “história da educação” transpassou a concepção de objeto/disciplina. Sua autonomia como campo específico de investigação alavancou inúmeras pesquisas que propunham o:

[...] caráter de levantamento, identificação, classificação e catalogação de fontes. Isso ocorre de modo especial a partir dos anos de 1970, com a implantação dos programas de pós-graduação, convertendo-se em projetos sistemáticos a partir da década de 1990, com a instalação de grupos de pesquisa na área de história da educação (SAVIANI, 2008, p. 155).

Sob o caráter unificador, especialistas de diversos campos do conhecimento se organizaram para pensar no mesmo problema, mas, com a consolidação dos programas, adveio também a crise dos paradigmas. Consequentemente, comprovou-se certo esgotamento das grandes visagens históricas, e a presença do pluralismo epistemológico e temático foi enaltecida, desencadeando, assim, estudos focados em objetos singulares.

[...] filiações de diferentes sujeitos do discurso acadêmico a outros modelos e métodos, articuladamente à expansão da construção de temas e objetos, visam a identificar, descrever, explicar e interpretar a educação em perspectiva microscópica, no momento histórico que coincide duplamente com a crise da identidade moderna do sistema escolar brasileiro e com a chamada ‘crise de paradigmas’ (isto é, o aparente esgotamento das grandes visagens histórias) de investigação e conhecimento científicos (isto é, estruturalismo, funcionalismo e marxismo). (MONARCHA, 2007, p. 72-73).

Em função disso, a educação escolar vem experimentando novas concorrências acadêmicas que tendem à especialização interna, em que se observa alto grau de detalhamento. Essa fragmentação dos objetos se afasta da cultura mais geral pedagógica (BRANDÃO, 2006; SAVIANI, 2008). Segundo Brandão (2006), a potencialização de diálogos da Educação com outros campos disciplinares apresenta

[...] outros problemas que estão a exigir que nos encontremos cada vez mais alertas quanto aos riscos do fascínio pelas novidades acadêmicas. E entre elas estão seguramente, as novas roupagens, os novos objetos e as novas abordagens em História da Educação, assim como o trânsito fácil pela antropologia e literatura (BRANDÃO, 2006, p. 110).

Para autora, a História da Educação precisa urgentemente organizar seu domínio teórico-empírico sobre o objeto que se investiga. É inescusável estabelecer um estatuto epistemológico próprio porque, embora rejeite sua situação de “‘subproduto’ da História Geral ou da Pedagogia, ela ainda não conseguiu definir com precisão seu efetivo objeto de investigação, e muito menos um peculiar recurso teórico-metodológico” (TAMBARA, 2006, p. 84).

Buffa (2016, p. 140), por seu turno, compartilha desse sentimento, contagiada pelas falas de Bourdieu quando trata da fragmentação como carecimento de domínio teórico, metodológico, epistemológico sobre objeto: “[...] ao analisar os conflitos que ocorrem no campo, chama a atenção para o fato de que a redundância observada nos domínios mais consagrados é o preço do silêncio que paira sobre outros objetos” (BUFFA, 2016, p. 410).

Conforme muitos autores, o problema maior não está na especialização do campo, mas no modo como é empregado o domínio teórico-empírico. Por isso, investigar a adoção dos métodos e correntes historiográficas como marxismo, história cultural, história das mentalidades, estruturalismo, pós-estruturalismo dos líderes de pesquisa pode revelar muito sobre o contexto que rodeia as crises paradigmáticas.

Por outra frente, a macroestrutura sofre também críticas porque é determinante e exalta um padrão homogêneo de sociedade. Não é voltada para as particularidades, como já aludido. O campo da Educação tem um caráter multidisciplinar, o que impõe várias discussões circundadas em relação às suas identidades epistemológicas. Por isso, é importante exercitar a crítica sobre a produção científica em todas as suas etapas e processos, verificar como se comportam os pesquisadores, uma vez que “O processo crítico de uma pesquisa, do início ao fim, designa uma disponibilidade que coloca sistematicamente em dúvida tudo que

nos parece verdade: os conceitos protegidos, as palavras de ordem, as verdades tidas como sacrossantas, etc.” (MACEDO, 2009, p. 111).

Como qualquer outro campo social, a educação se organiza com lógicas próprias, disputas e estratégias, visando a manutenções e/ou subversões da hierarquia científica, constituindo-se como um campo que possui relações de força, monopólios, lutas e estratégias, seus interesses e lucros (ORTIZ, 1983).

As escolhas estratégias são uma das personificações existentes do comportamento dos pesquisadores, isto é, para os pesquisadores produzirem cientificamente e escalarem posições na pirâmide científica, eles incorporam disposições, o *habitus* científico. Por meio de influências micro e macrossociais que permeiam o campo científico, eles se inserem e se conservam nesse campo. O ato de escolher bons temas é uma sacada, uma perspicácia considerada por muitos como arte.

Antes de adentrar a esfera de como se estabelecem os estratagemas do campo científico, é preciso explicitar as bases teóricas e metodológicas das escolas históricas que subsidiam as produções científicas.

## **1.2 Correntes historiográficas presentes no subcampo científico da História da Educação**

As escolhas metodológicas adotadas para o subcampo científico da História da Educação são designadas como escolas históricas. Toda renovação das escolas provoca mudanças no tempo histórico e “é esta reconstrução que permite a renovação teórico-metodológica, pois é a partir dela que se distinguem novos objetos, que se formulam novos problemas e reformulam-se os antigos, que se constroem novas abordagens.” (DECCA, 2000, p. 29).

Como ponto de partida, destaca-se a escola historicista, tendo como pano de fundo a história-documento, concebida como um objeto maior do positivismo. É responsável, na maioria das vezes, por propagar concepções políticas no seu tempo histórico, afastando-se da filosofia do pensamento. As filiações às abordagens acontecem de forma passiva, sem a realização de intermédio nas relações.

Embora se entenda as contribuições iniciais da ciência positivista em avançar na produção do conhecimento humano, a partir da própria razão humana e o distanciamento das explicações mágico-metafísicas, concorda-se que sua utilização no campo educacional apresenta entraves clássicos para a pesquisa, como a suposição de neutralidade do pesquisador e o não compromisso em propor uma saída transformadora para o fenômeno observado. (SILVA; BORGES, 2018, p. 568).

A escola historizante, como também é mencionada, impõe à investigação científica a “objetividade absoluta no domínio da história; pensa atingir os seus fins aplicando técnicas rigorosas respeitantes ao inventário das fontes, à crítica dos documentos, à organização das tarefas na profissão” (BOURDÉ; MARTIN, 1987, p. 97).

A escola positivista, por sua vez, é individualizada como metódica, sendo considerada como pseudo-história. As pesquisas vinculadas sofrem orientação política. Caracterizam-se como enviesadas pelas performances do Estado, sendo perceptível, por muito tempo, que o estudo que dominava estava envolto em guerras.

Essa história política que é, por um lado, uma história-narrativa e por outro, uma história de acontecimentos uma história fatural, teatro de aparências que mascara o verdadeiro jogo da história que se desenrola nos bastidores e nas estruturas ocultas em que é preciso ir detectá-lo, analisá-lo, explicá-lo (LE GOFF, 1990, p. 3).

O positivismo, dessa maneira, não se desatrelava da propaganda política, chegando ao ponto de não se conseguir distinguir o que era história e o que era o Estado, pois este encampava todas as reproduções, dando aparência de que representava o saber histórico, e era aquilo que deveria ser contado. “Para obedecer aos critérios de cientificidade que se atribuiu, a pesquisa histórica tende a confundir a memória social com a memória do Estado.” (LE GOFF, 1990, p. 128).

Já o estruturalismo é fiel a uma história determinista influenciada por Lévi-Strauss e Saussure. Como estruturalista, Strauss via, nos seus estudos etnográficos, a real retidão da diversidade cultural dos povos: “[...] a etnografia daria conta do regular, do inconsciente, do estrutural, do permanente, o que definiria nossa própria humanidade” (GONÇALVES, 2011, p. 28). Essa escola histórica traz à tona o que está escondido por trás das estruturas, mediante a observação do comportamento humano.

Entendamos que a história se situa no plano do dito do manifestado, à superfície dos testemunhos ao passo que a etnologia procura o aquém desse dito e desse manifestado, inspirando-se no método lingüístico. Uma cultura, com efeito, organiza silenciosamente os comportamentos quotidianos, como o sistema da língua modela o discurso fora da consciência do sujeito que fala (BOURDÉ; MARTIN, 1987, p. 179).

Cabe aqui citar o estruturalismo em Bourdieu, que usufruiu dos métodos etnográficos para realização de estudos na Argélia e Beárn rural, observações minuciosas do sociólogo que busca compreender o *modus operandi* do sistema social. Ele considerava as ações mais

peçoais e mais transparentes dos indivíduos que visassem questionar qual estrutura historicizada é permeada nas instituições. Conforme Bourdieu (1996 apud THIRY-CHERQUES, 2006, p. 32), o indivíduo “[...] é sujeito da estrutura estruturada do campo, dos seus códigos e preceitos. Mas, dentro de limites, de restrições inculcadas e aceitas, a sua conduta, a improvisação e criação são livres: conformam a estrutura estruturante do *habitus*”.

Já o movimento de renovação histórica surgiu em 1929, com a fundação da revista *Annales* por Lucien Febvre e Marc Block, com o objetivo número um de destronar o positivismo, dando um novo olhar sobre a história política. Mesmo reconhecendo o caráter político da história, a Escola dos *Annales* se recusa a exaltar o viés político como terreno privilegiado dos historiadores, destarte: “[...] aprendemos com os historiadores dos *Annales* que a história se faz a partir do e para o presente” (GONÇALVES, 2011, p. 30).

Consagra-se, assim, uma nova tendência historiográfica, a francesa, chamada também de “nova escola”, um verdadeiro divisor de águas para as pesquisas em História da Educação. Ela contribuirá com a inserção de novos conceitos, métodos e hipóteses, e um diálogo presente com outras ciências sociais como a geografia e a antropologia. Dentro dessa lógica, os *Annales* não se definem como só um movimento, mas se apresenta como um novo papel social para a escrita e o ensino da história (GONÇALVES, 2011).

O movimento que Lucien Febvre realizou foi deslocar a escola dos *Annales* para estruturas mentais, tornando-a precursora da História das Mentalidades. Segundo ele, sem problema não há história. Inicia-se então uma interlocução efetiva entre as disciplinas vizinhas, gerando filiações fecundas para as produções científicas.

Naquela época, o foco da escrita da história eram as guerras, os documentos oficiais. Os dados quantitativos serviam à elite, ou melhor, a história se identificava e era incorporada pelo Estado, ignorando toda uma práxis filosófica. Não se prestigiava a história vista de baixo. “Às mulheres, as crianças, aos estrangeiros e aos escravos não estava reservado um lugar na fama ou na memória, portanto, também lhes faltava um lugar na história” (GONÇALVES, 2011, p. 34).

A presença dos *Annales*, portanto, desacelerou a história e desestimulou a propensão de eventos, interveio como controle desestruturador, pois, no século XX, o eurocentrismo perdeu força. A Europa deixou de ser o centro do mundo, perdendo espaço para o Atlântico e a região Leste, eclodindo, assim, movimentos de independência das colônias, como as revoluções soviética e chinesa, instalando-se a crise do capitalismo (DECCA, 2000).

A experiência que demarcou a Europa no século XX foi a derrota:

[...] foi nesse contexto de derrotas militares, políticas e individuais dos chefes políticos que se elaborou o tempo histórico desacelerado e que desconfiava de militares, políticos e grandes indivíduos. A aceleração moderna da história significou a produção ansiosa de eventos, radical e sem limites, e produziu o maior evento do século XX: o fim da Europa como centro da grande história! (DECCA, 2000, p. 43).

Sob olhar crítico às fontes oficiais, o ideal de política é transferido para a economia. Isso implicou a ampliação das fontes, modificando a conjuntura de estudos do próprio ofício do historiador, que via, nas fontes escritas, um sentimento de incompletude. Foi nesse exato momento que se fez necessário acordar as fontes (BACHELARD, 1977). O despertar permitiu interpretar melhor a realidade em que estamos inseridos. “Esse deslizamento do aspecto político para o econômico pressupõe o alargamento das fontes, a mudança radical no próprio ofício do historiador, que não pode se contentar com as fontes escritas para ter acesso aos fundamentos da sociedade” (DOSSE, 1992, p. 75).

Considerado por muitos como um dos historiadores mais importantes da 2ª geração dos *Annales*, Braudel desconsiderou a história historizante, ao centralizar, em seus estudos, o Mediterrâneo (1949), e não Felipe II. O rei deixou de ser importante e foi substituído pelo mar. Não havendo mais um período definido, o historiador trouxe à luz um novo paradigma, responsável por alterar o personagem principal. Para Braudel, era preciso ir além dos acontecimentos, alcançar as estruturas que resistem à história. “A história caminha mais ou menos depressa, porém as forças profundas da história só atuam e se deixam apreender no tempo longo” (LE GOFF, 1990, p. 45).

O historiador, por conseguinte, estabeleceu uma ruptura epistemológica, transformando várias pesquisas direcionadas ao determinismo da civilização (trigo, arroz, milho que dominaram a vida material) sob uma perspectiva mais espacial, gerando uma conexão entre a geografia e a história. Segundo ele, era preciso ir além dos acontecimentos. Há estruturas que resistem à dinâmica da hierarquia dos objetos simbólicos, no entanto os *Annales* vieram para destituir a totalidade histórica para se voltar aos estudos dos micro-objetos. “Ao decompor a unidade temporal, permitiu o estudo de objetos heterogêneos, a quebra do tempo e a história em migalhas” (DOSSE, 1992, p. 159).

Por meio da *Nouvelle histoire*, nasce a renovação teórico-metodológica, possibilitando novas oportunidades de pesquisas. A partir daí, surgem novas abordagens, novos problemas, novas fontes, novos temas, demarcando a terceira geração.

Nesse contexto, as diversas produções humanas, materiais e/ou simbólico-culturais, além do mais variados comportamentos e práticas, como o sexo, o medo, a morte, as maneiras de se vestir, de comer, de ler, de escrever, entre tantos outros motivos, passaram a interessar aos domínios da História (BEZERRA, 2021, p. 406).

Essa demarcação adveio no final da década de 1960 e no começo de 1970, trazendo mudanças paradigmáticas, em que a história se aproxima da Antropologia, que denomina a história vista de baixo. Os estudos começam a se voltar para a cultura material e o cotidiano de personagens, convertendo-se numa verdadeira "renovação do domínio científico". Então, a História Cultural passa a ocupar uma posição central.

A prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX. Na França, a terceira geração dos *Annales* realizou deslocamentos que, sem negar a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, nem a pertinência dos estudos de natureza econômica e demográfica levados a efeito a partir de fontes passíveis de tratamento estatísticos, propunha "novos objetos, problemas e abordagens" (BEZERRA, 2021, p. 407).

A História Nova, assim, é uma história associada à Escola dos *Annales*, introduzida por Jacques Le Goff, Roger Chartier e Jacques Revel. É a abordagem que se aproxima de toda manifestação humana. A história nova, desde o seu nascedouro (Voltaire/Chateaubriand), defendia a história de todos os homens, que acolhia a história das estruturas, dos acontecimentos, história em movimento, história das evoluções e das transformações explicativas.

As ciências, as artes e a educação pública eram rejeitadas no domínio da história. Em função das críticas às suas fragilidades, foi denominada de história em remendos. Segundo Tambara (2006), ela ainda é a melhor que temos quanto aos pontos teórico-metodológicos, uma vez que desenvolve uma análise do fenômeno educacional concatenada ao processo de produção do conhecimento que efetivamente transforma.

Dentro da história, a cultura material encontrou seu terreno propício, definindo-se como campo do saber historiográfico que preconiza a cultura e gera inúmeras modalidades historiográficas, pois se trata de um conjunto de objetos simbólicos que caracterizam uma sociedade. "A História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, como também os seus mecanismos de recepção" (BARROS, 2005b, p. 128).

A cultura por si só tem uma conotação polissêmica. São várias as definições, mas, no século XIX, era vista de cima para baixo, ou seja, normativa e determinista. Atualmente representa uma pluralidade de culturas e tende a dar conta de explicar as aproximações devido



aos amplos objetos de interesse que representam a cultura popular brasileira. Cabe aqui aprofundar a terminologia da cultura. De qual cultura estamos falando? Por que, para uns, objetos ou manifestações são concebidos como cultura, mas, quando se trata dos subalternos, os silenciados pela realidade social, considera-se folclore?

A História Cultural, nesse sentido, como campo historiográfico, tem sua delimitação a partir da década de 1980: “[...] é suficientemente rica para abrigar no seu seio diferentes possibilidades internas de tratamento, por vezes antagônicas. Apenas para resumir algumas possibilidades, ela abre-se a estudos da ‘cultura popular’, da ‘cultura letrada’, das ‘representações’ [...]” (BARROS, 2005a, p. 233). Entre os anos 1970 e 1990, a Escola da História Cultural desenvolveu diversas abordagens historiográficas contextualistas, relacionando o intelectual com a sociedade, e as textualistas trabalhavam as ideias textualmente (discurso ou mensagem). (CASTANHO, 2006).

Já os marxistas se posicionaram contra a historiografia ideológica implantada pela sociedade capitalista. Dentro desse sistema, a escola historiográfica se torna refém da reprodução social capitalista, estando a serviço de todas as injustiças provenientes dela. O marxismo, para Luckács (2007, p. 73), representou uma “virada material” na filosofia alemã, pois, pela primeira vez, idealismo e materialismo se opuseram frontalmente. Em suas palavras: “A virada materialista na ontologia do ser social culmina na descoberta da prioridade ontológica da economia na qual ela pressupõe uma ontologia materialista da natureza” (LUCKÁCS, 2007, p. 73).

Cabe, então, aos adeptos do marxismo alertar não só sobre a importância da consciência de classe, mas também sobre o estatuto da criticidade do capitalismo, isto é, a importância de focar a discussão política do fenômeno educacional, ressaltando as desigualdades sociais das instituições de ensino, para que não deixem de promover a emancipação intelectual, social e cultural dos alunos. Conforme Marx (2008, p. 47), o “[...] método de vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. Reforça ainda que é preciso explicar aos homens essas diferenças nas relações pautadas nos conflitos das forças produtivas sociais *versus* a produção capitalista.

No final dos anos de 1980, a produção acadêmica obteve recorrente domínio da concepção marxista. A postura teórica era a que mais refletia a realidade brasileira desde 1964, do regime militar até a reabertura política dos anos 80.

Suas vertentes de análise preferenciais eram aquelas da história econômica, analisando a formação do capitalismo no Brasil, a transição da ordem escravocrata para a do trabalho livre e o surgimento do processo de industrialização. Por outro lado, realizava-se uma história dos movimentos sociais, em que, particularmente, eram estudados o proletariado industrial, com suas lutas de classes, bem como a formação do partido e do sindicato, todos esses estudos desembocando, nos anos 80, para uma análise das condições em que se davam a dominação e a resistência. No tocante à história política, eram privilegiados os trabalhos que discutiam a natureza do Estado e a formação dos partidos políticos no Brasil (PESAVENTO, 2012, p. 10-11).

O materialismo alinhado ao método do materialismo histórico-dialético era linha teórica que mais se adequava à realidade brasileira. Dentro dessa concepção, os objetos de pesquisa correspondiam aos produtos históricos do homem, transferindo a centralidade política para as relações econômicas e sociais. Observa-se que o marxismo não rompe com o viés político; ao contrário, permite entender todo processo histórico da constituição da formação contemporânea, levando os indivíduos a obter consciência e legitimidade em suas inquiuições.

A história, com o marxismo, torna-se saber militante, que tem como papel desvendar a verdade dos fatos passados e construir o futuro, encontrando, quase sempre, o modo de produção e a luta de classes como o cerne verdadeiro dos acontecimentos. A história passa a ter a atribuição de formas, hegelianamente, consciências, de desalienar, de permitir que os sujeitos históricos adquiriam a consciência de que forças inconscientes movem a ordem social e suas próprias ações (GONÇALVES, 2011, p. 28).

O materialismo histórico leva o homem a compreender o funcionamento da sociedade com os contributos da ciência. Aqui cumpre frisar a importância de se ter uma cultura filosófica para entender o que é o marxismo.

[...] o mais preocupante, é a naturalização desta vulgarização das contribuições epistemológicas. ‘Não leio nada, não conheço nada de Kant’, mas escrevo sem nenhum pudor que ‘meu método é o hipotético-dedutivo’. ‘Ignoro absolutamente o que é epistemologia’, mas digo sem nenhum problema, que ‘estou desenvolvendo uma pesquisa científica acadêmica’. Poderíamos incluir aqui um conjunto de afirmações, meras opiniões (doxa), que buscam estabelecer-se como verdades absolutas, de um conhecimento verdadeiro, sem nenhum fundamento na realidade. A matrix epistemológica vulgarizada não tem limites (MENEZES, 2022, p. 65-66).

O materialismo histórico insere, nos campos científicos, outros sujeitos das camadas populares que eram “esquecidos”, focalizando o homem como um ser histórico. Os pesquisadores que adotam essa linha metodológica representam as vozes dos excluídos. Essas

contribuições, seguindo rigor científico, tornam a historiografia escolar privilegiada e com maior legitimidade social.

Marx não nos apresentou o que ‘pensava’ sobre o capital, a partir de um sistema de categorias previamente elaboradas e ordenadas conforme operações intelectivas: ele (nos) descobriu a estrutura e a dinâmicas reais do capital; não lhe ‘atribuiu’ ou ‘imputou’ uma lógica: extraiu da efetividade do movimento do capital a sua (própria, imanente) lógica. [...] o método implica, pois, para Marx, uma determinada posição (perspectiva) do sujeito que pesquisa: aquela em que se põe o pesquisador para, na sua relação com objeto, extrair dele as suas múltiplas determinações (NETTO, 2011, p. 52-53).

O próprio Bloch (1974 apud DOSSE, 1992, p. 90) diz que estender a legitimidade da história a vozes que antes eram totalmente silenciadas consiste em “[...] apelar para que o historiador esteja mais atento ao não dito pelos documentos: ‘Aquilo que o texto expressamente nos diz deixou de ser hoje o objetivo preferido de nossa atenção’.”.

Quando se destaca as pesquisas tradicionais, detecta-se um caráter elitista, porque se vê um olhar legitimador e partidário, enquanto o Marxismo visa combater essas bases ideológicas do positivismo. No entanto, acomoda-se nos seus próprios métodos (infraestrutura e superestrutura) e a história nova traz a ideia de história desafiadora que busca abarcar multiplicidade de saberes historiográficos (LE GOFF, 1990).

Quanto à história cultural, a crítica que se faz é sobre sua excessiva fragmentação, dando a entender que a nova história arquivou os estudos sobre os modos de produção, lutas de classe e as revoluções. Galvão e Fonseca (2017, p. 79-80) enfatizam esse aspecto quando citam o silêncio do campo científico:

Talvez por não termos tido, na constituição da área, muitos trabalhos de base, que nos informassem, por exemplo, a distribuição da alfabetização no país ou um levantamento exaustivo dos livros didáticos mais usados em um dado período e local, temos produzidos trabalhos com excessiva delimitação espacial e temporal: tornamos objetos dos nossos estudos o diário de uma professora sobre sua experiência docente nos anos 1960 em determinada comunidade, ou sobre três cadernos de alunos do início do século XX utilizados em um certo grupo escolar, ou sobre a escola de D. Mariinha no século XIX, ou sobre um livro encontrado em um sebo qualquer sobre o qual não se tem dado algum – se foi um fracasso ou um sucesso editorial, que lugar ocupava sua editora no mercado da época, onde circulou – e assim por diante (GALVÃO; FONSECA, 2017, p. 79-80).

As autoras evidenciam a importância de ter o cuidado de não escalar escolhas metodológicas para não tornarmos inclinados da tendência à hegemonização teórica. Na

maioria das vezes, os pesquisadores são estimulados para esse fim, de buscarem para si o tão sonhado lucro simbólico, pois o próprio sistema favorece essa prática, estabelecendo um perfil comum de pesquisa. Colaborando para que isso aconteça, o pesquisador dará continuação e estagnar o território. Ora, existem outros espaços de sociabilidade que também podem ser explorados. “Muitas vezes a história cultural comparece, em nossos trabalhos, como uma poderosa estratégia discursiva para que o artigo, o projeto ou a dissertação/tese sejam aprovados [...]” (GALVÃO; FONSECA, 2017, p. 84).

O domínio dos trabalhos sob determinada escolha, seja ela qual for, impede algo além daquilo que está predeterminado, impossibilita analisar cosmovisões antagônicas. Em contrapartida, não há como negar que temas antes negligenciados representam uma significativa contribuição para o campo. Dentro dessa perspectiva, é inescusável analisar como se imprime o processo lógico dos procedimentos paradigmáticos e bibliométricos.

Assim, desvendar como se constituem esses procedimentos é a maneira de se preocupar com a construção do conhecimento. Por isso, o estudo bibliométrico como complemento das abordagens em Bourdieu e os procedimentos epistemológicos visam analisar os avanços das disciplinas científicas, mais precisamente o uso da cientometria. Conforme Glanzel (2003), são técnicas que avaliam a comunidade científica com auxílio de indicadores e abordagens quanti-qualitativas: a “[...] metodologia bibliométrica compreende componentes de matemática, ciências sociais, ciências naturais, engenharia e até ciências da vida” (GLÄNZEL, 2003, p. 5, tradução nossa).

## 2 ESTUDO CIENTOMÉTRICO E EPISTEMOLÓGICO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS DOS GRUPOS DE PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

O método é, na realidade, uma astúcia de aquisição, um novo e útil estratagema na fronteira do saber.

(BACHELARD, 2006, p. 136.)

O método é um processo de construção do sujeito que reconhece, no objeto da crítica, as suas múltiplas determinações históricas. Suas ações se justificam, pois

O método é a consciência dessa via e desse processo. Se as ‘rupturas’ teóricas e metodológicas estão ocorrendo sem método – ou seja, sem a consciência da ruptura – não é difícil entender por que o resultado é um produto sincrético, onde predomina o formalismo teórico impotente para articular a empiria dispersa (WARDE, 1990, p. 74).

A cientometria consiste numa técnica de mensuração que serve para averiguar as publicações científicas. Visa avaliar o desempenho da ciência e mede o comportamento dos paradigmas científicos e, no caso desta investigação, como se constituem as produções discursivas que cercam a disciplina específica “História da Educação”.

Los temas que interesan a la cientimetría incluyen el crecimiento cuantitativo de la ciencia, el desarrollo de las disciplinas y subdisciplinas, la relación entre ciencia y tecnología, la obsolescencia de los paradigmas científicos, la estructura de comunicación entre los científicos, la productividad y creatividad de los investigadores, las relaciones entre el desarrollo científico y el crecimiento económico (SPINAK, 1998, p. 142).

A métrica tem como objetivo estudar a atividade científica como fenômeno social, construindo indicadores quantitativos. É importante ressaltar que isso não significa que seus estratos matemáticos têm um fim em si mesmo; a cientometria auxilia e complementa as outras análises qualitativas. Com a aplicação do estudo cientométrico, a investigação consegue mapear “[...] quais os assuntos, temáticas e caminhos que estão sendo explorados em um determinado momento no ambiente” (VANTI, 2002, p. 156).

O estudo de citação, por exemplo, permite entender a dinâmica da disciplina científica e como se estabelece o processo cognitivo dos pesquisadores quando se dispõem a comunicar cientificamente. Conforme Freitas, Bufrem e Macedo (2022), “[...] os estudos de citações podem contribuir para a clareza dos construtos teóricos, metodológicos e

epistemológicos constituídos pelos pesquisadores vinculados à disciplina científica ao longo de sua evolução”.

Nesse viés, este estudo se constitui em análises quantitativas e qualitativas fundadas no delineamento crítico dos pressupostos epistemológicos de Sanchez Gamboa (1987, 2008) e na teoria hierárquica dos objetos científicos de Bourdieu (1998). Conectadas, essas teorias instrumentalizam os procedimentos cientométricos, permitindo, assim, refletir e avaliar a produção dos líderes do subcampo científico da História da Educação. “La cienciometría usa técnicas matemáticas y el análisis estadístico para investigar las características de la investigación científica. Puede considerarse como un instrumento de la sociología de la ciencia” (SPINAK, 1998, p. 143).

Conectada com os estudos métricos, a pesquisa se aprofunda nas raízes da tradição disciplinar, à luz da vigilância epistemológica – o cuidado permanente com as condições e os limites da validade de técnicas e conceitos dos artigos científicos produzidos pelos líderes durante o andamento de suas pesquisas.

Em trabalho anterior, Sanchez Gamboa (1987) utilizou essa técnica avaliativa sobre as dissertações e teses existentes nos Programas de Pós-graduação em Educação no estado de São Paulo, de 1971 a 1984. Já esta investigação analisa os artigos científicos veiculados pelos líderes dos grupos de pesquisa que são considerados um grupo seletivo da ciência, ou seja, aqueles que se nutrem da práxis da pesquisa científica (FREITAS; SOUZA, 2018).

Nessa seara, o exame permitirá revelar como são guiados os sujeitos que se organizam em torno de projeto maior, como se vê: “Os grupos de pesquisa são responsáveis pela investigação de temáticas relevantes no âmbito científico, conduzem o debate e acirram o saber-fazer, contribuindo, sobremaneira, para a construção de conhecimentos” (SILVA; CASIMIRO; DUARTE, 2016, p. 15).

Os grupos de pesquisas se organizam dentro de hierarquias de trabalhos. Os líderes são responsáveis pela condução desse grupo, que é composto por pesquisadores, estudantes, técnicos e egressos. São considerados protagonistas das comunicações científicas, têm poder de decisão e conduzem os projetos de pesquisa. Ressalta-se que os problemas apresentados pelos grupos de pesquisa são orientados por suas linhas de pesquisa, visando atender aos interesses que o campo científico apresenta. Geralmente as demandas não suprem as necessidades externas ao campo, mesmo que a sociedade seja seu fim último.

A opção pela tipologia dos artigos científicos se deu devido ao periódico científico representar a certificação da ciência. “A comunicação formal se utiliza de canais formais, como são geralmente chamadas as publicações com divulgação mais ampla, como periódicos

e livros. Dentre esses últimos, o mais importante, para a ciência, são os artigos publicados em periódicos científicos” (MUELLER, 2000, p. 20). Além de passar pela avaliação cega por pares, o acesso livre à maioria dos artigos gera nos pesquisadores maior responsabilidade do que se vai publicizar no meio científico.

A qualidade das publicações eletrônicas está sob o controle dos editores e dos leitores, mas também são as instituições de fomento, ensino e pesquisa as que devem incentivar e garantir a qualidade da produção científica. É de responsabilidade de todos os participantes desse processo que sejam publicados preferencialmente contribuições originais, que solidifiquem avanços do conhecimento científico, evidenciando a importância da inovação e originalidade das publicações. Assim como, também, contar com recursos que garantam manter a sua periodicidade, cumprir com normas internacionais e um corpo editorial com representatividade (MORENO; MÁRDERO ARELLANO, 2005, p. 78-79).

Associado a isso, sabe-se que as avaliações a que se submetem os programas de pós-Graduação são orientadas pelo número de artigos publicados em periódicos, com o fator de impacto. Dessa forma, analisar a qualidade da comunicação científica desses líderes é fulcral para o desenvolvimento da ciência, visto que “o periódico científico é um dos elementos básicos para a comunicação e a pesquisa, uma vez que permite não apenas a divulgação de novos resultados, mas também o início de novas investigações” (TARGINO, 1988, p. 89).

Com o canal científico determinado, seguiu-se o fluxo da pesquisa com a coleta de dados, realizada em setembro de 2020, tendo como fonte de referência o censo de 2016. A busca parametrizada foi realizada no Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil do CNPq, no sítio <http://dgp.cnpq.br/>, sobre o objeto de pesquisa “História da Educação”. Para seleção dos dados, atribuiu-se o descritor “história da educação” com o auxílio dos seguintes buscadores: nome do grupo, nome da linha de pesquisa e palavra-chave da linha de pesquisa.

O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq reúne informações sobre os grupos de pesquisa em atividade no país abrangendo pesquisadores, estudantes, técnicos, linhas de pesquisa em andamento, produção científica, tecnológica e artística geradas pelos grupos. Apesar de caracterizar-se como uma base de informações de preenchimento opcional, o universo abrangido pela mesma vem aumentando ao longo do tempo, podendo-se supor relativa representatividade da comunidade científica nacional. As universidades, instituições de ensino superior e os institutos que ministram cursos de pós-graduação concentram mais de 90% dos grupos de pesquisa cadastrados, não fazendo parte do Diretório as empresas privadas (CARNEIRO; LOURENÇO, 2003 apud RAPINI, 2007, p. 103).

Em seguida, traçou-se um parâmetro de coleta de dados na planilha Excel para orientar as futuras matrizes bibliométricas. A partir daí, foram coletados 370 registros de

grupos cadastrados com o termo de busca. Observou-se, porém, que esses grupos não tinham efetiva atuação dentro do campo da Educação. Mesmo assim, foi possível perceber que a História da Educação é ativa em outras áreas do conhecimento, sendo necessário usufruir da filtragem e preparo desses dados voltados para o campo específico da Educação. Com esse crivo, eliminou-se inconstâncias e irrelevâncias, chegando ao total de 285 grupos. Desses, foram selecionados somente aqueles que pertenciam à Região Centro-Oeste.

O resultado foram 27 grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) dentro da Área Predominante: Ciências Humanas – Educação. Desses, foram ainda excluídos os grupos COLLIGAT – (Re)Pensando a Formação de Professores de Ciências da Natureza (UFG), ENCIEM: Núcleo de Pesquisa em Ensino de Ciências e Educação Matemática (IFG), HEMEP – História da Educação Matemática em Pesquisa (UFMS) e Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (IFG), por não se vincularem a programas de pós-graduação que abrangessem o campo especificado da Educação. Restou, assim, o universo de 24 grupos para exame.

Percebeu-se que o uso do descritor “História da Educação”, vinculado ao uso de filtros da base corrente “nome do grupo”, “nome da linha” e “palavra-chave da linha de pesquisa”, não englobou todos os grupos que trabalham sob a mesma linha investigativa da História na educação. Talvez, se os termos de busca por subdisciplinas existentes fossem ampliados, recuperaríamos mais grupos, todavia essa extensão também espelharia a presença de especializações que naturalmente provocam dispersões por si só. Desse modo, seria quase impossível enquadrar todas essas nuances.

Ficaram de fora da lista: “Grupo educação, história, memória e culturas em diferentes espaços sociais/HISTEDBR”; “Grupo de Pesquisa em Ensino Profissional – GPEP, Memória, Identidade, Cultura Material” e “Educação Infantil dos Povos Indígenas”; “Mnemosyne – Grupo de Pesquisas em Memória, Representações & Oralidades na Educação e no Ensino” e “Sociedade História e Educação – GEPSE/HISTEDBR-MS”.

A lista dos grupos mapeados para análise é apresentada no quadro 1.



**Quadro 1** - Relação nominal dos grupos de pesquisa em “História da Educação” na área da Educação que compõem a região da ANPED/Centro-Oeste

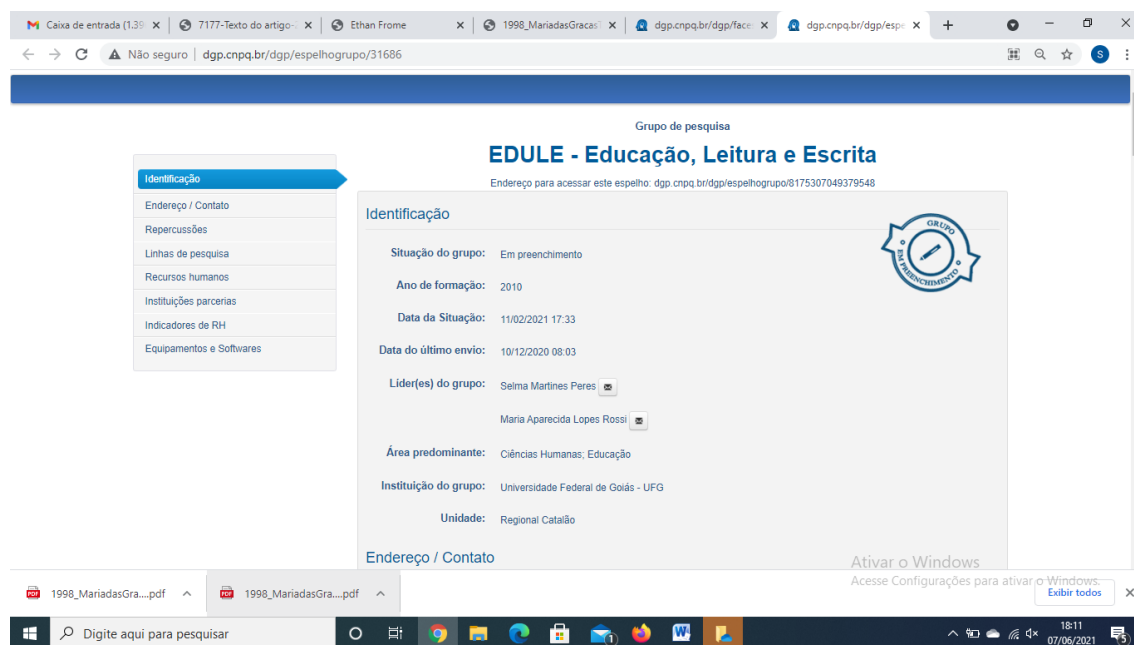
1. Educação, Leitura e Escrita
2. Estado, Política e História da Educação
3. Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais
4. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação
5. Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero
6. Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação, Instituições e Gênero
7. Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais e Órgãos de Gestão de Sistemas de Ensino
8. Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" no DF
9. Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil e Infância
10. Grupo de Estudos e Pesquisas Histórias e Memórias da Educação
11. História da Educação e Memória
12. História da Educação, Memória e Sociedade
13. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Rural no Brasil
14. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Relações Raciais e Educação
15. Observatório de Cultura Escolar
16. Políticas de Formação e Trabalho Docente na Educação Básica
17. Políticas Públicas de Educação
18. Políticas Públicas e Gestão da Educação
19. Currículo e Processo Formativo: inovação e interdisciplinaridade
20. Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento
21. Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília
22. Políticas Federais de Educação
23. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão (UFCAT)
24. Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação (UFG)

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Com o recorte selecionado, o universo da pesquisa recuperou 24 perfis registrados no Diretório de Grupo de Pesquisa (DGP), evidenciados pelas descrições, tais como: identificação, endereço/contato, localização geográfica, contato do grupo, repercussões, linhas de pesquisa, recursos humanos, instituições parceiras relatadas pelo grupo, indicadores de recursos humanos do grupo e equipamentos e softwares relevantes.

## 2.1 Perfil dos autores em relação às instituições

Com os dados capturados, recuperaram-se os seguintes campos extraídos: líderes, distribuição geográfica, instituição, *status* do grupo, ano de formação, linha de pesquisa e repercussão do trabalho do grupo de pesquisa. A figura 1 apresenta o espelho apreendido do Grupo de Pesquisa “Educação, Leitura e Escrita” (EDULE):

**Figura 1** – Exemplo de espelho do grupo de estudo em História da Educação na Região Centro-Oeste

Fonte: Diretório de Grupo de Pesquisa (DGP)<sup>2</sup>.

As informações necessárias coletadas para análise foram categorizadas conforme a orientação de Moran et al. (2010), classificando em: indicadores e operacionalização.

**Quadro 2** - Agrupamento dos grupos de pesquisa em História da Educação

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Indicação nominal das lideranças acadêmica e intelectual (L1 e L2)
Distribuição geográfica dos grupos de estudos	Sinalizar as localizações dos grupos de estudos por região dentro da área de concentração da Educação
Instituições	Identificar as instituições dos grupos de trabalhos para depois visualizar os programas de pós-graduação Stricto Sensu (M/D)
Status do Grupo	A situação que o grupo se encontra
Ano de formação	Delimitar o ano de criação dos grupos
Linhas de Pesquisa	Exposição das linhas, visando à construção de descritores
Repercussão dos trabalhos do grupo	Descrições sobre os objetivos a que se propõem e sua relevância social

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dos 24 grupos, no primeiro campo dos indicadores, foram identificados 43 líderes cadastrados (ver APÊNDICE). Num primeiro momento, percebeu-se que as lideranças são compostas por pessoas que possuem certa expertise no campo de pesquisa. São perfis que

<sup>2</sup>Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/31686>. Acesso em: 30 set. 2022.

estão imersos em atividades que são investigadas, assumindo, assim, a responsabilidade de coordenação e planejamento dos afazeres científicos que a própria pesquisa carece.

Importa destacar que a maioria dos grupos cadastraram dois líderes, que possuem o mesmo grau de importância conforme a disposição alternada do DGP. O que, na verdade, os diferencia é a identificação de quem inseriu os dados do grupo, que, no caso, fica sob a responsabilidade do primeiro líder (BATISTA; FARIAS, 2020).

Foram encontrados 19 grupos coordenados por dois líderes, um percentual considerável, confirmando a forte tendência de os grupos possuírem dois pesquisadores na liderança. Isso é resultado das influências do próprio CNPq que, mesmo não exigindo, recomenda pesquisadores com nível de doutorado: “O Diretório não exige titulação mínima para líderes, essa decisão também cabe ao Dirigente” (CNPq, 2021).

Mesmo havendo a tendência à coordenação por pares, cinco dos grupos selecionados possuem um único líder na direção: “Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais e Órgãos de Gestão de Sistemas de Ensino”; “Grupo de Estudos e Pesquisas Histórias e Memórias da Educação (HISMEE)”; “Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Rural no Brasil (NEPERBR)” e “Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento”. Essa constatação é diagnosticada como anomalias no campo científico e indica que o grupo está em construção ou não possui doutores dentro do quadro, sendo considerado atípico pelo DGP (CNPq, 2021).

Na leitura dos dados, notou-se que uma das líderes do “Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação, Instituições e Gênero (GPHEG)”, Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim Martins, possuía apenas o título de mestre até a data da seleção dos dados, que ocorreu em setembro de 2020. Esse resultado reflete também certa atipicidade<sup>3</sup>.

Importante enfatizar ainda a presença de oscilações no sistema do diretório. Um exemplo seria o “Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais e Órgãos de Gestão de Sistemas de Ensino”, que foi levantado anteriormente na coleta de dados, mas, em outro momento, quando procurado separadamente, não foi encontrado. Nesse caso, quando se exige mais informações, remete-se à busca no campo do líder para sanar dúvidas.

Essas falhas, quando questionadas, são justificadas por serem grupos que estão em estado de preenchimento, ou não atualizados, ou até mesmo de certificação negada. Nesses

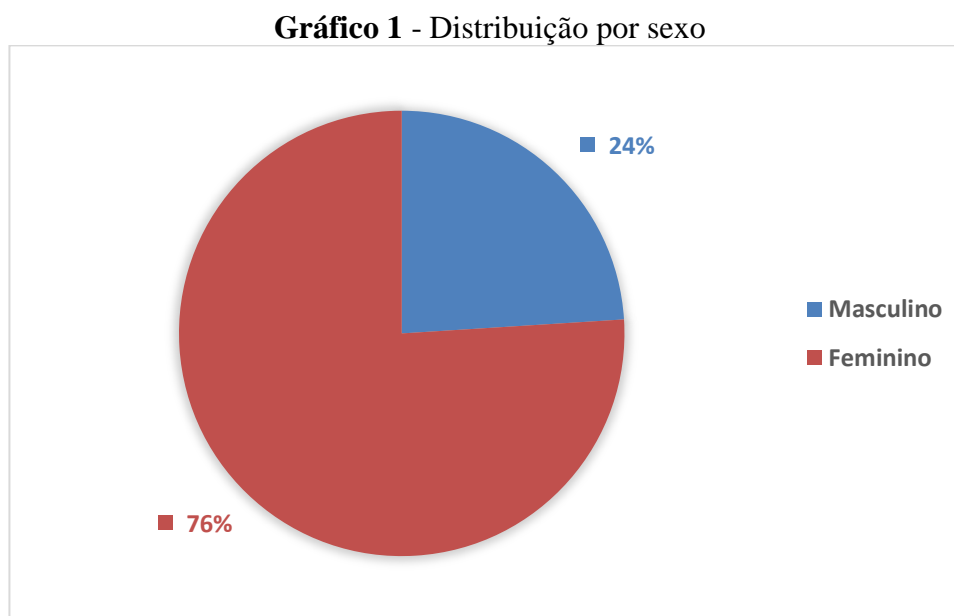
---

<sup>3</sup> As atipicidades devem ensejar uma melhor análise dos dados do grupo por parte do Dirigente de Pesquisa no momento da certificação, por isso este tem um ícone especial em seu *site* para verificar os casos atípicos. Disponível em: [https://www.franca.unesp.br/Home/Pesquisa39/Perguntas\\_e\\_Respostas.pdf](https://www.franca.unesp.br/Home/Pesquisa39/Perguntas_e_Respostas.pdf). Acesso em: 30 set. 2020.

casos, a pesquisa deixa de ter acesso ao banco da base corrente, fato que só acontece quando os grupos não estão certificados. Entretanto, não foi o caso desse grupo, que consta como certificado (UNESP, 2018).

Do universo dos 43 líderes, foram eliminados, para esta averiguação, dois líderes que se repetiam por transitarem em dois grupos de pesquisa: a líder Nádia Bigarella e o líder Wolney Honório Filho, sendo considerados também casos atípicos. Outro achado foi que, do total dos 41 líderes identificados, 31 são do sexo feminino, esta associação se deu a partir dos nomes levantados. O resultado ressalta a considerável participação de mulheres na ciência, alcançando o percentual de 76% de ocupação hierárquica no cargo, posição que exige poder de decisão sobre o andamento e as sequências da pesquisa.

No gráfico 1, ilustra-se a distribuição proporcional realizada por sexo dos pesquisadores:



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Esse indicador revela qual o poder de decisão ocupado pelas mulheres em terreno que antes era tradicionalmente ocupado pelo sexo masculino, confirmando a relevante presença feminina na formação científica e na geração da produção do conhecimento na História da Educação do Centro-Oeste. Porém, a “[...] proporção das mulheres em postos de maior prestígio não reflete o tamanho da contribuição. Mas a tendência de maior inserção das mulheres é clara, inclusive em posições acadêmicas de destaque” (HAYASHI et al., 2007, p. 186).

Ao tratar dos dados expressivos do sexo feminino, deve-se sempre considerar as trajetórias diferenciadas das mulheres. Quando equiparadas com ocupações de cargos técnico/administrativos, elas são impactadas desproporcionalmente. Ora, o meio científico é um recorte da construção histórica da sociedade. Sempre é relevante lembrar as durezas e desafios que uma mulher vivencia para ser reconhecida no mundo da ciência, sendo possível perceber os resquícios de discriminações sexistas dos que ocupam postos-chave dentro do campo científico (BOURDIEU, 2001).

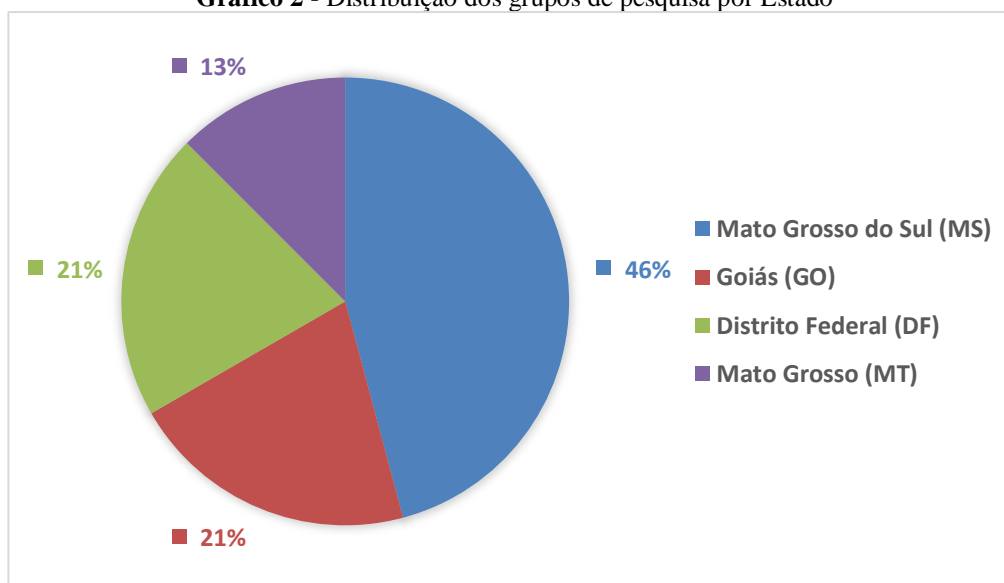
Essa situação faz com que as pesquisadoras, simplesmente pelo fato de ser mulher, busquem provar a todo tempo que são capazes de ocupar posições científicas e técnicas. Em contrapartida, é possível enxergar fortes movimentos que avançam nesse debate, permitindo as mudanças de posições, ultrapassando a posição de vítimas alcançando a serem protagonistas da própria história (FRANCESCHET FARIAS; ANTUNES, 2000; HAYASHI; RIGOLIN; HAYASHI, 2013).

## **2.2 Vinculação geográfica/institucional**

Como dito anteriormente, todos os grupos de pesquisa estão atrelados a programas de pós-graduação com alinhamento no campo da Educação, logo estão incluídos no corpus os Programas em Educação Profissional, Gestão, Educação e Tecnologias e Educação e Gestão Escolar, por entender que essas áreas se associam substancialmente às perspectivas de análise dos objetos da História da Educação. Desse modo, ampliar os programas a essas subáreas da Educação sinaliza maior representação do campo que se investiga, tornando a apuração mais efetiva e legítima.

A Região Centro-Oeste é composta pelos estados de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás mais o Distrito Federal. Os grupos são distribuídos entre as seguintes Instituições de Ensino Superior (IES): Universidade Católica de Brasília (UCB); Universidade Católica Dom Bosco (UCDB); Universidade Estadual de Goiás (UEG); Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS); Universidade Federal de Catalão (UFCAT); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS); Universidade de Mato Grosso (UFMT) e Universidade de Brasília (UnB).

O gráfico 2 detalha a distribuição dos IES da Região Centro-Oeste, divididos por estados vinculados a programas de pós-graduação que se concentram no campo da Educação.

**Gráfico 2** - Distribuição dos grupos de pesquisa por Estado

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dos 24 grupos mapeados, 17 estão instalados nas universidades federais; três estão localizados nas universidades estaduais e quatro, nas universidades particulares. Desses, 11 estão cadastrados em Mato Grosso do Sul (MS), representando 45,8% dos grupos distribuídos entre as universidades UFMS, UCDB, UEMS e UFGD. Atenta-se que cinco grupos pertencem ao estado de Goiás (GO) e Distrito Federal (DF), significando 20,8%. Já o percentual menor de 12,5% está no estado de Mato Grosso (MT), com três grupos.

No quadro 3, destacam-se os Líderes do Grupo em História da Educação no Centro-Oeste. Verifica-se que a UFMS e a UnB, cada uma com quatro grupos de pesquisa, juntas representam 33,33% dos núcleos sociais estabelecidos na Região Centro-Oeste. No Mato Grosso do Sul, dos 11 grupos identificados, o destaque fica para a UFMS, com o total de quatro grupos; em seguida, aparece a UCDB com três, e, sequencialmente, a UEMS e a UFGD, com dois grupos cada.

**Quadro 3 - Líderes do grupo em História da Educação no Centro-Oeste**

<b>Vínculo institucional</b>	<b>GPs</b>	<b>Liderança</b>
UFMS	HISMEE	Jorge Luís Mazzeo Mariano
	Observatório de Cultura Escolar	Eurize Caldas Pessanha Fabiany de Cássia Tavares Silva
	Políticas Públicas de Educação	Silvia Helena Andrade de Brito Margarita Victoria Rodriguez
	Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento	Liliam Cristina Caldeira
UnB	GEPPHERG	Renisia Cristina Garcia Filice
	HISTEDBR	Raquel de Almeida Moraes Eva Waisros Pereira
	Currículo e Processo Formativo: inovação e interdisciplinaridade	Francisco Thiago Silva Viviane Machado Caminha
	GRUPHE	Juarez José Tuchinski dos Anjos José Luiz Villar Mella
UFMT	GPHEG	Nilce Vieira Campos Ferreira
	GEM	Elizabeth Figueiredo de Sá Elizabeth Madureira Siqueira
	NEPRE	Candida Soares da Costa Sérgio Pereira dos Santos
UCDB	Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais e Órgãos de Gestão de Sistemas de Ensino	Nadia Bigarella
	Políticas de Formação e Trabalho Docente na Educação Básica	Celeida Maria Costa de Souza e Silva Valdivina Alves Ferreira
	Políticas Públicas e Gestão da Educação	Regina Tereza Cestari de Oliveira Nadia Bigarella
UFG	EDULE	Selma Martines Peres Maria Aparecida Lopes Rossi
	Estado, Política e História da Educação	João Ferreira de Oliveira Karine Nunes de Moraes
	NEPEDUCA	Wolney Honório Filho Aparecida Maria Almeida Barros
UEMS	G-TEPE	Érika Porceli Alaniz Leandro Picoli Nucci
	GEPHEB	Ademilson Batista Paes Estela Natalina Mantovani
UFGD	GEINFAN	Thaise da Silva Rosemeire Messa de Souza Nogueira
	GEPHEMES	Alessandra Cristina Furtado Kênia Hilda Moreira
UFCAT	NEPEDUCA	Wolney Honório Filho
UCB	Políticas Federais de Educação	Celio da Cunha Renato de Oliveira Brito
UEG	NEPRE	Flávio Reis dos Santos

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Entre os grupos pertencentes à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), o Grupo de Estudos e Pesquisas Histórias e Memórias da Educação (HISMEE) é certificado e sediado em Corumbá-MS. Seu líder é Jorge Luís Mazzeo Mariano. Fundado em 2019, o grupo desenvolve pesquisas dentro das linhas “Culturas Escolares”, “Feminização do magistério”, “História das instituições escolares” e “Histórias e Memórias da Educação”. O

grupo “Observatório de Cultura Escolar”, certificado e sediado em Campo Grande-MS, por sua vez, é coordenado pelas líderes Eurize Caldas Pessanha e Fabiany de Cássia Tavares Silva. Foi fundado em 2006 e desenvolve pesquisas em “Escola”, “Currículo” e “Cultura escolar”.

Já o Grupo Políticas Públicas de Educação, certificado e sediado em Campo Grande - MS, possui as linhas de pesquisa “Estado e políticas públicas de educação”, “História e educação”. É liderado por Silvia Helena Andrade de Brito e Margarita Victoria Rodriguez. Fundado em 1994, é considerado um dos grupos mais antigos da Região Centro-Oeste. Esse percurso pode refletir maior maturidade/densidade sobre a temática em tela. O grupo desenvolve pesquisas nas linhas “Estado e políticas públicas de educação”, “História e educação”.

Por fim, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento, certificado e sediado em Campo Grande - MS, liderado por Liliam Cristina Caldeira, foi constituído em 2018. Desenvolve linhas de pesquisa em “Alfabetização e Letramento”, “Formação de alfabetizadores e professores de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais” e “História das práticas de alfabetização no Brasil”. Observa-se que essa pesquisadora não possui publicação dentro da História da Educação. Talvez seja devido à linha e/ou ao próprio grupo de pesquisa ser recente.

Dos quatro grupos vinculados à UFMS, três se localizam em Campo Grande, capital do estado de Mato Grosso do Sul. Isso demonstra a força de concentração de um polo de pesquisa numa capital. Essa centralização pode ser considerada um ato intencional de concentrar a universidade federal na capital, conquistando-se, assim, um peso educacional e econômico, sinalização reforçada pelo fato de que há poucos campi espalhados no estado com programas de pós-graduação em Educação.

### **2.3 Status do grupo**

A situação de cada grupo é dimensionada pelos seguintes estratos: aguardando certificação pela instituição; certificado pela instituição; certificação negada pela instituição; grupo não-atualizado; grupo em preenchimento e grupo excluído (UNESP, 2018).

Verifica-se que 18 grupos se encontram com *status* “certificado”; quatro estão “Em Preenchimento”; um, “Aguardando certificado” e um, com “Certificado – não atualizado há mais de 12 meses”, que, no caso, é o Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais (G-TEPE).



O *status* aguardando certificado é atribuído a um grupo novo submetido ao CNPq pelo líder. O grupo ficará nesse estado até que o dirigente de pesquisa da instituição promova (ou negue) a certificação do grupo, no prazo de 12 meses. Já o *status* de “Certificado – não atualizado há mais de 12 meses” indica que o grupo, caso permaneça, poderá ser excluído pelo CNPq, não podendo ser mais recuperado.

O certificado pela instituição, por sua vez, é quando o grupo foi certificado pelo dirigente institucional de pesquisa da sua instituição. Somente os grupos com esse estrato são considerados pelo CNPq para os Censos do Diretório e estão disponíveis para buscas de acesso irrestrito na Base Corrente.

O grupo em preenchimento, por seu turno, significa que os dados reformados estão sendo “editados” pelo líder, mediante o Formulário on-line. Ressalta-se que o grupo só sai dessa situação quando seu líder enviar os dados alterados ao CNPq (UNESP, 2018). Além de certificado, o grupo deve ser atualizado sempre que houver alguma alteração, e o líder fica responsável por enviar os dados novamente para o diretório. Caso não forneça as informações novas, pode ficar com *status* de “em preenchimento”.

## **2.4 Data de criação dos grupos de pesquisa**

Concebido por muitos como um verdadeiro orientador coletivo, os “grupos de pesquisa são responsáveis pela investigação de temáticas relevantes no âmbito científico, conduzem o debate e acirram o saber-fazer por meio de suas produções, contribuindo, sobremaneira, para a construção de conhecimentos” (SILVA; CASIMIRO; DUARTE, 2016, p. 15).

Chama atenção a data de fundação dos grupos levantados. O grupo “História da Educação e Memória” da UFMT, por exemplo, foi fundado em 1993. O percurso histórico do grupo até os dias atuais pode revelar maior maturação sobre as temáticas que envolvem a História da Educação. Os mais recentes são os grupos criados em 2019: “Trabalho, Educação e Políticas Educacionais” da UEMS e “Trabalho e Educação, Grupo de Estudos e Pesquisas Histórias e Memórias da Educação” da UFMS, que podem espelhar novas estruturas e movimentos de pesquisadores que se aliam aos novos temas e ênfase sobre novos objetos que surgem com a dinâmica da ciência.

## 2.5 Delimitações das Linhas de Pesquisa

De acordo com CNPq (2021), as linhas de pesquisa devem representar “[...] temas aglutinadores de estudos científicos que se fundamentam em tradição investigativa, de onde se originam projetos cujos resultados guardam afinidades entre si”. Dessa forma, mapear as palavras-chave que sustentam as linhas de investigação pode demonstrar alguns fenômenos como a pulverização de temas, que explica por que em muitos trabalhos incidem a fragmentação teórica sobre o objeto científico, a dispersão e o isolamento de subdisciplinas.

O censo de 2016 permitiu identificar 24 grupos que desenvolveram 89 linhas de pesquisas. Destaca-se que um grupo pode ter mais de uma linha de pesquisa. Para exemplificar esse enquadramento das temáticas envolvidas, foram agrupadas as temáticas abordadas nas pesquisas apresentadas no Encontro de História da Educação do Centro-Oeste (EHECO). A medida de comparação se justifica por esse ser considerado um dos eventos científicos mais representativos e específicos acerca do assunto na região, com periodicidade bianual.

De antemão, alerta-se sobre o caráter subjetivo das associações por categorias baseadas nas temáticas indexadas pelas linhas, como também o encaixe de alguns temas em mais de uma categoria. O quadro 4 apresenta os eixos temáticos de trabalhos classificados pelo EHECO nos anos de 2017 e 2019.

**Quadro 4** - Eixos Temáticos do EHECO

<b>Categorias temáticas</b>	
1	Métodos e Fontes de Pesquisa na História da Educação
2	Instituições, Culturas e Práticas Escolares
3	Intelectuais e Pensamentos Educacionais
4	História da formação e profissão docente
5	Memória, História e Cultura em diferentes espaços sociais
6	Historiografia da educação brasileira e história comparada
7	Arquivos, centros de documentação, museus e educação
8	História e Políticas Educacionais

Fonte: Encontro de História da Educação do Centro-Oeste (EHECO).<sup>4</sup>

A intenção é identificar quais categorias por assunto foram mais acionadas pelos grupos. A seguir, destacam-se conexões entre as categorias temáticas relacionadas com as 111 linhas identificadas e associadas em oito categorias.

<sup>4</sup>Disponível em: <https://www.even3.com.br/eheco/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

**Quadro 5 - Categorização das temáticas desenvolvidas pelas linhas**

Categorias temáticas	Linhas de Pesquisa
1	1. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 2. Questões teórico-metodológicas da Pesquisa Histórica e Educacional 3. Teorias pedagógicas e políticas educacionais numa perspectiva comparada 4. Impressos pedagógicos, impressos de uso escolar e impressos de circulação geral 5. Arquivos, Fontes e Pesquisa em História da Educação
2	6. Ensino de Língua Materna: práticas, perspectivas e formação do professor 7. Leitura, História, Políticas e Práticas 8. Políticas, histórias e práticas pedagógicas na educação de trabalhadores 9. História da Infância, das Instituições Educativas e da Formação de Professores 10. História da África, Diáspora(s) e Cultura Afro-Brasileira 11. Quilombos: territórios, educação e soberania intelectual 12. Corporeidades, gênero e relações entre escolarização e corpo 13. História da Educação das Mulheres, Instituições Escolares e Gênero 14. Educação da criança: alfabetizações e letramentos 15. Educação da Criança: currículo, práticas pedagógicas e o brincar 16. Culturas Escolares 17. Feminização do magistério 18. História das instituições escolares 19. Cultura Escolar 20. História do Ensino Secundário 21. História e Memória de Instituições Escolares 22. Fundamentos da Educação e Práticas Educativas 23. Cor no Ensino Superior 24. Gênero e Raça 25. Quilombo: territórios e fronteiras 26. Relações raciais e educação 27. Relações étnico-raciais e educação 28. Trajetórias de professoras e alunos em Mato Grosso 29. Cultura Escolar 30. Cultura Material Escolar 31. Ensino Secundário 32. Escola, currículo e cultura escolar 33. Escolarização e urbanização 34. Currículo, Teoria e Ensino de História e História da Educação 35. Alfabetização e Letramento 36. História das práticas de alfabetização no Brasil 37. História da cultura material escolar 38. História das Culturas Escolares 39. Culturas Pedagógicas e Formação de Professores 40. História do Ensino Secundário no Brasil 41. Culturas Pedagógicas e Formação de Professores 42. História do Ensino Secundário no Brasil
3	43. Práticas e pensamento educacional 44. Pensamento Pedagógico e Políticas de Educação
4	45. Ensino de Língua Materna: práticas, perspectivas e formação do professor 46. Observatório: o trabalho docente na educação profissional em Goiânia 47. História da Infância, das Instituições Educativas e da Formação de Professores 48. Trajetórias de professoras e alunos em mato grosso 49. Currículo e Processos Formativos 50. Formação de alfabetizadores e professores de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais 51. Políticas de Formação e Carreira Docente 52. Culturas Pedagógicas e Formação de Professores
	53. Territórios, Memória(s) e História(s) do/no Distrito Federal 54. Educação do Distrito Federal: História e Memória 55. Culturas Escolares

Categorias temáticas	Linhas de Pesquisa
5	56. Histórias e Memórias da Educação 57. Memória e relações de gênero 58. Cultura Escolar 59. História e Memória de Instituições Escolares 60. Cultura Escolar 61. Cultura Material Escolar 62. Escola, currículo e cultura escolar 63. História da cultura material escolar 64. História das Culturas Escolares 65. História, Memória e Educação 66. Culturas Pedagógicas e Formação de Professores 67. História e Políticas Educacionais e História, Memória e Educação
6	68. Ciência e Tecnologia em perspectiva comparada: aspectos educacionais e político-sociais 69. História e Historiografia Comparada da Educação 70. História e Historiografia da Infância
7	71. Arquivos, Fontes e Pesquisa em História da Educação
8	72. Leitura, História, Políticas e Práticas 73. Expansão da educação superior e produção do conhecimento: financiamento, gestão e avaliação 74. Expansão e qualidade da educação superior no contexto do plano nacional de educação (2014-2024): tensões, limites e perspectivas 75. Financiamento da educação superior no Brasil 76. Política e gestão de sistemas públicos educacionais 77. Políticas e gestão da educação superior 78. Políticas, histórias e práticas pedagógicas na educação de trabalhadores 79. Políticas e gestão da educação superior (expansão, interiorização, privatização, avaliação, gestão e identidade institucional) 80. História e Políticas Educacionais 81. Trabalho e Educação 82. História do Ensino de Língua e Literatura 83. História da África, Diáspora(s) e Cultura Afro-Brasileira 84. Políticas Públicas, Gestão e Educação: Interseccionalidade Raça, Classe e Gênero. 85. Quilombos: territórios, educação e soberania intelectual 86. História da Educação, do Ensino e da Escola no Meio Rural 87. Sistema educacional brasileiro, história e políticas públicas de ensino superior 88. Política, Gestão e História da Educação 89. Políticas Públicas de Educação a Distância 90. História da Educação, Aberta, Continuada e a Distância 91. História da Informática na Educação 92. Teorias Pedagógicas e políticas educacionais numa perspectiva comparada 93. História da Infância e da Educação Infantil 94. História da Educação 95. História do Ensino Secundário 96. Capitalismo, Trabalho e Educação 97. Movimentos Sociais e Educação 98. Políticas Estatais para a Educação Rural 99. Quilombo: territórios e fronteiras 100. Ensino Secundário 101. Política, Gestão e História da Educação 102. Estado e políticas públicas de educação 103. História e educação 104. Políticas Públicas e Gestão da Educação 105. Currículo, Teoria e Ensino de História e História da Educação 106. Políticas de Formação e Carreira Docente 107. Políticas de Gestão, Avaliação e Financiamento da Educação 108. História do Ensino Secundário no Brasil

Categorias temáticas	Linhas de Pesquisa
	109.História e Políticas Educacionais 110.História do Ensino Secundário no Brasil 111.História e Políticas Educacionais

Fonte: Adaptação do Quadro 6 de Hayashi (2007, p. 132-135).

Verifica-se que algumas temáticas não se encaixam efetivamente dentro da linha investigativa da História da Educação, tais como: “Inovação e Interdisciplinaridade”, “Observatório Ciência, Tecnologia e Educação - C&T&E: cooperativa solidária do conhecimento” e “Cátedra UNESCO de Educação a Distância”. Alguns temas foram acolhidos dentro da categoria “História e Políticas Educacionais”, como “História da África, Diáspora(s) e Cultura Afro-Brasileira”; “Políticas Públicas, Gestão e Educação: Interseccionalidade Raça, Classe e Gênero”; “Quilombos: territórios, educação e soberania intelectual”; “Quilombo: territórios e fronteiras” e “Feminização do magistério”. Todavia, mereciam um novo desdobramento categórico que abordasse gênero e etnias, adequando-se aos temas debatidos atualmente. Além disso, chama a atenção a ausência de temas que não foram abordados pelos grupos de pesquisa, como os temas regionais e filosóficos.

Alerta-se ainda que essa transição das linhas nos grupos demonstra encaixes desconectados. Um exemplo é a expressão “Inovação e Interdisciplinaridade”, que leva a entender que são temas aleatórios, legitimados pelo grupo como linhas pertencentes ao objeto central investigado. No entanto, com a familiaridade com os termos da área, esse evento aparenta serem casos que são designados como “falsos negativos”, como já apregoado em trabalho anterior por Hayashi (2007).

Observa-se, assim, que, do total das 89 linhas distribuídas pelos grupos do diretório de pesquisa, oito se alinham à temática da “Cultura Escolar”. É interessante verificar que a Cultura é diagnosticada em dois eixos categóricos, “Instituições, Culturas e Práticas Escolares” e “Memória, História e Cultura em diferentes espaços sociais”. Igualmente coincide a descrição “Política e Gestão”, que consta em oito linhas do eixo temático “História e Políticas Educacionais”.

Salienta-se que os eixos que mais acolheram linhas temáticas foram “Instituições, Culturas e Práticas Escolares”, com 37 linhas de pesquisa, representando 41%, e o eixo “História e Políticas Educacionais”, com 39 linhas, representando 43%. Nota-se certa polarização temática entre esses dois eixos categorizados, pois são os núcleos que estão movimentando a construção dos trabalhos científicos.

Hayashi (2007) observou que as descrições dos títulos das linhas de pesquisas aparentavam mais serem títulos de projetos, demonstrando falta de entendimento dos pesquisadores quanto à distinção entre linha e projeto de pesquisa. Nesta pesquisa, isso não é diferente. Verificou-se a existência de temáticas que equivalem a títulos de projetos: “Ensino de Língua Materna: práticas, perspectivas e formação do professor”; “Quilombos: territórios, educação e soberania intelectual”; “Ensino de Língua Materna: práticas, perspectivas e formação do professor”; “Observatório: o trabalho docente na educação profissional em Goiânia”; “Expansão e qualidade da educação superior no contexto do plano nacional de educação (2014-2024): tensões, limites e perspectivas” e “Expansão da educação superior e produção do conhecimento: financiamento, gestão e avaliação”.

## 2.6 Repercussões dos trabalhos do grupo

Dos 24 grupos recuperados pelo levantamento, somente o “Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento”, liderado pela pesquisadora Liliam Cristina Caldeira, da UFMS de Campo Grande - MS, formado em 2018, não apresentou, no cadastro, a Repercussão do grupo. Acentua-se que é um grupo certificado, logo entende-se que, apesar de constituído recentemente, já deveria constar essa informação, pois, caso estivesse com *status* de “em preenchimento”, seria justificado. Observa-se também que o grupo possui ainda algumas informações faltantes em outros campos, como a Rede de pesquisa e Instituições parceiras relatadas pelo grupo, lacunas que revelam falta de solidez na sua propositura.

A repercussão dos trabalhos do grupo é definida por Hayashi (2007, p. 137) como:

[...] um dos campos que os grupos de pesquisa cadastrados no Diretório informam as principais atividades de pesquisa desenvolvidas pelo grupo e o impacto destas na sociedade ou comunidade para as quais são destinadas. Em nosso entendimento, este campo abrange a relevância social das pesquisas realizadas e constitui-se em um espaço para os grupos discorrerem, ainda que brevemente, sobre a proposta e os objetivos do grupo de pesquisa, uma vez que não há, no conjunto de campos do Diretório, um campo específico para tal registro.

O autor enfatiza que deveriam ser incluídos, nas repercussões, os objetivos do grupo de pesquisa (HAYASHI, 2007). Nesse caso especificamente, acredita-se que deveria ter um campo próprio para esse tipo de informação, por considerá-la importante informação para a constituição de um grupo de pesquisa. Não deveria ser uma informação subentendida, e sim delimitada para direcionar os líderes/pesquisadores no cadastro e pesquisas futuras.

O quadro 6 apresenta alguns exemplos encontrados na coleta de dados.

**Quadro 6 - Repercussões do grupo**

<b>Grupos</b>	<b>Repercussões</b>
Estado, Política e História da Educação	Esse grupo organizou-se informalmente em 1995, tendo sido mais bem delimitado e caracterizado com a reestruturação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG, em 1998. Em 2000 foi institucionalizado. O grupo vincula-se à linha de pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação, que tem por objetivo analisar o Estado, as transformações decorrentes de suas ações na formulação e implementação de políticas sociais, particularmente das políticas educacionais. Analisa também, no campo da história da educação, a trajetória das instituições escolares, a memória e as representações sociais ligadas a essas instituições. Destacam-se, nessas análises, seus elementos constitutivos, desdobramentos em sua formulação e os processos intervencionistas delas decorrentes. O grupo vincula-se também ao Núcleo de Estudos, Pesquisas e Documentação: Educação, Sociedade e Cultura-Nedesc, e à Rede Universitária Br.
Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais (G-TEPE)	O Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais (G-TEPE) tem por objetivo desenvolver pesquisas em políticas públicas educacionais, na perspectiva da relação entre trabalho e Educação.
História da Educação e Memória (GEM)	O Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória (GEM) tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisas na área de história da educação, em períodos históricos diferenciados, com centralidade para temáticas nacionais (Brasil Colônia, Império, República e Estado Novo) e regionais, contemplando também interfaces com a história da educação na América Latina. Dentre as produções do GEM, destaca-se a organização de um amplo banco de dados relativo à área educacional em Mato Grosso, no qual são socializados os dados documentais coligidos pelo GEM ao longo dos anos, disponibilizando-os virtualmente e em publicações impressas. O Grupo de Pesquisa também oferece as dissertações e teses defendidas pelos seus integrantes. Os membros têm participado de eventos regionais, nacionais e internacionais, com apresentação de trabalhos, assim como publicam artigos em periódicos e livros. Sua contribuição é relevante na área dos ensinos de graduação, pós-graduação e extensão, com destaque à formação de pesquisadores e à organização de acervos educacionais.
História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES)	A proposta do grupo é realizar estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação, com pesquisas acerca das histórias das instituições educativas e sua cultura escolar, disciplinas escolares, impressos pedagógicos e de uso escolar, imprensa de circulação geral. Geração de inventário de fontes de História da Educação da região do Mato Grosso do Sul. Estímulo à linha de pesquisa História e Historiografia da Educação Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFGD. Geração de estudos monográficos, sobretudo da realidade educacional da Região Sul de Mato Grosso (Uno) e sua interligação com a educação nacional; geração de artigos sobre a história da educação nacional e regional, para publicação em periódicos da área de Educação e História; Pesquisa aprovada pela Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNDECT) no Mato Grosso do Sul. Pesquisa Financiada pelo CNPq.

Fonte: Diretório de Grupo de Pesquisa (DGP).

Comparando esse conceito com outras esferas, como o Direito, tem-se o Recurso Extraordinário reclamado ao Supremo Tribunal Federal. Um dos seus preceitos que deve ser sempre observado é a Repercussão. Ela retrata a relevância social da pesquisa, isto é, os impactos sociais que a pesquisa atinge ou buscará alcançar ao compartilhar os resultados obtidos ou futuros.

Entretanto, averiguou-se que muitos grupos apresentam dados referentes ao histórico de sua constituição, os objetos trabalhados pela pesquisa, os objetivos do grupo, as linhas de interesse, os vínculos institucionais e os produtos científicos de sua construção para execução da pesquisa.

## **2.7 Produções dos artigos técnico-científicos**

Este subitem apresenta os dados quantitativos levantados, basilares para a sustentação de todo o arcabouço teórico e metodológico, pois a pesquisa analisou as estruturas metodológicas para análise qualitativa, ou seja, as técnicas aplicadas pelos líderes para entender como se realizaram as estruturas cognitivas e ideológicas nos trabalhos. O exame epistemológico está sustentado pelos paradigmas científicos, pressupostos gnosiológicos e ontológicos da ciência à luz de Sanchez Gamboa (1987).

Sob essa perspectiva, a escolha do canal científico “os artigos científicos” é justificada por serem considerados:

[...] como principal ferramenta de comunicação pelos líderes dos GPs pode ser entendido como tendência comum no contexto acadêmico-científico, visto sua característica rápida de disseminação e acesso, bem como sua replicação e (re)uso, das informações vinculadas a essas tipologias, contribuindo de forma explícita para o desenvolvimento no campo de conhecimento (BATISTA; FARIAS, 2020, p. 144).

As escolhas temáticas do objeto de pesquisa são mais profundas. Perpassam várias influências, tanto no âmbito externo como interno, como a disseminada onda de “publicar ou perecer” no campo científico. Pressionados, os pesquisadores correm para comunicar os resultados de suas pesquisas, exteriorizando as fortes cobranças do produtivismo na academia, principalmente no tocante aos grupos incentivados pelas agências de pesquisa. “A institucionalização de grupos de pesquisas no Brasil faz parte desse processo de redefinição dos Programas de Pós-Graduação em resposta às condições institucionais de produção da pesquisa” (ALMEIDA, 2017, p. 50).



Mergulhados nessas pressões do produtivismo para futuras avaliações da Capes, os programas acabam incitando publicações que, conforme Rego (2014), já nascem prejudicadas, ou seja, com sérios problemas de estruturação, frágeis, sem maturação científica e mal geridas, chegando ao ponto de serem consideradas pouco profissionais.

Por essa condição, a participação em núcleos sociais intensifica essa pressão para produzir, principalmente quando o grupo se depara com o *status* de certificado, dando a entender que, a partir dessa mudança de estado, os grupos já estão prontos para produzir cientificamente.

[...] bastante sintomático da tendência da produção científico-acadêmica brasileira de se realizar cada vez mais na gestação em grupos de pesquisa é o índice de produtividade anual dos pesquisadores doutores, segundo os estratos dos grupos a que estão vinculados. Esse índice revela que a produtividade aumenta à medida que o grupo passa de ‘em formação’ para ‘consolidado’ (PEREIRA; ANDRADE, 2008, p. 156).

A repercussão externa é a representação máxima das influências das agências de pesquisa e fomento, principalmente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), quando avaliam os programas e classificam a estratificação da qualidade das produções científicas, o *qualis*, proporcionando maior peso de se publicar em revistas científicas indexadas (avaliações que medem a produção do corpo docente, periódicos e programas de pós-graduação). Essa força sobrevém das pressões da política científica que permeia todo campo científico, cristalizada por meio das cobranças incisivas dos programas de pós-graduação.

Seguindo essa lógica, é sabido que as linhas dos programas impulsionam as escolhas dos objetos científicos. Logo, esse interesse dos pesquisadores não é uma escolha acidental como aparenta ser ou até mesmo desinteressada. Esse interesse carrega um movimento intelectual que advém da pressão interna ao campo, expressa pelos projetos ideológicos e revelada pelas pressões dos próprios pesquisadores, que provocam uma dualidade (concorrentes e parceiros). Dessa forma, buscam se manter no campo científico e subvertê-lo, legitimando suas escolhas, como o bom tema para pesquisa,

[...] discutir questões relacionadas a gênero, descriminalização do aborto ou à agroecologia como método alternativo ao agronegócio visando à soberania alimentar, por exemplo, desencadeiam uma série de debates no interior da educação em ciências – e até mesmo fora dele. Antigos agentes pertencentes ao campo podem utilizar-se daquilo que Bourdieu denominou de estratégias de conservação para que tais pautas não entrem como conteúdos nos currículos escolares, simplesmente porque são avessos às mudanças. Em

contrapartida, agentes mais periféricos no campo ou novos agentes, podem acreditar que tais temas se impõem naturalmente à compreensão do cotidiano e à produção de subjetividades crítico-reflexivas a partir de contribuições da ciência. Estes usam as chamadas estratégias de subversão na tentativa de colocar tais questões em pauta (BOURDIEU, 2001; 2013 apud FERRARO, 2019, p. 106).

Dentro desse interesse desinteressado da ciência que uma boa escolha temática pode proporcionar, a investigação recuperou o total de 278 publicações, isto é, dos 43 líderes mapeados, somente 28 pesquisadores obtiveram publicações sob a perspectiva da História da Educação. Esse estrato exterioriza um número expressivo de líderes que não tiveram publicações que contemplassem o objeto da investigação, vindo confirmar a ideia de que alguns pesquisadores emergem de áreas diversas, realizando novas envergaduras e alinhamentos.

São os chamados recém-chegados, por considerarem esse novo campo como mais atrativo, seja pela busca de prestígio, por reconhecimento científico e/ou movidos pelos lucros simbólicos que o campo lhes confere. São eles: Érika Porceli Alaniz (UEMS); Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim Martins (UFMT); José Luiz Villar Mella (UnB); Karine Nunes de Moraes (UFG); Leandro Picoli Nucci (UEMS); Leandro Santos Bulhões de Jesus (UnB); Liliam Cristina Caldeira (UFMS); Maria Aparecida Lopes Rossi (UFG); Renato de Oliveira Brito (UCB); Renisia Cristina Garcia Filice (UnB); Rosemeire Messa de Souza Nogueira (UFGD); Selma Martines Peres (UFG); Valdivina Alves Ferreira (UCDB) e Viviane Machado Caminha (UnB).

Para o corpo referencial a ser estudado, foram computados 278 artigos científicos com uso da extração de informações do espelho do *Curriculum lattes* de cada líder, considerando a inserção de dados realizada pelos respectivos 28 líderes. Foram selecionados para análise bibliométrica livros, capítulos de livros e artigos científicos de periódicos, como pode ser visualizado na tabela 1.

**Tabela 1** - Distribuição dos trabalhos científicos

<b>Tipologia documental</b>	<b>Frequência de Citação</b>
Livros	2412
Artigos	1211
Capítulos de livros	966
<b>Total</b>	<b>4589</b>

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Nesses 278 artigos publicados pelos líderes, foram referenciados 4589 trabalhos que serviram para o exame da análise bibliométrica, sendo classificados em 2412 livros, 1211

artigos científicos e 966 capítulos de livros. Destaca-se que foram excluídas as referências que abarcavam autores institucionais, legislações, trabalhos em eventos, prefácio, dicionários, vocabulários, *blogs*, *sites*, portais e *cd-rooms*.

### 2.7.1 Dos líderes que obtiveram publicações sob óptica da história da educação

Dos 28 líderes, os que mais publicaram, utilizando o índice médio de corte de 12  $\geq$  publicações, foram Alessandra Cristina Furtado (UFGD/MS) com 30 artigos, representando 11% do universo de 278 artigos científicos, seguida por Elizabeth Figueiredo de Sá (UFMT/MT) com 25 artigos (9%); Eurize Caldas Pessanha (UFMS/MS), 22 artigos; Kênia Hilda Moreira (UFGD/MS), 22 artigos (8%); Estela Natalina Mantovani (UEMS/MS), 21 artigos; Nilce Vieira Campos Ferreira (UFMT/MT), 17 artigos; Fabiany de Cássia Tavares Silva (UFMS/MS), 16 artigos; Wolney Honório Filho (UFG/GO), com 16 artigos; Juarez José Tuchinski dos Anjos (UnB/DF), 14 artigos e Margarita Victoria Rodriguez (UFMS/MS), com 12 artigos.

**Tabela 2** - Ranking dos líderes dos artigos científicos em História da Educação

Líderes	Pesquisadores	N. de artigos em HE
L1	Alessandra Cristina Furtado	30
L2	Elizabeth Figueiredo de Sá	25
L3	Eurize Caldas Pessanha	22
L4	Kênia Hilda Moreira	22
L5	Estela Natalina Mantovani	21
L6	Nilce Vieira Campos Ferreira	17
L7	Fabiany de Cássia Tavares Silva	16
L8	Wolney Honório Filho	16
L9	Juarez José Tuchinski dos Anjos	14
L10	Margarita Victoria Rodriguez	12
L11	Ademilson Batista Paes	09
L12	Silvia Helena Andrade de Brito	10
L13	Nadia Bigarella	07
L14	Flávio Reis dos Santos	06
L15	Cândida Soares da Costa	06
L16	Celeida Maria Costa de Souza e Silva	06
L17	Elizabeth Madureira Siqueira	06
L18	João Ferreira de Oliveira	06
L19	Regina Tereza Cestari de Oliveira	06
L20	Thaise da Silva	06
L21	Celio da Cunha	03
L22	Raquel de Almeida Moraes	03
L23	Aparecida Maria Almeida Barros	02
L24	Eva Waisros Pereira	02
L25	Jorge Luís Mazzeo Mariano	02
L26	Francisco Thiago Silva	01
L27	Juliana Cristina da Costa Fernandes	01
L28	Sérgio Pereira dos Santos	01
<b>Total</b>		<b>278</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Dos 4589 trabalhos, 3844 trabalhos possuíam o tipo de autoria individual, representando aproximadamente 83,8% de um total de 4589 autores. A parceria em dupla esteve contemplada em 600 trabalhos, alcançando o percentual de 13,07%, enquanto os trabalhos envolvendo cerca de 3 autores foram 129, chegando à estimativa de 2,9%. Em 16 trabalhos, por fim, foram encontrados mais de 3 autores, perfazendo 0,3% de frequência relativa.

**Tabela 3** - Tipo de autoria dos trabalhos citados pelos líderes dos grupos

Tipos de autoria	Artigos	
	Frequência Absoluta	Frequência relativa
Individual	3844	83,8%
2 autores	600	13 %
3 autores	129	2,9%
+3	16	0,3%
<b>Total</b>	<b>4589</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração da autora (2023).

Destaca-se que, do universo total de 28 líderes, somente 15 produziram trabalhos em parceria. Ressalta-se também que, do total de 30 artigos publicados pela líder Alessandra Cristina Furtado (UFGD), 23 são trabalhos desenvolvidos em parceria, diagnóstico que representa não só um trabalho coletivo interno, mas também interinstitucional, visto que o levantamento dos artigos revelou interlocuções com outras instituições.

A pesquisadora dialogou com três líderes de pesquisa. Além da parceria com Kênia Hilda Moreira, que também exerce o papel de liderança no mesmo grupo, ela também estabeleceu parcerias com Wolney Honório Filho e Elizabeth Figueiredo de Sá. Essa interação social para a ciência aponta elos teórico-metodológicos e futuras construções de índices de análises relacionais de citação, como relações de cocitação e pesquisas dentro das mesmas tradições teóricas, revelando compartilhamentos de temas (prioridades de pesquisas) que ajudam a explicar a continuação de determinado corpus.

[...] do calor cultural das ideias e da troca de experiências que circulam nos grupos, os pesquisadores se munem, na aprendizagem da pesquisa dos métodos e das técnicas, dos saberes teóricos e práticos consentâneos à ciência, dos quais a apropriação é condição *sine qua nom* para a formação do pesquisador e, conseqüentemente, para a produção do conhecimento. (PEREIRA; ANDRADE, 2008, p. 166).

A importância dos estudos serem realizados em grupo para o desempenho da investigação científica é salientada por Pereira e Andrade (2008). Segundo os pesquisadores, as experiências de pesquisas coletivas e integradas em grupos ampliam-se nas instituições de ensino, nos laboratórios privados, nas empresas ou nos institutos tecnológicos, por se tratar de

indicadores de políticas de pesquisa. Meadows (1999), por sua vez, coaduna com esse pensamento quando ressalta que a produção coletiva dá maior visibilidade, devido ao número elevado de citações que os trabalhos em grupos geralmente recebem, porque a natureza da ciência favorece a cooperação.

Dos 4589 trabalhos listados, utilizou-se um corte de 25 citações (ver tabela 4). Desse modo, os autores mais citados pelos líderes foram Roger Chartier, com 79 citações, seguido de Demerval Saviani, com 77 ocorrências; Pierre Bourdieu, com 74 citações, e Eurize Caldas Pessanha, com 72 menções. Um destaque para a presença dessa líder dentro do rol dos autores mais citados. A alta frequência de autocitações, num primeiro momento, pode indicar uma expertise da pesquisadora no campo, como uma prática natural de se autorreferenciar.

No entanto, o uso recorrente e indiscriminado nos artigos publicados pode sinalizar também traços culturais de competição, meio de inflar os índices de citação e fortalecer sua própria posição no *ranking* hierárquico (GLANZEL, 2003), um verdadeiro subterfúgio estratégico para obter mais créditos científicos, consequência da pressão dos órgãos de avaliação da pós-graduação.

Quanto ao impacto científico das publicações, para a comunidade científica, o uso reiterado se justifica caso o autor promova um estudo paradigmático/original com intenção de fortalecer suas alegações. A autorreferência traz, na maioria das vezes, um efeito inverso; pode afetar a imagem do pesquisador e contribuir negativamente, estagnando as ideias no campo de investigação.

Desse modo, vale conferir os dois trabalhos que obtiveram maiores citações em diferentes trabalhos, o artigo intitulado “Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa”, publicado em parceria na Revista Brasileira da Educação, e o livro **Ascensão e queda do professor**, publicado pela editora Cortez, pertencente à coleção Questões da nossa época.

Em seguida, destaca-se a pesquisadora Elizabeth Figueiredo Sá, que obteve 35 citações, e Elizabeth Madureira Siqueira, com 33 menções, todas pertencentes aos grupos de pesquisa da Região Centro-Oeste.

**Tabela 4** - Autores mais citados e frequência de citações

<b>Autores mais citados</b>	<b>Frequência</b>
CHARTIER, Roger	79
SAVIANI, Demerval	77
BOURDIEU, Pierre	74
PESSANHA, Eurize Caldas	72
SOUZA, Rosa Fátima	67
VIDAL, Diana Gonçalves	63
VIÑAO-FRAGO, Antonio	62

<b>Autores mais citados</b>	<b>Frequência</b>
CERTEAU, Michel de	57
FARIA FILHO, Luciano Mendes de	57
MAGALHÃES, Justino Pereira	39
GOODSON, Ivor F.	37
CURY, Carlos Roberto Jamil	36
SÁ, Elizabeth Figueiredo	35
CHOPPIN, Alain	34
JULIA, Dominique	33
SIQUEIRA, Elizabeth Madureira	33
CHERVEL, André	30
LE GOFF, Jacques	28
ALVES, Gilberto Luis	27
BITTAR, Marisa	27
MORTATTI, Maria do Rosário Longo	27
NAGLE, Jorge	25
<b>Total</b>	<b>1019</b>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Vale apontar a relação e intersecção dos dados computados com as tabelas anteriores, pois alguns resultados se conectam com os artigos analisados e serão exteriorizados sequencialmente, por exemplo, os autores e as obras mais citados. Esse fenômeno pode ser visualizado na lista dos títulos dos livros que receberam de quatro até 37 citações, totalizando 836 menções.

**Tabela 5** - Livros mais citados pelos líderes

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Frequência</b>
<i>A história cultural entre práticas e representações</i>	CHARTIER, Roger	37
<i>A invenção do cotidiano: artes de fazer</i>	CERTEAU, Michel de	27
<i>Tecendo nexos: história das instituições educativas</i>	MAGALHÃES, J. P.	26
<i>A escrita da história</i>	CERTEAU, Michel de	23
<i>Educação e sociedade na Primeira República</i>	NAGLE, Jorge	23
<i>História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX (ensino primário e secundário no Brasil)</i>	SOUZA Rosa Fátima	21
<i>História do ensino em Mato Grosso</i>	MARCILIO, Humberto	21
<i>Currículo: teoria e história</i>	GOODSON, Ivor F.	17
<i>História das ideias pedagógicas</i>	SAVIANI, Demerval	15
<i>Um século de instrução pública</i>	LEITE, Gervásio	15
<i>História e memória</i>	LE GOFF, Jacques	14
<i>Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul</i>	ROSA, Maria da Glória Sá	14
<i>Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar</i>	FORQUIN, Jean-Claude	11
<i>História da educação no Brasil</i>	ROMANELLI, O. de Oliveira	11
<i>O livro no Brasil: sua história</i>	HALLEWELL, Laurence	11
<i>O poder simbólico</i>	BOURDIEU, Pierre	11
<i>Ideologia e currículo</i>	APPLE, Michael	10
<i>Instituições escolares: por que e como pesquisar</i>	NOSELLA, P.; BUFFA, E.	10
<i>O beijo de Lamourette</i>	DAMATTA, Roberto	10
<i>Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994</i>	MORTATTI, M. do R. L.	10

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Frequência</b>
<i>Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980</i>	ZOTTI, Solange Aparecida	10
<i>Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa</i>	VIÑAO-FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín	9
<i>Dos campos grandes à capital dos ipês</i>	BITTAR, Marisa	9
<i>História da educação no Brasil (1930/1973)</i>	ROMANELLI, O. de Oliveira	9
<i>O queijo e os vermes: cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição</i>	GINZBURG, Carlo	9
<i>Tiempos escolares, tiempos sociales</i>	VIÑAO-FRAGO, Antonio	9
<i>Cultura</i>	WILLIAMS, Raymond	8
<i>Mulher e educação: a paixão pelo possível</i>	ALMEIDA, Jane Soares	8
<i>O ensino secundário no Império brasileiro</i>	HAIDAR, M. de L. M.	8
<i>O povo vai à escola: a luta pela expansão do ensino público em São Paulo</i>	SPOSITO, Marília Pontes	8
<i>Templos de Civilização</i>	SOUZA Rosa Fátima	8
<i>Tempos de Capanema</i>	SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, H. M. B.; COSTA, Vanda Maria Ribeiro	8
<i>A educação secundária (perspectiva histórica e teoria)</i>	SILVA, Geraldo Bastos	7
<i>A memória coletiva</i>	HALBWACHS, Maurice	7
<i>Ascensão e queda do professor</i>	PESSANHA, Eurize Caldas	7
<i>Escritos de educação</i>	BOURDIEU, Pierre	7
<i>Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951</i>	VECCHIA, Ariclê; LORENZ, Karl M.	7
<i>A apologia da história ou o ofício do historiador</i>	BLOCH, Marc	6
<i>A cultura escolar na sociedade neoliberal</i>	PERÉZ GOMÉZ, A. I.	6
<i>A distinção: crítica social do julgamento</i>	BOURDIEU, Pierre	6
<i>A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle</i>	BERNSTEIN, Basil	6
<i>Aspectos históricos do povoamento e da colonização do estado de Mato Grosso do Sul</i>	GRESSLER, Lori Alice SWENSSON, Lauro Joppert	6
<i>De criança a aluno: as representações da escolarização da infância em Mato Grosso (1910-1927)</i>	SÁ, Elizabeth Figueiredo de	6
<i>Economia doméstica: ensino profissionalizante feminino no Triângulo Mineiro (Uberaba/MG - 1953-1997)</i>	FERREIRA, Nilce Vieira Campos	6
<i>Educação e desenvolvimento social no Brasil</i>	CUNHA, Luis Antonio	6
<i>Experiências de vida e formação</i>	JOSSO, Marie Christine	6
<i>História da pedagogia</i>	CAMBI, Franco	6
<i>O capital: a crítica da economia política</i>	MARX, Karl	6
<i>O ensino secundário no Brasil império</i>	HAIDAR, M. de L. M.	6
<i>Palácios da Instrução: institucionalização dos grupos escolares em Mato Grosso (1910-1927)</i>	SÁ, N. P.; SIQUEIRA, E. M. (Org.)	6
<i>Pedagogia, controle simbólico e identidade</i>	BERNSTEIN, Basil	6
<i>Produção da escola, produção da sociedade</i>	PETITAT, André	6
<i>Schola mater: a antiga Escola Normal de São Carlos</i>	BUFFA, E.; NOSELLA, P.	6
<i>Tempos de civilização: a implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo</i>	SOUZA, Rosa Fátima	6
<i>Um inventário: o livro didático de história em pesquisas (180-2005)</i>	MOREIRA, Kênia Hilda; SILVA, Marilda da	6
<i>Um quarto de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário brasileiro (1931-1956)</i>	HOLLANDA, Guy de	6
<i>A cidade e seus vazios: investigação e proposta para os vazios de Campo Grande</i>	EBNER, Iris de Almeida Rezende	5

Continua

<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Frequência</b>
<i>A História Nova</i>	CHARTIER, Roger	5
<i>A invenção de uma nova ordem para as cartilhas: ser maternal, nacional e mestra. Queres ler?</i>	TRINDADE, Iole Maria Faviero	5
<i>A produção da escola pública contemporânea</i>	ALVES, Gilberdo Luiz	5
<i>A voz do passado: história oral</i>	THOMPSON, Pau	5
<i>Cadernos do cárcere</i>	GRAMSCI, Antonio	5
<i>Caminhar para si</i>	JOSSO, Marie Christine	5
<i>Contre-feux</i>	BOURDIEU, Pierre	5
<i>Documento de identidade: uma introdução às teorias do currículo</i>	SILVA, Tomaz Tadeu da	5
<i>Educação, poder e sociedade no Brasil Império</i>	GONDRA, J. G.; SCHUELER, A. F. M.	5
<i>El libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas</i>	TIANA FERRER, A. (Org.)	5
<i>Ensino secundário e sociedade brasileira</i>	NUNES, Maria Thetis	5
<i>Escola e democracia: teoria da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política</i>	SAVIANI, Dermeval	5
<i>Escola, política e cultura</i>	FARIA FILHO, L. M. de <i>et al.</i>	5
<i>História da educação</i>	LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. de O.	5
<i>História sincera da República</i>	BASBAUM, Leoncio	5
<i>Introdução crítica do ensino secundário</i>	SILVA, Geraldo Bastos	5
<i>Memória e sociedade: lembrança de velhos</i>	BOSI, Ecléa	5
<i>Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história</i>	GINZBURG, Carlo	5
<i>Nas trilhas do ensino: educação em Mato Grosso: 1910-1946</i>	ALVES, Laci Maria Araújo	5
<i>Nova história cultural</i>	HUNT, Lynn	5
<i>O trabalho didático na escola moderna: formas históricas</i>	ALVES, Gilberto Luiz	5
<i>Sobre a História</i>	HOBSBAWM, Eric John	5
<i>Vigiar e punir</i>	FOUCAULT, Michel	5
<i>Currículo: teoria e história</i>	GOODSON, Ivor F.	5
<i>A economia das trocas linguísticas</i>	BOURDIEU, Pierre	4
<i>A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI</i>	JANNUZZI, Gilberta de Martino	4
<i>A educação e a ilusão liberal</i>	REIS FILHO, Casemiro	4
<i>A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia</i>	BURKE, Peter	4
<i>A escola secundária: modelos e planos (Brasil, séculos XIX e XX)</i>	VECCHIA, A.; CAVAZOTTI, M. A. (Org.)	4
<i>A formação das almas: imaginário da República no Brasil</i>	CARVALHO, José Murilo de	4
<i>A idéia de cultura</i>	EAGLETON, Terry	4
<i>A interpretação das culturas</i>	GEERTZ, Clifford James	4
<i>A miséria da teoria: ou um planetário de erros</i>	THOMPSON, Edward Palmer	4
<i>A nova lei da educação: LDB, trajetória, limites e perspectivas</i>	SAVIANI, Demerval	4
<i>A obra de Dom Bosco no Brasil: cem anos de História</i>	AZZI, Riolando	4
<i>A reinvenção da cidade e da multidão. Dimensões da modernidade brasileira: a Escola Nova</i>	MONARCHA, Carlos	4
<i>APAE - 1954 a 2011: algumas reflexões</i>	JANNUZZI, G. de M.; CAIADO, K. R. M.	4
<i>Arquitetura em Campo Grande</i>	ARRUDA, A. M. V. de; MARAGNO, G. V.; COSTA, M. S. S.	4



<b>Título</b>	<b>Autores</b>	<b>Frequência</b>
<i>As lentes da História: estudos de História e Historiografia da Educação no Brasil</i>	VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de	4
<i>Educação em Revista: a imprensa pedagógica e a História da Educação</i>	CATANI, D. B.; BASTOS; M. H. C. (Org.)	4
<i>Educação especial no Brasil: história e políticas públicas</i>	MAZZOTTA, Marcos José da Silveira	4
<i>Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso – 1910-1930</i>	AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros	4
<i>Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano</i>	MARTINS, José de Souza	4
<i>Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista</i>	LOURO, Guacira Lopes	4
<i>História Cultural: entre práticas e representações</i>	CHARTIER, Roger	4
<i>História e historiografia da educação no Brasil</i>	FONSECA, Thais Nívia de Lima; VEIGA, Cynthia Greive	4
<i>La enseñanza: su teoría y su practica</i>	SACRISTÁN, J. Gimeno; PÉREZ GOMEZ, A.	4
<i>Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre Literatura e História da Cultura</i>	BENJAMIN, Walter	4
<i>Minha história das mulheres</i>	PERROT, Michelle	4
<i>O impresso como estratégia de formação - revista do ensino de Minas Gerais (1925-1940)</i>	BICCAS, Maurilane de Souza	4
<i>Pesquisa em educação: abordagens qualitativas</i>	LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. de	4
<i>Política e educação no Brasil: o papel do Congresso Nacional na legislação do ensino</i>	SAVIANI, Demerval	4
<i>Questões de ensino</i>	CORRÊA FILHO, Virgílio	4
<i>Razões práticas: sobre a teoria da ação</i>	BOURDIEU, Pierre	4
<i>Território plural: a pesquisa em história da educação</i>	LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. de O.	4
<i>Vamos estudar?</i>	SANTOS, T. M.	4
<b>Total</b>		<b>836</b>

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O destaque é o livro **A história cultural entre práticas e representações**, de Roger Chartier, com 37 citações que correspondem 4,42%; seguido pelo livro **A invenção do cotidiano: artes de fazer**, de Michel de Certeau, com 27 menções, correspondendo ao percentual de 3,22%, e **Tecendo nexos: história das instituições educativas**, de Justino Pereira Magalhães, 3,11% diante do universo de 4589 citações.

Em seguida, apresentam-se os capítulos mais citados pelos líderes: “Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos”, de Antonio Viñao-Frago, com 11 menções recebidas; “Parte III – Mato Grosso”, de Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso, com 8 menções; “Observatório de cultura escolar: ênfases e tratamentos metodológicos da pesquisa sobre currículo”, de Eurize Caldas Pessanha e Fabiany de Cássia Tavares Silva, com 7 citações encontradas.

**Tabela 6** - Distribuição de capítulos mais citados na área da educação

Capítulos	Autores	Citações
Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos	VIÑAO-FRAGO, Antonio	11
Parte III – Mato Grosso	AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros; CARDOSO, Cancionila Janzkovski	8
Observatório de cultura escolar: ênfases e tratamentos metodológicos da pesquisa sobre currículo	PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares	7
Sistemas de enseñanza y sistemas de pensamento	BOURDIEU, Pierre	6
Sinais: raízes de um paradigma indiciário	GINZBURG, Carlo	6
Por uma história cultural dos saberes pedagógicos	CARVALHO, Marta Maria Chagas de	6
Os conselhos de educação e a gestão dos sistemas	CURY, Carlos Roberto Jamil	5
O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico metodológicas e perspectivas de análise	FARIA FILHO, Luciano Mendes de	5
Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos	BATISTA, Antônio Augusto Gomes	4
Um apontamento metodológico sobre a história das instituições educativas	MAGALHÃES, Justino	4
O nascimento da educação republicana: princípios educacionais nos regulamentos de Minas Gerais e Uberabinha (MG) no final do século XIX	GONÇALVES NETO, W.; CARVALHO, Carlos Henrique	4
<b>Total</b>		<b>66</b>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Foram identificados também, nesta investigação, os artigos mais citados pelos líderes que receberam entre 4 e 31 citações. Foram eles: "A cultura escolar como objeto histórico", de Julia Dominique, publicado na **Revista Brasileira de História da Educação**, com 31 menções; seguido por "História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa", de André Chervel, publicado na revista **Teoria e Educação**, com 20 menções e, em terceiro lugar, "Arquivo e educação: a construção da memória educativa", de Maria João Mogarro, publicado também na **Revista Brasileira de História da Educação**.

**Tabela 7** - Artigos mais frequentes nas citações dos líderes

Título	Autores/ano	Periódicos	Citações
A cultura escolar como objeto histórico	JULIA, Dominique	Revista Brasileira de História da Educação	31
História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa	CHERVEL, André	Teoria e Educação	20
Arquivo e educação: a construção da memória educativa	MOGARRO, M. J.	Revista Brasileira de História da Educação	14
O "velho" e "bom" ensino secundário: momentos decisivos	NUNES, Clarice	Revista Brasileira de Educação	12
Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa	PESSANHA, E. C.; DANIEL, M. E. B.; MENEGAZZO, M. A.	Revista Brasileira de Educação	10
A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário	DALLABRIDA, Norberto	Educação	9
Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas.	MOGARRO, M. J.	Pro-posições	9
El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico	VIÑAO-FRAGO, Antonio	Contemporaneidade e Educação	8
História da Formação de Professores	TANURI, Leonor	Revista Brasileira de Educação	8

Continua

<b>Título</b>	<b>Autores/ano</b>	<b>Periódicos</b>	<b>Citações</b>
História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte	Maria CHOPPIN, Alain	Educação e pesquisa.	8
O mundo como representação	CHARTIER, Roger	Estudos Avançados	8
A renovação do currículo do ensino secundário no Brasil: as últimas batalhas pelo humanismo (1920-1960).	SOUZA, Rosa Fátima de	Currículo sem Fronteiras	7
Entre memória e história: a problemática dos lugares.	NORA, Pierre	Projeto História	7
História das disciplinas escolares: perspectivas de análise	SANTOS, L. L. de C. P.	Teoria e Educação	7
Memória e Identidade Social	POLLACK, Michael	Estudos Históricos	7
O Historiador e o livro escolar	CHOPPIN, A	História da Educação	7
O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação	CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira	Cadernos CEDES	7
A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação da história da educação	FARIA FILHO, L. M. de; GONÇALVES, I. A.; VIDAL, D. G.; PAULILO, A. L.	Educação e Pesquisa	6
A escolarização da criança brasileira no século 19: apontamentos para a reescrita.	GOUVÊA, Maria Cristina Soares de	Revista Educação em Questão	6
História e Memória Educacional: gênese e consolidação do ensino escolar no Triângulo Mineiro	GATTI JR., D.; INÁCIO FILHO, G.; ARAUJO, J. C. S.; GONÇALVES NETO, W.	Revista História da Educação	6
Historiografia da educação e fontes	NUNES, C.; CARVALHO, M. M. C. de		6
Los manuales escolares: un nuevo campo de conocimiento	PUELLES BENÍTEZ, Manuel	Revista Interuniversitaria - Historia de la Educación	6
Premisas básicas de la escolarización como construcción moderna que construyó a la modernidad	PINEAU, Pablo	Revista de Estudios del Curriculum	6
Arquitetura escolar de “escolas exemplares” em quatro cidades brasileiras: expressão de projetos de modernização e escolarização de 1880 a 1954	PESSANHA, Eurize Caldas; ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira	Cadernos de História da Educação	5
Estudo comparado: fundamentos teóricos e ferramentas de investigação	SILVA, Fabiany de Cássia Tavares.	Educação e Pesquisa	5
Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones.	VIÑAO-FRAGO, Antonio	Revista Brasileira de Educação	5
O manual escolar: uma falsa evidência histórica	CHOPPIN, A.	História da Educação	5
Os arquivos escolares como fonte a história da educação	BONATO, Nailda Marinho da Costa	Revista Brasileira de História da Educação	5
Um lugar de produção e a produção de um lugar: a história e a historiografia divulgadas no GT História da Educação da ANPEd (1985-2000)	CATANI, Denice Bárbara; FARIA FILHO, Luciano Mendes de	Revista Brasileira de Educação	5

Continua

<b>Título</b>	<b>Autores/ano</b>	<b>Periódicos</b>	<b>Citações</b>
A educação secundária no Brasil: (ensaio de identificação de suas características principais)	ABREU, Jaime	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	4
Bourdieu e as estratégias de distinção no ensino superior francês	DALLABRIDA, Norberto	Cadernos de História da Educação	4
Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular	MORTATTI, Maria do Rosário Longo	Cadernos CEDES	4
Colônia agrícola nacional de Dourados - história, memória: Considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados	MENEZES, Ana Paula	Revista História em Reflexão	4
El concepto de dibujo y su práctica en los libros de texto de educación primaria publicados en España en el periodo comprendido entre 1915-1990	COLLADOS CARDONA, E.	Historia de la Educación, Revista Interuniversitaria	4
História, Instituições Escolares e Gestores Educacionais	SANFELICE, José Luis	Revista HISTEDBR	4
Muito além de papéis velhos: Fontes para história de disciplinas escolares armazenadas em um arquivo escolar	PESSANHA, E. C.; OLIVEIRA, S. S.; ASSIS, W. S.	Revista Educação em Questão	4
O trabalho do historiador: pesquisar, resumir, comunicar	LEVI, Giovanni	Tempo	4
Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil	FARIA FILHO, L. M. de; VIDAL, D. G.	Revista Brasileira de Educação	4
Sobre a história e a teoria da forma escolar	VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel.	Educação em Revista	4
Um olhar sobre o livro didático	SOARES, Magda Becker	Presença Pedagógica	4
Uma sólida instrução fundamental para formar cidadãos: história das orientações sobre práticas curriculares de uma “escola exemplar” em Campo Grande/MT, ao final da década de 1930	PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares	História da Educação	4
<b>Total</b>			<b>293</b>

Fonte: elaboração da autora (2023).

A análise dos dados quantitativos, com as interpretações mais precisas, será apresentada no capítulo 3, com intuito de obter a tão aclamada simetria, delineando a abordagem para análise epistemológica adaptada por Sanchez Gamboa, permitindo, assim, maior entendimento de como se configura o campo da História da Educação e sua identidade científica.

**Tabela 8** - Distribuição dos trabalhos científicos citados pelos líderes

<b>Títulos</b>	<b>Citações</b>	<b>Total</b>
1970	1	1970
363	2	726
153	3	459
67	4	268
37	5	185
30	6	180
15	7	105
10	8	80
9	9	81
3	10	30
9	11	99
1	12	12
2	13	26
3	15	45
1	16	16
2	20	40
2	21	42
1	22	22
2	25	50
1	26	26
1	31	31
1	37	37

Fonte: elaboração da autora (2023).

De forma geral, a tabela acima demonstra que 1970 trabalhos foram citados uma única vez; 363 foram citados duas vezes; 153 trabalhos citados três vezes e 67 trabalhos citados quatro vezes. Destaca-se que um único trabalho foi citado 37 vezes, resultado que reforça a ideia de que poucos autores publicam mais e muitos publicam pouco, confirmando a Lei de Lotka<sup>5</sup>, que analisou a produtividade de autores de determinado campo científico e identificou altas dispersões, indicando pouca maturidade científica.

### 2.7.2 Descritores mais utilizados pelos líderes de pesquisa

Das 278 publicações examinadas, foram encontradas 982 menções de palavras-chave acionadas pelos pesquisadores como preferidas. As que mais se destacaram sofreram um corte de  $9 \geq$ , como mostra a tabela 9.

---

<sup>5</sup> Lotka (1926) estabeleceu os fundamentos da lei do quadrado inverso, afirmando que o número de autores que fazem  $n$  contribuições em um determinado campo científico é aproximadamente  $1/n^2$  daqueles que fazem uma só contribuição. A proporção daqueles que fazem uma única contribuição é de mais ou menos 60% (MORETTI; CAMPANARIO, 2009, p. 70).

**Tabela 9** - Palavras-chave com maiores frequências nos artigos científicos

<b>Descritores</b>	<b>Frequência</b>
História da Educação	39
Educação	22
Cultura Escolar	22
Instituições Escolares	21
Mato Grosso	19
Ensino secundário	18
Políticas educacionais	15
Livros didáticos	15
Historiografia	13
Currículo	13
Formação de professores	11
Fontes	11
Século XIX	9
Memória	9
História da Alfabetização	9

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Quanto à coleta das palavras-chave dos artigos selecionados, foram recuperadas 39 ocorrências da palavra-chave “História da educação”, que representa 4% do total de 982 palavras. Sabe-se que as palavras-chave são termos representativos do conteúdo do documento (NBR 6028/2021). O uso incisivo de determinados termos significa consideráveis avanços para área; mais que uma delimitação de campo, é um considerável desenvolvimento do subcampo científico “História da Educação”. Essa expressão emerge como termo determinante. É o descritor que carrega com ele elementos próprios, como fontes, abordagens, problemas e objetos, sendo parte integradora da ciência da educação.

Em seguida, veio “Educação” com 22 menções. O termo expressa vanguarda do campo científico que se constitui. Já “Cultura Escolar” obteve 22 menções, representando 2% dos dados. A expressão se destaca como “conjunto dos aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização” (VIÑAO FRAGO, 1994, p. 68). Posteriormente, aparece “Instituições Escolares” com 21 menções. Estudos privilegiam essa expressão por considerar a sua materialidade e o conteúdo histórico que a rodeia, como sua criação, instalação, espaço, atuação, caracterização e saberes (currículo, livros didáticos, normas disciplinares, organização de poder). (BUFFA; NOSELLA, 2008).

Esse resultado detecta que existe considerada densidade de dispersões dos termos adotados pelos pesquisadores. Isso sinaliza a presença de pulverizações temáticas, estrato que pode indicar de um problema maior: a ausência de um domínio teórico, percepção já apontada por Alves-Mazzoti (2001, p. 41):

[...] o desconhecimento das discussões teórico-metodológicas travadas na área leva muitos pesquisadores iniciantes, principalmente os alunos de mestrado, a permanecerem ‘colados’ em sua própria prática, dela derivando o seu problema de pesquisa e a ela buscando retornar com aplicações imediatas dos resultados obtidos [...]. Por outro lado, a pouca atenção dada ao conhecimento acumulado na área, ao não permitir uma análise mais consistente dos referenciais conceituais disponíveis para a abordagem do tema de interesse, favorece a adesão acrítica a autores ‘da moda’.

A autora enfatiza a importância do rigor científico (ALVES-MAZZOTI, 2001) até mesmo quando se adota os descritores. É importante frisar que é recomendável aos autores que, antes de aplicar os termos preferidos para suas pesquisas, sempre consultem a base de termos Thesaurus Brasileiro de Educação (Brased)<sup>6</sup>, o tesouro específico da área da educação, que tem a função de normatizar o uso de palavras-chave para descritores.

É preciso ser vigilante quanto ao aparecimento de novos termos, porque boa parte dos críticos cita como avanços no campo científico, todavia essas novidades também podem indicar o uso de “[...] temas irrelevantes, socialmente pouco significativos, desligados dos interesses do conjunto da população – por conta dos estrangeirismos e modismos que grassam na área – bem como apontam o caráter fragmentário e descontínuo dos temas selecionados” (WARDE, 1990, p. 69).

O que se observa com esses vários usos de termos é que os pesquisadores do Centro-Oeste se interessam por todos os objetos possíveis. Ora, a História da Educação é um campo especializado, mas o excesso de singularidade demonstra que a especialização ainda está em fase de construção.

A figura 2 ilustra a nuvem de palavras, com a intenção de demonstrar as reincidências e as dispersões de frequência das palavras-chave levantadas nos 278 artigos científicos selecionados.

---

<sup>6</sup> O *Thesaurus* Brasileiro da Educação (Brased) é um vocabulário controlado que reúne termos e conceitos, extraídos de documentos analisados no Centro de Informação e Biblioteca em Educação (CIBEC), relacionados entre si a partir de uma estrutura conceitual da área. Estes termos, chamados descritores, são destinados à indexação e à recuperação de informações. (INEP, 2019).

Figura 2 - Nuvem de palavras adotadas nos artigos científicos



Fonte: elaborado pela autora (2023).

O cuidado permanente do pesquisador é atingido até mesmo quando se escolhe as palavras preferidas que representem o artigo científico. De acordo com Bachelard (1977), vigiar não significa apenas aplicar o método, mas valorizar o método por si só:

A função de vigilância da vigilância só pode aparecer depois de ‘um discurso sobre o método’, quando a conduta ou o pensamento encontraram métodos, valorizaram métodos. Então o respeito pelo método assim valorizado obriga a atitudes de vigilância que uma vigilância especial deve manter. A vigilância assim vigiada é então, ao mesmo tempo consciência de uma forma e consciência de uma informação (BACHELARD, 1977, p. 94).

A alfabetização científica, tão necessária aos pesquisadores, significa ter tomada de consciência, um trato especial com a história da educação, uma educação no próprio pensamento para exercer a vigilância das vigilâncias. Conforme Macedo (2009, p. 111), “o processo crítico de uma pesquisa, do início ao fim, designa uma disponibilidade que coloca sistematicamente em dúvida tudo que nos parece verdade: os conceitos protegidos, as palavras de ordem, as verdades tidas como sacrossantas, etc.”.



### **3 A INTERPRETAÇÃO DAS TENDÊNCIAS EPISTEMOLÓGICAS E AS MATRIZES COMPORTAMENTAIS DOS LÍDERES/PESQUISADORES**

A tarefa principal da epistemologia consiste na reconstrução racional do conhecimento científico, conhecer, analisar, todo o processo gnosiológico da ciência do ponto de vista lógico, linguístico, sociológico, interdisciplinar, político, filosófico e histórico.

(TESSER, 1994, p. 92)

A epistemologia é um estudo crítico/reflexivo que busca avaliar os produtos intelectuais produzidos pelos pesquisadores. É a teoria do conhecimento, uma vigilância que deve ser realizada cuidadosamente, principalmente quando se pretende aplicar o esquema paradigmático. Esse parâmetro visa interpretar os diversos elementos implícitos nos artigos científicos, mas que só nos dará um determinado nível de abstração, embora fundamental para o processo de construção do conhecimento.

[...] um estudo epistemológico da pesquisa educacional estaria preocupado com as principais abordagens metodológicas, opções paradigmáticas ou modos diversos de interpretar a realidade; estaria preocupado com as diferentes formas ou maneiras de construção do objeto científico, formas de relacionar o sujeito e o objeto ou de tratar o real, o abstrato e o concreto no processo da pesquisa; estaria também interessado nos critérios de cientificidade nos quais se fundamenta as pesquisas etc (SANCHEZ GAMBOA, 1987, p. 55).

Além dos dados estatísticos aliados à análise qualitativa, a pesquisa descreve, dentro do esquema paradigmático adaptado por Sanchez Gamboa (1987), os tipos de trabalho produzidos pelos líderes dos grupos de pesquisa em História da Educação, tensionados pelos pressupostos epistemológicos, gnosiológicos e ontológicos.

O quadro 10 apresenta os níveis e abordagens abrangentes no esquema paradigmático trabalhado por Sanchez Gamboa (1987).

**Quadro 7 - Esquema Paradigmático**

<b>Análises</b>	<b>Abordagens</b>
Nível Técnico	Técnicas de coleta, organização e tratamento de dados e informações
Nível Metodológico	Abordagem metodológica
Nível Teórico	Fenômenos Privilegiados, Núcleo Conceitual Básico, Autores e Clássicos Cultivados, Pretensões Críticas, Tipo de Mudanças Propostas etc.
Nível Epistemológico	Concepção de Causalidade, de Validação da Prova Científica e de Ciência (critérios de Cientificidade)
Pressupostos Lógico-Gnosiológicos	Maneiras de Abstrair, Generalizar, Conceitualizar, Classificar, Formalizar ou Maneiras de relacionar o sujeito e o objeto (Critérios de Construção do Objeto Científico)
Pressupostos Ontológicos	Concepção de História, de Homem, de Educação e de Realidade  (COSMOVISÃO)

Fonte: Sanchez Gamboa (1987, p. 219).

Por meio dos estudos epistemológicos, é possível observar, nos artigos, inconsistências metodológicas e teóricas. Coelho (2013), por exemplo, notou, nos trabalhos acadêmicos avaliados, a presença de pressupostos inconciliáveis. Esse resultado corrobora a perspectiva de utilizar esse procedimento metodológico nesta pesquisa, visto que a aplicação da matriz paradigmática verificará

[...] articulações lógicas que foram construídas e resultaram em uma determinada forma de fazer ciência, traçando suas características próprias. Se essas características formam um perfil comum com outras pesquisas produzidas no mesmo centro ou programa e utilizam procedimentos semelhantes e referências teóricas próximas, podemos localizar essas pesquisas dentro de um mesmo modelo ou paradigma epistemológico (SÁNCHEZ GAMBOA, 2008, p. 58).

Antes de apontar as observações sobre os trabalhos, cumpre salientar que não foi possível tecer comentários sobre toda produção devido ao número elevado de artigos. Na análise, foi realizada uma síntese das especificidades e verossimilhanças encontradas, o que possibilitou o contato com os conteúdos que possuíam finalidade histórica.

### **3.1 Analisando os artigos produzidos pelos pesquisadores**

A primeira impressão que se teve sobre os artigos foi sobre a sua estrutura técnica, mais precisamente, a organização dos resumos. Conforme a norma NBR6028 da ABNT, um resumo deve possuir finalidade, metodologia, resultados e conclusões. O resumo que segue a estrutura facilita a decisão de fazer ou não a leitura do texto na íntegra. No entanto,

averiguou-se que alguns autores não tiveram o cuidado de exteriorizar, no resumo, todos os itens recomendados. Logo, para saber mais sobre a abordagem epistemológica e metodológica, era preciso ler o conteúdo e/ou até mesmo verificar as referências citadas para determinar qual escola historiográfica os autores se filiaram ao produzir o texto.

Em relação à metodologia, percebeu-se que a maioria dos textos analisados utilizou, na introdução, o recorte temporal e espacial dos objetos. Também foi possível visualizar a revisão de literatura, as fontes selecionadas e, resumidamente, a estrutura dos capítulos do texto. Na leitura, verificou-se que boa parte dos trabalhos possui o detalhamento dos procedimentos metodológicos. Importa dizer que muitos trabalhos não se reduzem a uma pesquisa bibliográfica, pois sempre tinha outras fontes atrelada à pesquisa, como pesquisa documental, fontes primárias, documentos oficiais como as instruções públicas, consulta a arquivos públicos, escolares (memória educativa), cadernos escolares, atas de matrículas, livros, boletins, história oral por meio de coletas de entrevistas dos sujeitos da pesquisa.

Destaca-se a presença marcante da micro-história, como no artigo intitulado “Ensino de divisão numa escola rural de Dourados-MS (1989): uma análise do caderno de planejamento”, elaborado por Alessandra Cristina Furtado, Maria do Carmo Brazil e Edvonete Souza de Alencar. A fonte de estudo foi documental, o caderno de planejamento da professora que espelhava a cultura escolar da época. O caderno é o “objeto quase invisível que guarda a memória da educação”. Salienta-se que o enfoque nesse objeto antes era considerado desinteressante pelos pesquisadores do campo, mas agora é capaz de falar pelos alunos, professores, pais, projeto pedagógicos e valores disseminados naquela década (1989).

Do total de 278 artigos publicados, 20 textos abordavam a educação rural e do campo. Quatro deles foram publicados pelo pesquisador Flávio Reis dos Santos da (UEG/Morrinhos). É interessante ressaltar que a educação rural não foi somente negligenciada pelos governantes, mas também evitada por muitos pesquisadores por ver, nesse tipo de estudo, um verdadeiro atraso. O conceito de educação dos períodos investigados eram aquele que se voltava ao controle e escolarização da educação, isto é, “civilizar o homem do campo”. Tinha-se como objetivo a ocupação e povoamento dos espaços vazios, nacionalizando as fronteiras do sul do Mato Grosso do Sul, que faz divisa com Bolívia e Paraguai. Com isso, promovia a colonização, cultuando a presença dos trabalhadores rurais.

No contexto atual, porém, observa-se que o assunto se inclina a ser foco de muitas pesquisas com intuito de analisar os altos índices de analfabetismo e imigração. “No entanto, esses estudos históricos na forma de livros, de teses e dissertações permitem identificar que a história da escola rural primária e a história da formação e da profissão docente no meio rural

ainda se constituem temáticas pouco exploradas pela historiografia educacional brasileira” (FURTADO; BEZERRA; MOREIRA, 2019, p. 535).

Outro aspecto observado nas publicações é que 14 líderes não possuem pesquisas associadas à História da Educação. Verificou-se também que os IES do Distrito Federal não possuem muita tradição quando se trata de desenvolver pesquisas históricas. Muitos trabalhos são considerados incipientes; mais se vinculam ao campo da Educação do que à História da Educação, como trabalhos de Leandro Santos Bulhões de Jesus (ensino de história e identidade africana); Renisia Cristina Garcia Filice (Políticas Públicas, Educação das relações étnico-raciais e Educação superior); Raquel de Almeida Moraes (informática e política educacional); Celio da Cunha (Desenvolvimento socioambiental e Educação contemporânea) e Renato de Oliveira Brito (Políticas públicas para formação de professores e gestão compartilhada).

Acredita-se que esse extrato se deve à recente criação da capital do Brasil e às recentes organizações dos grupos de pesquisa (em preenchimento) sem solidificação. Essa escassez de trabalhos já foi apontada por Sá e Siqueira (2005), que observaram que muitos estudos se encontravam dispersos e não indicavam qualquer direção sistemática dentro do campo de investigação da História da Educação.

Constatou-se também que há silenciamentos de estudos voltados para sujeitos marcados pela deficiência (educação especial e inclusiva). Somente oito textos trabalharam com esse assunto: “Formação de profissionais especializados para educação de excepcionais: proposições e representações a partir do impresso periódico Mensagem da APAE (1963-1973)”; “Educação de Excepcionais no Periódico Mensagem da APAE (1963-1973): uma pedagogia para a modelagem e o ajustamento social”; “A Produção sobre História da Educação Especial nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHEs): um lugar em construção”; “A APAE/CEDEG em Campo Grande/MS (1967-1987): memória e história de sua implementação”; “Itinerários de Pesquisa: uma operação historiográfica com a Revista Mensagem da Apae (1963-2015)”; “Documentos curriculares e as flexibilizações: escrita histórico-social do currículo em educação especial”; “Estudo comparado de documentos curriculares oficiais (1979 e 1999)”. Destaca-se que seis deles foram publicados pelos autores Giovani Ferreira Bezerra e Alessandra Cristina Furtado, que trabalharam em parceria.

O conteúdo das pesquisas revelou a necessidade de os pesquisadores resgatarem as fontes primárias. Muitos deles utilizam citações esparsas, não possuem referenciais basilares esperados, conforme o estudo de citação realizado, visto ser importante encontrar nesses referenciais os intérpretes que sustentam a História da Educação. Essa concepção é

confirmada com a pulverização de usos de vários autores que, em 1970 trabalhos, foram citados uma única vez. A ausência do corpo teórico esperado, desse modo, reflete as transformações que ainda ocorrem no campo.

Cumpram apontar ainda que muitos autores dizem adotar tal método de abordagem com certa naturalidade, mas vulgarizam o uso do método, uma vez que algumas leituras requerem maior profundidade quanto a sua aplicabilidade. O próprio marxismo crítico dialético, por exemplo, é usado com muita superficialidade em relação à epistemologia de Marx. Muitas vezes, o seu uso vem acompanhado de uma matriz epistemológica empobrecida.

Nos trabalhos avaliados, verifica-se a presença marcante da nova história cultural, mais especificamente, o período da terceira geração da história nova e história cultural, sendo diagnosticada em 198 artigos. Esse resultado revela uma hegemonia científica entre os pesquisadores da Região Centro-Oeste. Isso é certificado com estudo de citações: CHARTIER, Roger, 79 ocorrências; CERTEAU, Michel de, 57 ocorrências; GOODSON, Ivor F., 37 ocorrências; JULIA, Dominique, com 33 e CHERVEL, André, 30 ocorrências.

Chartier, Goodson, Chervel e Dominique Julia se destacaram a partir de 1970, por meio de narrativas que explanam a história social do currículo, das disciplinas escolares, da cultura escolar, da história do livro e da leitura (MUNAKATA, 2012). O resultado corresponde à alta frequência dos usos dos novos objetos culturais e materiais.

Isso demonstra a disposição desses pesquisadores de se conservarem sob a proteção do guarda-chuva dos mesmos conhecimentos, temas, métodos, epistemologias da área. Em contrapartida, essa escolha pode levar alguns pesquisadores a cometerem os mesmos erros teórico-metodológicos, exaltando-se, assim, o *modus operandi* do campo investigado.

A tentativa de escrever o trabalho de maneira a dar a impressão de que ele já foi homologado também leva o autor a procurar imitar o estilo de outros trabalhos já aceitos. Ele emprega palavras e frases técnicas padronizadas não com a intenção de embasacar o leigo ou de obter prestígio procurando assemelhar-se aos seus possíveis colegas, mas porque essa linguagem lhe parece a mais indicada no território intelectual que ele está pisando (ZIMAN, 1979, p. 130).

Um ótimo exemplo é dado por Buffa (2016, p. 12-13):

[...] no Brasil, houve uma interpretação equivocada da *École des Annales* e do que é chamada Nova História francesa, pois, na França, a discussão acontece tendo por retaguarda uma historiografia bem estabelecida, um ensino de história muito eficaz no secundário e nas universidades e uma história positivista muito bem sedimentada, com datas, personagens etc. De acordo com Alencastro, quando a *École des Annales* começou a combater isso, já antes da Segunda Grande Guerra, ninguém pensou, como se fez aqui, que as datas não tinham a menor importância. Além disso, nenhum destes historiadores franceses como J. Le Goff, Duby e outros é só especialista em mentalidades. São também especialistas em história econômica, política, esta é sua base. Desconsiderando isto, no Brasil se perdeu a ideia de última instância (BUFFA, 2016, p. 12-13).

O domínio epistemológico é algo a ser exaltado quando se detalha esse tipo de pesquisa, visto que há fatores que ultrapassam os nossos problemas sociais e recaem sobre o olhar do pesquisador. A constituição da pesquisa no subcampo científico da Nova História Cultural remonta ao final dos anos de 1980 (GALVÃO; FONSECA, 2017). É algo novo, que recebe influência da renovação historiográfica das décadas anteriores e da própria inserção da História como produto e/ou fenômeno midiático. Esse fator atrai muitos pesquisadores a buscar, mediante essa escolha, o lucro simbólico, deslocamento que também pode provocar certa vulgarização da Nova História Cultural.

Ascolani (2008) critica a atração e predomínio da Nova História pelos pesquisadores em história da educação no Brasil, a ponto de deixar de ser uma linha inovadora para converter-se em uma vulgata, em uma nova «fé» nos referenciais teóricos e na institucionalidade que a acompanha. Assinala que, no Brasil, existe uma «identidade em formação, não cristalizada» dos pesquisadores em história da educação. No entanto, salienta que essa «identidade resultante do ‘ofício’ prevalece sobre o disciplinar, o que não favorece uma discussão intensa sobre o campo – interdisciplinar – sendo este fenômeno reforçado pela expansão horizontal da área». Também enfatiza que a produção historiográfica da educação está «modelada pelas trajetórias acadêmicas individuais que marcam as coletivas, em função da inserção e demandas institucionais». Isto é, «a geração que realizou pós-graduação, a partir das décadas de 1970-1980». Argumenta a necessidade de articular os diferentes aportes interdisciplinares que vêm enriquecendo o campo (ASCOLANI, 2007 apud BASTOS, 2016, p. 50).

Percebe-se que essa vertente da História Cultural francesa se tornou uma aliada inseparável da escrita da História da Educação, mesmo que coexistam com ela outras abordagens minoritárias. De fato, o avanço das críticas da pós-modernidade às grandes narrativas, tais como o marxismo e o estruturalismo, bem como a reivindicação por uma história não reducionista aberta à pluralidade de agentes, apropriações e de suas

representações (CHARTIER, 2001), trouxe para o Brasil, especificamente para a Região Centro-Oeste, a fundamentação dessa abordagem culturalista na Educação.

Importante dizer que campos vizinhos da História e a História da Educação desde os anos de 1970/80 do século XX receberam inúmeras contribuições teóricas, mais precisamente da Antropologia Histórica e dos Estudos Culturais (Bakhtin, Foucault, Norbert Elias, Bourdieu). Esses auxílios permitiram ter um ambiente de redefinição no campo da educação. A “História se aproximou da Antropologia, dos estudos sobre cultura material e do cotidiano de personagens ‘marginais’ ou populares, vivenciando uma verdadeira ‘revolução documental’ e ‘renovação do domínio científico’” (LE GOFF, 1990 apud FURTADO; BEZERRA; MOREIRA, 2019, p. 531-532).

Há de se asseverar que o próprio marxismo adquiriu uma nova releitura historiográfica, denominada História Cultural Inglesa ou da Nova Esquerda, ou, ainda, História vista de baixo, que consiste em observar o papel da ação humana no processo histórico. A camada popular faz essa história e o enfoque é na história vivida. “Sua importância está na possibilidade aberta pra o repensar – histórico – da relação entre presente e passado, com uma perspectiva que enxerga o mundo a partir de baixo” (THOMPSON, 2001, p. 49).

Quanto ao uso expressivo dos conceitos da Nova História Cultural (representações, práticas, instituições, apropriações, usos, sensibilidades, cultura escolar, cultura material escolar, leitura e escrita), acredita-se que isso se justifica por ser um subcampo mais acessível aos pesquisadores, inclusive por existirem historiadores vivos que, diversas vezes, vieram/vêm ao Brasil e abordam, também, temas do presente, como a leitura em contextos impressos e digitais. Destaca-se aqui Chartier. É importante enfatizar, nesse contexto, o uso de estratégias de divulgação do entorno, eventos e agendas editoriais, por exemplo, as revistas científicas que direcionam suas chamadas com intuito de popularizar essas abordagens.

As agendas editoriais se apropriam de estratégias como uso de dossiê para fortalecer o campo quanto ao seu impacto científico e, assim, atrair mais pesquisadores para sua linha de investigação. Na Região Centro-Oeste, isso não é diferente. Observam-se os dossiês das revistas da educação, cujas linhas de pesquisa trazem os objetos de interesses da História da Educação, como *Educativa* (PUC/Goiás), *Inter-Ação* (UFG), *Interfaces da Educação* (UEMS/Paranaíba), *Intermeio* (UFMS/Corumbá), *Póiesis Pedagógica* (UFG/Catalão), *Revista Brasileira de Política e Administração Educacional* (ANPAE/UFG), *Revista Educação e Fronteiras On Line* (UFGD), *Revista Série-Estudos* (UCDB).

O quadro 8 elenca os dossiês das revistas vinculadas aos programas de pós-graduação da Região Centro-Oeste.

**Quadro 8** - Revistas e dossiês, volumes, números e anos

<b>Revista/IES</b>	<b>Dossiê</b>	<b>Volume/Número e ano</b>
Educativa (PUC/Goiás)	Teoria Histórico-Cultural, Educação Escolar e Didática	v. 19, n. 2 (2016)
Educativa (PUC/Goiás)	História e Memória da Educação Brasileira	v. 18, n. 2 (2015)
Inter-Ação (UFG)	Religião e Estado: confrontos na História da Educação	v. 44, n. 2 (2019)
Inter-Ação (UFG)	História da Leitura e Educação: políticas, espaços e práticas	v. 43, n. 1 (2018)
Inter-Ação (UFG)	Intérpretes do Brasil e os projetos de educação na passagem do século XIX para o XX	v. 41, n. 1 (2016)
Inter-Ação (UFG)	História da educação	v. 32, n. 2 (2007)
Interfaces da Educação (UEMS/Paranaíba)	Educação histórica em perspectiva: inclusão e políticas públicas	v. 8, n. 22 (2017)
Interfaces da Educação (UEMS/Paranaíba)	As contribuições do enfoque histórico-cultural para uma educação desenvolvimentista: a complexidade e integralidade	v. 6, n. 18 (2015)
Interfaces da Educação (UEMS/Paranaíba)	Educação escolar: história, práticas e representações	v. 2, n. 5 (2011)
Intermeio (UFMS/Corumbá)	Perspectivas histórico-sociais de estudo do fenômeno educativo	v. 20, n. 40 (2014)
Intermeio (UFMS/Corumbá)	Entre a filosofia e a história da/na educação: um programa de leituras	v. 18, n. 35 (2012)
Intermeio (UFMS/Corumbá)	A Pesquisa Em História Da Educação: Por Entre Escritas E Reescritas	v. 16, n. 31 (2010)
Póesis Pedagógica (UFG/Catalão)	História da Educação na região centro-oeste	v. 14, n. 1 (2016)
Póesis Pedagógica (UFG/Catalão)	Histórias de Vida e Formação: o uso de (auto)biografias educativas no ensino e pesquisa em Educação”	v. 8, n. 1 (2010)
Revista Brasileira de Política e Administração Educacional (ANPAE/UFG)	Educação no Brasil - 50 anos pós Golpe Militar	v. 30, n. 2 (2014)
Revista Educação e Fronteiras <i>On Line</i> (UFGD)	Impressos, Infância e Instituições Escolares na História da Educação da Região Centro-Oeste do Brasil	v. 8, n. 24 (2018)
Revista Educação e Fronteiras <i>On Line</i> (UFGD)	Livros didáticos como fonte/objeto de pesquisa para a História da Educação no Brasil e na Espanha	v. 7, n. 20 (2017)
Revista Educação e Fronteiras <i>On Line</i> (UFGD)	Educação e história das instituições	v. 3, n. 9 (2013)
Revista Educação e Fronteiras <i>On Line</i> (UFGD)	A história da educação sob diferentes perspectivas investigativas	v. 2, n. 4 (2012)
Revista Série-Estudos (UCDB)	Histórias das Instituições Educacionais	n. 25 (2008)

Fonte: Elaborado pela autora (2023).



Os periódicos em que os pesquisadores do Centro-Oeste mais veicularam seus artigos, frente aos trabalhos selecionados por esta pesquisa, são: **Revista Eletrônica documento/monumento** (UFMT) com 13 publicações; **Revista educação e fronteiras on-line** (UFGD) com 12; *Poíesis Pedagógica* (UFG/Catalão), possuindo 11 artigos, seguida da revista **Interfaces da Educação** (UEMS/Paranaíba) com 9, o **Cadernos de história da educação** (UFU) e **História da Educação** (UFPel), que juntos possuem 8 publicações.

Identificou-se que a maior parte das publicações se vincula às revistas da própria Região Centro-Oeste, ou seja, tais trabalhos têm alta incidência dentro dessa região fronteiriça, indicando possíveis elos entre os grupos interinstitucionais. No entanto, isso também pode detectar endogenia regional, indicando forte tendência a um *status quo*, ou seja, as ideias não circulam, ficam restritas às relações sociais internas ao campo.

Percebe-se também que somente dois periódicos externos ao núcleo receberam contribuições dos pesquisadores. Esse estrato vem confirmar que a maioria das produções não se propagam como deveriam, não estabelecem importantes conexões com outras regiões brasileiras. Importante ressaltar, perante a coleta de informações dos artigos produzidos pela Região Centro-Oeste, a existência de diferentes temporalidades que contornaram as escolhas dos objetos de investigação.

A alta frequência de termos pulverizados também converge com as escolhas dos objetos dos pesquisadores. Todo esse pulsar reflete novas preocupações que são direcionadas à História e à História da Educação. Mais precisamente, essas produções expressam o real deslocamento que está acontecendo diante do embate entre classes econômicas, que estão mais sintonizadas com as questões de gênero, região, grupos identitários e étnicos, a sexualidade, os comportamentos, as simbolizações, o cotidiano, a oralidade e as particularidades regionais.

Acredita-se que, no campo da História da Educação, por geralmente não possuírem formação inicial, os pesquisadores, chamados historiadores por ofício, recorrem à reiteração da produção já existente do próprio campo da história da educação brasileira, no sentido de ficar preso à História Cultural. Como consequência, outras ideias fora desse ciclo pouco são disseminadas.

As concepções de educação das produções analisadas revelaram que algumas temáticas, como a do currículo, atribuem a ele um caráter formador para a cultura geral e cultura humanística. Mas o detalhe é que não se desprende da função patriótica, principalmente nos anos 1960 a 1985, no período da reforma Capanema, que teve como intento colocar a educação a serviço do projeto autoritário e nacionalista de Vargas.

A instituição escolar privada, no espaço temporal de 1958 a 1968, não tinha apenas o objetivo de evangelizar; buscava-se educar pessoas para ascensão social e no sentido de coletividade. As escolas desse modelo apresentavam valores como “[...] honra, virtude, respeito mútuo, temperança e liberdade, derivados da religião e do acatamento de seus preceitos. Buscava-se motivar e incentivar os alunos a seguir um modelo de educação que propiciasse mudanças comportamentais [...]” (RIBEIRO, 1981).

A educação escolarizada, portanto, era aquela que atingia os preceitos bíblicos. Quanto ao uso de materiais impressos para subsidiar a prática pedagógica, fica uma grande lacuna no sentido de compreender a sua aplicação ou não na escola. A única menção é que se utilizavam cartilhas, escolhidas pela profa. Ambrosina (Diretora). A Bíblia, por sua vez, tinha uma simbologia diferente: “evidencia-se que a educação das crianças por meio dos princípios protestantes, fazendo uso da Bíblia, seria uma garantia da permanência e progresso da expansão do protestantismo em terras goianas” (DIAS; PAES, 2017, p. 67-68). Quanto às instituições de ensino, tanto as privadas quanto as católicas, os estudos contemplavam o conceito de evangelizar por meio da educação, concepções pautadas nos princípios morais e cristãos.

Interessante comparar a educação rural quando se aborda um estudo histórico, pois a intenção governamental era de controlar o sistema, de vigiar as populações fronteiriças (fronteiras do sul do Mato Grosso com a Bolívia e Paraguai). O apontamento em tela trata-se de uma escola isolada mista em Mato Grosso, numa região perto de Ponta Porã-MS, nas décadas do século XX, cujo título é “Infância, migração e a Escola Rural de Lagunita”, dos autores Ademilson Batista Paes e Fernando Luis de Oliveira Athayde Paes. Para eles, o governo federal não se preocupava com a escolarização dos indivíduos.

Esse era conceito de educação das escolas isoladas (consideradas provisórias). Perto dos grupos escolares e/ou escolas reunidas, tinha-se como projeto político o objetivo de ocupar e povoar os espaços vazios, nacionalizando as fronteiras do sul do Mato Grosso com a Bolívia e, sobretudo, com o Paraguai. Com isso, promovia a colonização por meio da presença de trabalhadores rurais. A intenção era facilitar o povoamento naquela região, visando ao controle maquiado pela escolarização da população, com a introdução de escolas precárias.

Outro destaque quanto à renovação teórico-metodológica dos *Annales* é o uso da multiplicidade de fontes de pesquisa. Para entender esse fenômeno, ressalta-se que tudo é classificado dentro dos domínios da História. A noção de documento foi ampliada e ressignificada: “os documentos não são mais considerados somente pelas informações que

forneem, mas são também estudados em si mesmos, em sua organização discursiva e material, suas condições de produção, suas utilizações estratégicas” (CHARTIER, 2002, p. 13).

Para exemplificar isso, temos, como parte do cotidiano escolar, o “Caderno de Planejamento” da professora da Escola Padre Anchieta de Vila Formosa, no artigo “Ensino de Divisão numa Escola Rural de Dourados-MS (1989): uma análise do caderno de planejamento”, publicado por Alessandra Cristina Furtado, Maria do Carmo Brazil e Edvonete Souza de Alencar. Elas observam, no caderno, um “objeto quase invisível que guarda a memória da educação” (MIGNOT, 2008, p. 13). O documento, segundo as autoras, vem representar a fala daquela época dos alunos, professores, pais, projetos pedagógicos, avaliações, valores disseminados e todas as relações e práticas que circundavam a escola, que antes estavam silenciadas.

Esse encantamento pela Nova Escola Cultural indica que atualmente os pesquisadores são impulsionados pelos programas e agências de pesquisa a buscar um referencial de pesquisa *soft*. Esse esvaziamento das perspectivas teleológicas e revolucionárias impedem os pesquisadores de se indignar com as desigualdades sociais que – todos sabemos – são refletidas na escola. Aqui exalta-se a existência do pressuposto gnosiológico que compreende que tudo pode ser objeto histórico, mecanismos ideológicos no campo, por exemplo, a fotografia de um aluno descalço na escola.

Essa significação não obscurece as pequenas contribuições que continuam existindo no campo da História Social, da História Política, da História Cultural marxista. Todavia, observa-se que o subcampo de pesquisa da História Econômica é praticamente inexplorado nas pesquisas, bem como modelos seriais, estatísticos e quantitativos. Pondera-se que a própria História não tenha se dedicado a esses domínios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do tempo presente, a duras penas, demonstrou a importância de existir a comunicação transitiva entre o senso comum e a ciência. As pessoas consideradas comuns devem obter laços de confiança com a ciência. Para que isso aconteça, é imprescindível haver profissionais comprometidos com a popularização da pesquisa científica.

Deve-se pensar a Educação dentro dos padrões críticos do conhecimento. A falta de alfabetização científica leva muitos a ser persuadidos pelo frequente uso de desinformação. A autonomia do pensamento leva os alunos a construir a consciência crítica/política. Isso deve ser incentivado desde a tenra idade, pois, com a presença da filosofia já na educação básica, eles alcançarão níveis inimagináveis frente à luta tão necessária nos dias atuais para manutenção da democracia.

Isso posto, o trabalho observou que os pesquisadores dos grupos de pesquisa da História da Educação da Região Centro-Oeste se lançaram em busca das disposições em torno do lucro simbólico que o campo oferece, compactuando com o modismo presente. A pesquisa identificou várias escritas dentro da mesma perspectiva historiográfica, indicando uma reiteração desta produção. Esse estrato pode sinalizar um obstáculo epistemológico impulsionado por um fortalecimento de olhar, uma visão muito difícil de ser reconhecida pelos próprios pesquisadores, sendo imprescindível incutir a prática da autoanálise sobre a posição política que reside o objeto de pesquisa, desmitificando a cultura cultivada pelo Estado (padrões de produção, agendas editoriais e filtros de divulgação) que normalizam o *status* de pesquisa, o que se quer despertar aqui é a importância do olhar crítico do pesquisador sobre a “objetivação participante” sendo preciso haver reflexividade e descontaminar a construção do objeto (CURTO; DOMINGOS; JERONIMO, 2011).

Os índices de citação exteriorizados na pesquisa levantaram referenciais basilares dos textos, como a presença de Roger Chartier, Demerval Saviani, Pierre Bourdieu, Rosa Fátima Sousa, Diana Gonçalves Vidal, Antonio Viñao-frago, Michel de Certeau. Contudo, esperava-se maior reincidência dessa massa crítica entre os artigos dos pesquisadores. Esses intérpretes da escrita historiográfica deveriam também simetricamente constar nos outros trabalhos, isso demonstra a necessidade de haver aprofundamentos teóricos para a construção de cadeias sociais, pois o que se nota diante do *ranking* apresentado é que há uma grande dispersão de autores citados. Um total de 1970 autores foram citados uma única vez, um indicador alto frente à média de frequência que essa elite teórica recebeu, diagnosticando, assim, que há instabilidade da disciplina científica.

Identificou-se ainda certo fascínio dos pesquisadores pelo campo de investigação da Nova Escola Cultural. Penso que é resultado da preocupação dos pesquisadores com a descolonização do método, por ser uma escola que visa representar as vozes das minorias, silenciadas, problemas implícitos que antes não eram investigados e sequer considerados. Esse novo olhar sobre os objetos científicos determina um novo conceito de pesquisa na História da Educação.

É sabido que a História da Educação incorporou um *slogan* estratégico de projeção simbólica pelas lutas concorrenciais, pelo prestígio e pela hegemonia científica, uma vez que o movimento científico dos *Annales*, do qual decorre a Nova História Cultural, foi extremamente hábil na difusão e propaganda de si mesmo. Esse fato explica, na média duração, o sucesso dessa corrente historiográfica, expressando não só um movimento endógeno na região, mas também um reflexo de uma tendência no mundo ocidental.

No entanto, a crítica que tem sido feita à Nova História Cultural se baseia na ausência de denúncias da política e dos políticos, uma vez que a corrente só descreve fatos, o que nos faz refletir que o uso do seu método requer novas leituras mais aprofundadas do sujeito. O pesquisador deve se atentar à realidade circundante que permeia a sua própria pesquisa, pois se apropria de pesquisas imperantes que impõem resultados controversos aos das suas construções sociais, propagando um só ideal de cultura legítima.

A construção histórica do pesquisador requer uma mudança postural: eles devem representar as vozes dos excluídos pelo discurso de resistência. A ideia é tratar “os oprimidos” pela sociedade não como objeto do conhecimento, mas representá-los como si mesmos. Destaca-se a importância de se autorrepresentar na pesquisa, de se despir daquela postura engessada incorporada pelo *habitus* científico, de imprimir o ideal do pesquisador conectado à experiência concreta.

É um alerta epistemológico para os pesquisadores não se tornarem cúmplices do campo tradicional reprodutivista e propagarem um discurso controlado (SPIVAK, 2010), porque, mesmo não estando no lugar concreto dos sujeitos da pesquisa, os pesquisadores deveriam desafiar o status quo dos discursos hegemônicos - exercerem uma permanente vigilância crítica sobre as operações epistemológicas.

O atual momento em que vivemos comprova isso. Identificou-se um forte movimento político fascista com a missão de dissolver as conquistas da democracia (1964 a 1985). Esse fato ratifica o quanto é necessário produzir caminhos revolucionários, sendo crucial estimular a produção científica como espaço de crítica social.

Reconhece-se que a ideia de novos temas, objetos e problemas, hoje em dia, não parece tão eficaz para suprir o presente que estamos vivenciando, devido à grande efervescência política que provocou radicalizações de absurdos. Estamos em estado de risco iminente, equiparado ao tempo da ditadura, sendo preciso haver enfrentamentos para extinguir esses movimentos antidemocráticos.

A consciência dos pesquisadores é parteira da História. Para resistir, é imprescindível sermos filósofos, críticos e, precisamente, militantes porque é muito triste ver referenciais analíticos imperando na atual sociedade, ver pessoas do nosso próprio meio defendendo o uso da intervenção federal (militar). Assim, é impossível nos desprender do marxismo, pois o afastamento dessa escola pode significar conformismo social e supervalorização da luta social.

Por isso, não é forçoso afirmar que o marxismo está longe de ser um paradigma desatualizado. Ele contempla os problemas fundamentais da sociedade capitalista, um movimento vivo, que se revela atemporal, ou seja, resistente ao tempo. Como salientava Nagle (1997), não podemos aceitar que o modelo marxista esteja empobrecido ou arquivado, ele continua fértil na história do tempo presente. Além dos enfrentamentos que nos oferta, a questão maior é que nenhuma escolha metodológica deve se fechar em si mesma.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Karla Nazareth Corrêa de. **A pós-graduação no Brasil**: história de uma tradição inventada. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2017.
- ALVARENGA, Lídia. Política editorial e estado: estudo bibliométrico de artigos publicados na revista brasileira de estudos pedagógicos, 1944-74. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 13, n. 1, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/91441>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Relevância e aplicabilidade da pesquisa em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 39-50, jul. 2001.
- ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 51-64, jul. 2001.
- BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Rio de Janeiro-RJ: Zahar Editores, 1977.
- BARBALHO, Célia Regina Simonetti. Periódicos científicos em formato eletrônico: elementos para sua avaliação. *In*: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **Anais... XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005.
- BARROS, José D’Assunção. **O campo da história**: especialidades e abordagens. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BARROS, José D’Assunção. O campo histórico: considerações sobre as especialidades na historiografia contemporânea. **História**, Unisinos, p. 230-239, set. 2005a.
- BARROS, José D’Assunção. A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos, DHI/PPH/UEM**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005b.
- BASTOS, Maria Helea Câmara. O que é a História da Educação no Brasil hoje? Tempos de releção. **Espacio, Tiempo y Educación**, n. 3, v.1. p. 43-59, 2006.
- BATISTA, Andreza Pereira; FARIAS, Gabriela Belmont. Grupos de pesquisa em ciência da informação da região nordeste do Brasil: análise da produção, temáticas e disseminação da comunicação científica. **Inf. In.**, Londrina, v. 25, n. 2, p. 124-149, abr./jun. 2020.
- BEZERRA, Giovani Ferreira. Imprensa periódica e história da educação: perspectivas para a história da educação especial. *In*: FURTADO, Alessandra Cristina; SARAT, Magda; ZILIANI, Rosemeire de Lourdes Monteiro. **História da educação, memória e sociedade**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2021.
- BÍBLIA. Português. **Sagrada Bíblia Católica**: antigo e novo testamentos. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BITTAR, Marisa. A pesquisa em educação no Brasil e a construção do campo científico. **Revista Histedbr on-line**, Campinas, n. 33, p. 3-22, mar. 2009.

BITTAR, Marisa. O estado da arte em história da educação brasileira após 1985: um campo em disputa. *In*: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. (Org.). **Navegando pela história da educação**. Campinas: HISTEDBR, 2006. p. 1-24. Disponível em: [https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos\\_pdf/Marisa\\_Bittar\\_artigo.pdf](https://histedbrantigo.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Marisa_Bittar_artigo.pdf). Acesso em: 10 maio 2020.

BOURDÉ, Guy; MARTIN. Hervé. **As escolas históricas**. Portugal: Publicações Europa-América, 1987.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. (Org.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Método científico e hierarquia social dos objetos. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. (Org.) **Pierre Bourdieu: Escritos de Educação**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A profissão de sociólogo: preliminares epistemológicas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRANDÃO, Zaia. A historiografia na educação na encruzilhada. *In*: SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís. (Org.) **História e história da educação**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006. p. 100-114.

BUFFA, Ester. Os 30 anos do GT de História da Educação: sua contribuição para a constituição do campo. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 4[43], p. 393-419, 2016.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. Instituições escolares: por que e como pesquisar. **Caderno de Pesquisa: Pensamento Educacional**, v. 3, n. 05, jan/jun 2008.

CARNEIRO JUNIOR, Sandoval; LOURENÇO, Ricardo. Pós-graduação e pesquisa na universidade. *In*: VIOTTI, E. B.; MACEDO, M. (Edit). **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação no Brasil**. Campinas: Unicamp; 2003. p. 169-227.

CASTANHO, Sérgio. Questões teórico-metodológicas de história: cultura e educação. *In*: LOMBARDI, José. **História, cultura e educação**. Campinas-SP: Autores Associados, 2006. – (Coleção educação contemporânea).



CASTANHO, Sérgio. **Teoria da história e história da educação**: por uma história cultural não culturalista. Campinas-SP: Autores Associados, 2010.

CASTRO, Cláudio Moura. **Ciência e universidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHALMERS, Alan F. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense 1993.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, p.173-191, jan./abr. 1991.

CHASSOT, Attico. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, abr. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782003000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 24 set. 2019.

CHAUI, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo-SP: Unesp, 2001.

COELHO, Márcio. **Os referenciais teóricos da área de fundamentos da educação do PPGE/UFSCar**: um estudo epistemológico e bibliométrico da produção científica (1993 a 2007). 2013. 473p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2013.

CORREA, Luiz Rafael Araujo. Micro-História: compreendendo uma perspectiva inovadora. **História em rede**, jan. 2019. Disponível em: <https://historiaemrede.medium.com/micro-hist%C3%B3ria-compreendendo-uma-perspectiva-inovadora-fc545da59ec4>. Acesso em: 20 dez. 2020.

COSTA, Iná Camargo. **Dialética do marxismo cultural**. São Paulo: Expressão popular, 2020.

CURTO, Diogo Ramanda; DOMINGOS, Nuno; JERONIMO, Miguel Bandeira. O poder simbólico e o projecto sociológico de Pierre Bourdieu. In: BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2. ed. Lisboa: Ed. 70, 2011, (Coleção História e Sociedade).

DECCA, Eddgar Salvadori. Narrativa e história. In: SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luis (Org.). **História e história da educação**: o debate teórico-metodológico atual. 2. ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2000.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Clássicos).

DIAS, Kamila Gusatti; PAES, Ademilson Batista. Da Escola Evangélica de Jataí ao Instituto Samuel Graham: resquícios de uma história (1942-1971). **Diálogos** (On-line), v. 21, p. 66-84, 2017.

DOSSE, François. **A história em migalhas**. São Paulo: Ensaio, 1992.

FALCON, Francisco José Calazans. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006.

FERRARO, José Luís Schifino. Pierre Bourdieu para pensar a educação em ciências: uma abordagem sócio-epistemológica. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande-MS, v. 25, n. 49, p. 101-117, jan./jun. 2019.

FRANCESCHET FARIAS, Graziela; SANGOI ANTUNES, Helenise. A Constituição de grupos de pesquisa e a figura feminina: a trajetória do grupo de estudos e pesquisa sobre formação inicial, continuada e alfabetização (GEPFICA) no cenário social. **Travessias**, Cascavel, v. 3, n. 3, jan. 2000. ISSN 1982-5935. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3445/2739>. Acesso em: 03 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 48. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Juliana Lazzarotto; BUFREM, Leilah Santiago; MACEDO, Raimundo Nonato. Autocitação de periódicos: uma análise de estudos métricos em informação na base Scopus. *In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XVII ENANCIB*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/191582>. Acesso em: 27 jul. 2022.

FREITAS, Maria de Fatima Quintal de; SOUZA, Jusamara. Pensar a formação e a pesquisa na pós-graduação stricto sensu. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 9-18, set./out. 2018.

FURTADO, Alessandra Cristina; BRAZIL, Maria do Carmo; ALENCAR, Edvonete Souza de. Ensino de Divisão numa Escola Rural de Dourados-MS (1989): uma análise do caderno de planejamento. **Revista diálogo educacional**, v. 19, p. 603-626, 2019.

FURTADO, Alessandra Cristina; BEZERRA, Giovani Ferreira; MOREIRA, Kênia Hilda. Pesquisas em história da educação: problematizando o uso de arquivos, documentos e fontes. **Patrimônio e Memória**, Assis-SP, v. 15, n. 2, p. 530-556, jul./dez. 2019.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; FONSECA, Lima, Thais Nívia. História Cultural e História da Educação. *In: LINHALES, Meily Assbú; FONSECA, Thais Nívia de Lima e (Org.). Diálogos da história da Educação*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2017.

GARFIEL, Eugene. Is citation analysis a legitimate evaluation tool? **Scientometrics**, Amsterdam, v. 1, n. 4, p.359-375, 1979.

GERMANO, Marcelo Gomes. **Uma nova ciência para um novo senso comum**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. São Paulo, : Companhia das Letras, 2006.

GLÄNZEL, Wolfgang. **Bibliometrics as a research field: a course on theory and application of bibliometric indicators**. 2003. Bélgica: [s.n.], 2003. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.97.5311&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

GONÇALVES, Nadia G. **Constituição histórica da educação do Brasil**. Curitiba: Ibpex, 2011.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao. **O campo da história da educação no Brasil**: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2007.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; RIGOLIN, C. Carneiro Dias; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Métricas da participação feminina na ciência e tecnologia no contexto dos INCTs. **Liinc Em Revista**, v. 9, n. 1, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.18617/liinc.v9i1.524>. Acesso em: 02 maio 2020.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini *et al.* Indicadores da participação feminina em ciência e tecnologia. **Transinformação**, v. 19, p. 169-187, 2007.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Handbooks: base de conhecimento para a compreensão dos estudos sobre ciência, tecnologia, inovação e sociedade. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 19, n. 37, p. 493-501, jul./dez. 2014.

HEY, Ana Paula. **Esboço de uma sociologia do campo acadêmico**: a educação superior no Brasil. São Carlos-SP: EDUFSCAR/Fapesp, 2008.

HYLAND, Ken. Self-citation and self-reference: credibility and promotion in academic publication. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, 8 jan. 2003. Disponível em: <https://asistdl.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.10204>. Acesso em: 10 maio 2022.

INEP. **Terminologia**. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/gestao-do-conhecimento-e-estudos-educacionais/cibec/terminologia>. Acesso em: 10 maio 2022.

LE GOFF, Jacques. A história nova. In: LE GOFF, J. (Dir.). **A história nova**. São Paulo: M. Fontes, 1990. p. 25-64.

LE GOFF, Jacques. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LUKÁCS, György. **Marx, ontologia del ser social**. Madrid: Akal, 2007.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências antropológicas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. São Paulo: Expressão popular, 2008.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MENEZES, Jean. **O método em Marx**: um estudo sobre o presente como síntese de múltiplas determinações. São José do Rio Preto: Praxis Editorial, 2022.

- MERTON, Robert King. The Matthew Effect in Science II: cumulative advantage and the symbolism of intellectual property. **ISIS**, v. 79, p. 606-623, 1988.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Um objeto quase invisível. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Cadernos à vista: Escola, Memória e Cultura escrita**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.
- MONARCHA, Carlos. História da educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 21, p. 51-77, jan./abr 2007.
- MORAN, Márcio Roberto *et al.* Alianças estratégicas: uma análise bibliométrica da produção científica entre 1989 e 20018. **Revista de Ciência da Administração**, v. 12, n. 17, p. 42-62, maio/ago. 2010.
- MORENO, Fernanda Passini; MÁRDERO ARELLANO, Miguel A. Publicação científica em arquivos de acesso aberto. **Arquivística.net**, Rio de Janeiro-RJ, v. 1, n. 1, 2005. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/56050>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- MORETTI, Sérgio Luiz do Amaral; CAMPANARIO, Milton de Abreu. A produção intelectual brasileira em responsabilidade social empresarial – empresarial – rse sob a ótica da bibliometria. **RAC**, Curitiba, v. 13, Edição Especial, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/kjMJGTqTjc4ZG5trKJBzbLn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 dez. 2021.
- MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A ciência, o sistema de comunicação e a literatura científica. *In*: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite (Org.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais, 2000.
- MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 12, n. 3, p. 179-197, 2012.
- NAGLE, Jorge. Questões relativas à trajetória da pesquisa em história da educação no Brasil. *In*: SANFELICE, José Claudinei; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval (Org.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.
- NAGLE, Jorge. Trajetórias da pesquisa em história da educação no Brasil. *In*: IV SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "História, sociedade e educação no Brasil". 1997. **Anais...** p. 115-130.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo-SP: Expressão popular, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A vontade de poder**. Trad. de Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. Método científico e hierarquia social dos objetos. *In*: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de educação**. 9. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

NOSELLA Paolo. A pesquisa em educação: um balanço da produção dos programas de pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15 n. 43, p. 177-203, jan./abr. 2010.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. As pesquisas sobre instituições escolares: o método dialético marxista de investigação. **EccoS – Revista Científica**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 351-368, jul./dez. 2005.

ORTIZ, Renato. (Org.). **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983.

PAES, Ademilson Batista; PAES, Luís Oliveira Athayde. Infância, migração e a Escola Rural de Lagunita (Sul de Mato Grosso - 1916). **Póiesis Pedagógica**, v. 15, p. 71-90, 2017.

PEREIRA, Gilson E. de; ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. Aprendizagem científica: experiência com grupo de pesquisa. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MEKSENAS, Paulo (Org.). **A trama do conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa**. Campinas-SP: Papyrus, 2008. p. 153-167.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Historia e historia cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PESSANHA, Eurize Caldas. Escrita da história da educação no Centro-Oeste: situação atual e perspectivas. **Póiesis Pedagógica**, Catalão GO, v. 14, n. 1, p. 32-48, jan/jun. 2016.

RABÓCZKAY, Tibor. Significado real do número de citações de um artigo científico, **Jornal da USP**. Disponível em: [https://jornal.usp.br/artigos/significado-real-do-numero-de-citacoes-de-um-artigo-cientifico/?fbclid=IwAR0LgSKFvL7TTUfNJmsMBnMWddUWsA\\_at8txfSdGsd9yDitLUcyzGJ0vRVM](https://jornal.usp.br/artigos/significado-real-do-numero-de-citacoes-de-um-artigo-cientifico/?fbclid=IwAR0LgSKFvL7TTUfNJmsMBnMWddUWsA_at8txfSdGsd9yDitLUcyzGJ0vRVM). Acesso em: 15 maio 2022.

RAPINI, M. S. O Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq e a interação universidade-empresa no Brasil: uma proposta metodológica de investigação. **Econ. contemp.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 99-117, jan./abr. 2007.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, abr./jun. 2014.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo e cultura brasileira: aspectos culturais da implantação do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981.

ROÇAS, Giselle; ANJOS, Maylta Brandão dos; PEREIRA, Marcus Vinicius. Quanto vale ou é por quilo? O peso da publicação acadêmica na área de ensino. **Ens. Tecnol. R.**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 46-66, jan./jun. 2017.

SÁ, Nicanor Palhares; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. A produção da história da educação na Região Centro-Oeste: perspectivas (1992-2004). *In*: GONDRA, José Gonçalves. **Pesquisa em História da Educação no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SACARDO, Michele Silva. **Estudo bibliométrico e epistemológico da produção científica em educação física na região centro oeste do Brasil**. 2013. Tese (Doutorado em educação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2013.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio Ancízar. **Epistemologia da pesquisa em educação: estruturas lógicas e tendências metodológicas**. 1987. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1987.

SANCHEZ GAMBOA, Silvio. As condições da produção científica em educação: do modelo de áreas de concentração aos desafios das linhas de pesquisa. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p.78-93, jun. 2003.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio. **Pesquisa educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2008.

SAVIANI, Dermeval *et al.* Sociedade Brasileira de História da educação: constituição, organização e realizações. **Revista brasileira da história da educação**, v. 11, n. 13, p. 13-45, set./dez. 2011.

SAVIANI, Dermeval. História da história da educação no Brasil: um balanço prévio e necessário. **EccoS Revista Científica**, v. 10, núm. esp., p. 147-167, jul. 2008.

SILVA, Francisco Thiago E.; BORGES, Livia Freitas Fonseca. Materialismo histórico e dialético em pesquisas do campo curricular: o ensino de História no curso de Pedagogia. **Educação**, Santa Maria, v. 43, n. 3, p. 565-582, jul./set. 2018.

SILVA, Lorena Ferreira Lara *et al.* Caracterização e desempenho dos grupos de pesquisa do Instituto Federal de Brasília (IFB) certificados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). **Revista Eixo**, Brasília – DF, v. 8, n. 3, jul/dez. 2018.

SILVA, Marcelo Costa da; CASIMIRO, Adelaide Helena Targino; DUARTE, Emeide Nóbrega. Caracterização dos grupos de pesquisa em inteligência organizacional competitiva. **Biblionline**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 14-25, 2016.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cientiométricos. **Revista Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, 1998.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte-MG: Editora UFMG, 2010.

TAMBARA, Eleomar. Problemas teórico-metodológicos da história da educação. *In*: SANFELICE, José Claudinei; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Demerval (Org.). **História e história da educação: o debate teórico-metodológico atual**. 3. ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2006.

TANURI, Leonor Maria. História da educação no Brasil: pesquisa, organização institucional e estratégias de divulgação científica. **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 2, p.45-67, jul./dez. 2011.

TARGINO Maria das Graças. **Comunicação científica**: o artigo de periódico nas atividades de ensino e pesquisa do docente universitário brasileiro na pós-graduação. 1988. 387f. Tese (doutorado em Transferência do Conhecimento Registrado) – Faculdade de Estudos Sociais Aplicados Universidade de Brasília, Brasília, 1988.

TEIXEIRA, Francimar Martins. Alfabetização científica: questões para reflexão. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 19, n. 4, p. 795-809, 2013.

TESSER, G. J. Principais linhas epistemológicas contemporâneas. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 10, p. 91-98, 1994.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Organização Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. 2. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2001. p. 21-58.

TOLEDO, Karina. **Negacionismo científico**: a produção política e cultural de desinformação. Disponível em: [https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/?fbclid=IwAR02piUn\\_aN6FzOml4g\\_BKA4NIMQv5xoMZL562AEZJSnbY71OX05ctHD5vc](https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/?fbclid=IwAR02piUn_aN6FzOml4g_BKA4NIMQv5xoMZL562AEZJSnbY71OX05ctHD5vc). Acesso em: 10 dez. 2020.

UNESP. **Perguntas e respostas para líderes de grupo, pesquisadores e estudantes**. Franca, 2018. Disponível em: [https://www.franca.unesp.br/Home/Pesquisa39/Perguntas\\_e\\_Respostas.pdf](https://www.franca.unesp.br/Home/Pesquisa39/Perguntas_e_Respostas.pdf). Acesso em: 10 dez. 2022.

VALDEZ, Diane; BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. História da Educação em Goiás: estado da arte. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 21, n. 45, p. 105-125, jan./abr. 2012.

VANTI, Nadia Aurora. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de Citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 295–307, 2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/75>. Acesso em: 24 maio. 2022.

VIDAL, Diana Gonçalves; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. História da educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003.

VIÑAO FRAGO, A., ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. [S.l.]: DP & A, 1998.

VOGEL, Rick; GÜTTEL, Wolfgang H. The dynamic capability view in strategic management: a bibliometric review. **International Journal of Management Reviews**, v. 15, n. 4, p. 426-446, 2013.

WARDE, Mirian J. O papel da pesquisa na pós-graduação em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 73, p. 57-75, 1990.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1979.



## APÊNDICE A – Indicadores e operacionalização dos Grupos de Pesquisa

### Educação, Leitura e Escrita (EDULE)

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Selma Martines Peres e Maria Aparecida Lopes Rossi
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Catalão (GO)
Instituição	Universidade Federal de Goiás (UFG)
Status do Grupo	Em preenchimento
Ano de formação	2010
Linhas de Pesquisa	Ensino de Língua Materna: práticas, perspectivas e formação do professor; Leitura, História, Políticas e Práticas
Repercussões dos trabalhos do grupo	Desenvolvimento de pesquisas que contribuam para a compreensão da educação e sua relação com a leitura e escrita, leitor, livro analisando a história da leitura, cultura escolar, ensino da língua materna, práticas de leitura, condições de produção e circulação de livros, políticas de incentivo à leitura e livro adotadas por diferentes governos, formação do leitor em ambiente escolares e não-escolares.

### Estado, Política e História da Educação

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	João Ferreira de Oliveira e Karine Nunes de Moraes
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Goiânia (GO)
Instituição	Universidade Federal de Goiás (UFG)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2000
Linhas de Pesquisa	Expansão da educação superior e produção do conhecimento: financiamento, gestão e avaliação; Expansão e qualidade da educação superior no contexto do plano nacional de educação (2014-2024): Tensões, limites e perspectivas; Financiamento da educação superior no Brasil; Observatório: o trabalho docente na educação profissional em Goiânia; Política e gestão de sistemas públicos educacionais; Políticas e gestão da educação superior; Políticas e gestão da educação superior (Expansão, Interiorização, privatização, avaliação, gestão e identidade institucional); Políticas, histórias e práticas pedagógicas na educação de trabalhadores
Repercussões dos trabalhos do grupo	Esse grupo organizou-se informalmente em 1995, tendo sido mais bem delimitado e caracterizado com a reestruturação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG, em 1998. Em 2000 foi institucionalizado. O grupo vincula-se à linha de pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação, que tem por objetivo Analisar o Estado, as transformações decorrentes de suas ações na formulação e implementação de políticas sociais, particularmente das políticas educacionais. Analisa também, no campo da história da educação, a trajetória das instituições escolares, a memória e as representações sociais ligadas a essas instituições. Destacam-se nestas análises, seus elementos constitutivos, desdobramentos em sua formulação e os

	processos intervencionistas delas decorrentes. O grupo vincula-se também ao Núcleo de Estudos, Pesquisas e Documentação: Educação, Sociedade e Cultura-Nedesc. Também se vincula à Rede Universitas Br.
--	---

### **Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais (G-TEPE)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Érika Porceli Alaniz e Leandro Picoli Nucci
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Status do Grupo	Certificado – Não atualizado há mais de 12 meses
Ano de formação	2019
Linhas de Pesquisa	História e Políticas Educacionais; Trabalho e Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O grupo G-TEPE (Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Políticas Educacionais) tem por objetivo desenvolver pesquisas em políticas públicas educacionais na perspectiva da relação entre trabalho e Educação

### **Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHEB)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Ademilson Batista Paes e Estela Natalina Mantovani
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Paranaíba (MS)
Instituição	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2005
Linhas de Pesquisa	História da Infância, das Instituições Educativas e da Formação de Professores; História do Ensino de Língua e Literatura
Repercussões dos trabalhos do grupo	GEPHEB - O Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira tem como eixos norteadores a história da escolarização da infância, das práticas, das disciplinas e instituições escolares. Suas ações estão concentradas em ensino, pesquisa e extensão, cujos objetivos encontram-se no fomento da pesquisa na graduação e pós-graduação por meio da produção de trabalhos acadêmicos; publicação de artigos em periódicos, anais e capítulo de livros; articulação, intercâmbio e colaboração com outros grupos de pesquisa que constituem o campo, vinculados ou não a outras instituições; organização, colaboração e coordenação de eventos institucionais e interinstitucionais na área.

### **Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Públicas, História, Educação das Relações Raciais e de Gênero (GEPHERG)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Renisia Cristina Garcia Filice e Leandro Santos Bulhões de Jesus
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Brasília (DF)
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)

Status do Grupo	Em Preenchimento
Ano de formação	2010
Linhas de Pesquisa	História da África, Diáspora(s) e Cultura Afro-Brasileira; Políticas Públicas, Gestão e Educação: Interseccionalidade Raça, Classe e Gênero; Quilombos: territórios, educação e soberania intelectual; Territórios, Memória(s) e História(s) do/no Distrito Federal
Repercussões dos trabalhos do grupo	Criado em 2010, este grupo foca no estudo de políticas públicas, gestão, considerando os mecanismos de exclusão históricos no país, com base na raça/cor, classe e gênero, em suas diferentes interfaces. Compõe-se de estudiosos/as de diferentes áreas empenhados/as com a produção de altos estudos e pesquisas, embasados numa perspectiva histórico-crítica e cultural, também pós-coloniais e decoloniais. Busca evidenciar práticas resistentes e inovadoras de transformação social. A partir de contatos e parcerias nacionais e internacionais, o Geppherg tem estabelecido redes de estudos sobre práticas de movimentos sociais de negros/as, mulheres, quilombolas, indígenas, para auxiliar em revisões historiográficas com vistas à promoção de uma educação antirracista, antissexista e cidadã seja no Brasil, África (de língua portuguesa, em particular) e em Portugal. Temas como educação, saúde da população negra, memória, territórios etc são abordados em profundidade.

### **Grupo de Pesquisa e Estudos em História da Educação, Instituições e Gênero (GPHEG)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Nilce Vieira Campos Ferreira e Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim Martins
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Cuiabá (MT)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2014
Linhas de Pesquisa	Corporeidades, gênero e relações entre escolarização e corpo; História da Educação das Mulheres, Instituições Escolares e Gênero; História da Educação, do Ensino e da Escola no Meio Rural; Sistema educacional brasileiro, história e políticas públicas de ensino superior
Repercussões dos trabalhos do grupo	As repercussões do GPHEG se concretizam por meio da implementação de pesquisas e divulgação de resultados em eventos científicos da área de História da Educação; publicação de artigos e capítulos de livros; Fortalecimento das linhas de pesquisas que englobam a história e memória das instituições, dos processos de escolarização e relações de gênero, no PPGE da UFMT, por meio da orientação de pesquisas de mestrado; Realização de Seminários de Pesquisa abertos à comunidade acadêmica; Consolidação da graduação em Pedagogia da UFMT incentivando pesquisas e orientação de IC; Sistematização das pesquisas sobre a História da Educação no âmbito da história educacional mato-grossense, privilegiando a interface e diálogo com a história da educação das regiões Centro-Oeste e Norte

	brasileiras; Internacionalização das pesquisas e dos pesquisadores por meio da publicação de artigos, capítulos em periódicos e livros estrangeiros e participação em congressos, conferências e outros.
--	--

### **Grupo de Estudo e Pesquisa em Políticas Educacionais e Órgãos de Gestão de Sistemas de Ensino**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Nadia Bigarella
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2016
Linhas de Pesquisa	Política, Gestão e História da Educação.
Repercussões dos trabalhos do grupo	Articular o Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Órgãos de Gestão dos Sistemas de Ensino (GPESE- UCDB), com o GEPPE e outros grupos nacionais, e internacionais; assinalar novas perspectivas para as políticas educacionais sul-mato-grossenses; trazer subsídios para a elaboração de outros debates a respeito das políticas na área de educação; contribuir para a formação de novos grupos de iniciação científica na temática e ampliar convênios, cooperação, intercâmbios com as Instituições regionais, nacionais e internacionais.

### **Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" no DF (HISTEDBR)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Raquel de Almeida Moraes e Eva Waisros Pereira
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Brasília (DF)
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2007
Linhas de Pesquisa	Políticas Públicas de Educação a Distância; Ciência e Tecnologia em perspectiva comparada: aspectos educacionais e político-sociais; Cátedra UNESCO de Educação a Distância; Educação do Distrito Federal: História e Memória; História da Educação, Aberta, Continuada e a Distância; História da Informática na Educação; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Observatório Ciência, Tecnologia e Educação - C&T&E: cooperativa solidária do conhecimento; Questões teórico-metodológicas da Pesquisa Histórica e Educacional; Teorias Pedagógicas e políticas educacionais numa perspectiva comparada
Repercussões dos trabalhos do grupo	O HISTEDBR-DF é um dos Grupos de Trabalho do HISTEDBR, Grupo de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" com sede na Faculdade de Educação da Unicamp e coordenação geral dos professores doutores Dermeval Saviani e José Claudinei Lombardi. Criado pelas profas. dras. Raquel de Almeida Moraes e Eva Waisros Pereira no 2º semestre de 2007, o grupo tem por finalidade somar esforços na investigação histórica das políticas educacionais e

	das instituições escolares do Brasil a partir do Distrito Federal. No ano de 2016, o HISTEDBR-DF foi contemplado com o financiamento de três projetos de pesquisa pela FAP-DF e PIBIC/UnB: 1) PORTAL MUSEU DA EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL, sob a responsabilidade da Dra Maria Paula Vasconcelos Taunay e equipe. 2) Origens das Escolas-Parque de Brasília, sob a responsabilidade da Dra Ingrid Wiggers e equipe. 3) A história da Educação a Distância no Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. Desafios atuais.
--	--

### **Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Infantil e Infância (GEINFAN)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Thaise da Silva e Rosemeire Messa de Souza Nogueira
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Dourados (MS)
Instituição	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2008
Linhas de Pesquisa	Educação da criança: alfabetizações e letramentos; Educação da Criança: currículo, práticas pedagógicas e o brincar; História da Infância e da Educação Infantil
Repercussões dos trabalhos do grupo	O grupo pretende ser um espaço de reflexão e de contribuição à pesquisa sobre a infância e a educação da criança e suas relações com a Educação Básica, a partir do estudo de temáticas que tenha como enfoque a educação das crianças pequenas, na perspectiva de construção de uma pedagogia da infância, na qual o foco da investigação seja as crianças e suas necessidades. Ainda mais, o grupo busca contribuir à formação de professores da rede pública e associações docentes, em parceria com outras instituições de ensino superior: UEMS, UFMS e UNIGRAN. Participa do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil MIEB e, especialmente, de suas ações o estado do Mato Grosso do Sul. Observando os temas relativos às suas linhas de pesquisa, a saber: Educação da Criança: História e Cultura; Educação da Criança: Currículo, Práticas Pedagógicas e Jogo e Educação da Criança: Gênero e Sexualidade; o grupo publicou artigos em revistas indexadas e vários trabalhos em anais de congressos científicos

### **Grupo de Estudos e Pesquisas Histórias e Memórias da Educação (HISMEE)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Jorge Luís Mazzeo Mariano
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Corumbá (MS)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2019

Linhas de Pesquisa	Culturas Escolares; Feminização do magistério; História das instituições escolares; Histórias e Memórias da Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O Hismee tem como objetivo o estudo e a pesquisa de temáticas relativas ao campo da História da Educação, congregando estudantes de graduação e pós-graduação. Sediado na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Campus do Pantanal), na cidade de Corumbá, o grupo se interessa pelo estudo das histórias e das memórias da educação, em âmbito local e nacional, sobretudo no que concerne à feminização do magistério, às instituições escolares e às culturas escolares.

### História da Educação e Memória (GEM)

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Elizabeth Figueiredo de Sá e Elizabeth Madureira Siqueira
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Cuiabá (MT)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	1993
Linhas de Pesquisa	História da Educação, Memória e relações de gênero; História das instituições escolares, práticas e pensamento educacional
Repercussões dos trabalhos do grupo	O Grupo de Pesquisa História da Educação e Memória (GEM) tem como objetivo o desenvolvimento de pesquisas na área de história da educação, em períodos históricos diferenciados, com centralidade para temáticas nacionais (Brasil Colônia, Império, República e Estado Novo) e regionais, contemplando também interfaces com a história da educação na América Latina. Dentre as produções do GEM destacam-se a organização de um amplo banco de dados relativo à área educacional em Mato Grosso, no qual são socializados os dados documentais coligidos pelo GEM ao longo dos anos, disponibilizando-os virtualmente e em publicações impressas. O Grupo de Pesquisa também oferece as dissertações e teses defendidas pelos seus integrantes. Os membros têm participado de eventos regionais, nacionais e internacionais, com apresentação de trabalhos, assim como publicam artigos em periódicos e livros. Sua contribuição é relevante na área dos ensinos de graduação, pós-graduação e extensão, com destaque à formação de pesquisadores e à organização de acervos educacionais.

### História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES)

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Alessandra Cristina Furtado e Kênia Hilda Moreira
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Dourados (MS)
Instituição	Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
Status do Grupo	Certificado

Ano de formação	2009
Linhas de Pesquisa	Cultura Escolar; História do Ensino Secundário; História e Memória de Instituições Escolares; Impressos pedagógicos, impressos de uso escolar e impressos de circulação geral
Repercussões dos trabalhos do grupo	A proposta do grupo é realizar estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação, com pesquisas acerca da histórias das instituições educativas e sua cultura escolar, disciplinas escolares, impressos pedagógicos e de uso escolar, imprensa de circulação geral. Geração de inventário de fontes de História da Educação da região do Mato Grosso do Sul. Estímulo à linha de pesquisa História e Historiografia da Educação Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da UFGD. - Geração de estudos monográficos sobretudo, da realidade educacional da região Sul de Mato Grosso (Uno) e sua interligação com a educação nacional; Geração de artigos sobre a história da educação nacional e regional, para publicação em periódicos da área de Educação e História; Pesquisa aprovada pela FUNDECT - Fundação de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico no Mato Grosso do Sul. Pesquisa Financiada pelo CNPq.

### Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Educação Rural no Brasil (NEPERBR)

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Flávio Reis dos Santos
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Morrinhos (GO)
Instituição	Universidade Estadual de Goiás (UEG)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2015
Linhas de Pesquisa	Capitalismo, Trabalho e Educação; Fundamentos da Educação e Práticas Educativas; Movimentos Sociais e Educação; Políticas Estatais para a Educação Rural
Repercussões dos trabalhos do grupo	O nosso objetivo é promover a discussão e ampliar a concepção de educação e trabalho para os sujeitos que vivem no campo para além das restrições estabelecidas pelos movimentos sociais e pelas políticas públicas/estatais, que se limitam na defesa da interação da pessoa humana com a natureza por meio da formação integrada do trabalho manual ao trabalho intelectual, considerando que são as condições materiais que produzem os meios para a sobrevivência tanto dos trabalhadores do campo como dos da cidade, ou seja, são as bases reais, concretas da sociedade que determinam as formas de pensar e agir de uma população. Portanto, precisamos estender a nossa compreensão para além dos limites da educação do campo, e considerar que o processo educacional ao ocorrer no campo obviamente tem o propósito de atender os sujeitos que moram no campo, assim sendo, não há a necessidade de pensar em uma educação específica para o campo

### Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais e Educação (NEPRE)

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Candida Soares da Costa e Sérgio Pereira dos Santos
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Cuiabá (MT)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Status do Grupo	Aguardando certificação
Ano de formação	2001
Linhas de Pesquisa	COR NO ENSINO SUPERIOR; GÊNERO E RAÇA; Quilombo: territórios e fronteiras; RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO; RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO; TRAJETÓRIAS DE PROFESSORAS E ALUNOS EM MATO GROSSO
Repercussões dos trabalhos do grupo	O Grupo de Pesquisa desenvolve pesquisas sobre a temática das Relações Raciais na Educação desde sua fundação. Desde nov. 2003 promove cursos de extensão, de aperfeiçoamento e de pós lato sensu, nas modalidades presencial e a distância, sobre os conteúdos da lei 10.639/03**, oferecendo formação continuada a professores e técnicos das redes de ensino, municipais e estadual, de Mato Grosso. até o primeiro semestre de 2017 já foram defendidas 43 dissertações de mestrado. encontram-se em andamento 07 (sete) dissertações de mestrado e 04 (quatro) teses de doutoramento. Estabelecemos parcerias acadêmicas e científicas com diferentes Grupos de Pesquisa no território nacional e no Uruguai. Estamos buscando outras parcerias internacionais. O Grupo faz parte do GT 21 da ANPED e integra a Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). ** que modificou o art. 26o da LDB

### Observatório de Cultura Escolar

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Eurize Caldas Pessanha e Fabiany de Cássia Tavares Silva
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2006
Linhas de Pesquisa	Cultura Escolar; Cultura Material Escolar; Ensino Secundário; ESCOLA, CURRÍCULO E CULTURA ESCOLAR; Escolarização e urbanização
Repercussões dos trabalhos do grupo	Este grupo se originou de uma das linhas de pesquisa de um outro grupo ao qual a maior parte dos membros esteve ligada. A história dessa linha, sua produção e sua inserção nos grupos de pesquisa do GT Currículo da ANPED, evidenciaram a formação de um outro grupo. OBSERVATÓRIO DE CULTURA ESCOLAR é o lugar no qual/de



	<p>onde se observa a cultura e suas formas de produção na escola, com o propósito de ordenar e organizar o espaço das ideias e das práticas para determinada finalidade e visando a determinada intenção; ato ou efeito de observar (-se) uma operação ou um conjunto de operações com vistas a saber “o que se passa” (no sentido temporal), o que se lê e quais são os leitores da cultura escolar (SILVA, 2003). Vinculado à Linha de Pesquisa Escola, cultura e disciplinas escolares do Programa de Pós-graduação em Educação (Cursos de Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o grupo Observatório de Cultura Escolar (OCE), criado em 2005, constitui o espaço/tempo de</p>
--	---

### Políticas de Formação e Trabalho Docente

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Celeida Maria Costa de Souza e Silva e Valdivina Alves Ferreira
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2014
Linhas de Pesquisa	Política, Gestão e História da Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	As pesquisas vinculadas ao Grupo visam à produção de conhecimentos sobre as políticas públicas de formação e trabalho docente na Educação Básica (História, formulação, implementação e avaliação) e seus possíveis impactos nas diferentes etapas e modalidades de ensino. Buscamos por meio das discussões e das pesquisas desenvolvidas no grupo, contribuir para o incentivo à iniciação científica, bem como para o desenvolvimento de dissertações e teses. Discutir, socializar, apresentar e publicar os resultados das pesquisas vinculadas ao grupo em eventos científicos, periódicos, livros, relatórios institucionais, é nossa intenção. Assim como, promover o intercâmbio com outras Instituições de Ensino Superior e Programas de Pós-Graduação.

### Políticas Públicas de Educação

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Silvia Helena Andrade de Brito e Margarita Victoria Rodriguez
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	1994
Linhas de Pesquisa	Estado e políticas públicas de educação; História e educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O grupo formou-se em 1994 com seis

	<p>pesquisadores, a partir das atividades desenvolvidas no PPG em Educação da UFMS. Desde então, o grupo desenvolveu vários projetos coletivos, além de pesquisas individuais, que têm como objeto a política educacional, sua história e seu perfil, discutidas a partir das condições socioeconômicas do Brasil, em especial de Mato Grosso do Sul. Tais pesquisas vêm sendo desenvolvidas por professores e alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação/FAED e colegas de outras IES, bem como por alunos de IC. Além disso, entre 1994 e 2008 o grupo foi parte integrante da LP "Estado e políticas públicas de educação", que a partir de 2009 passou por uma reformulação, denominando-se desde então "História, políticas e educação." Destaque-se ainda que este coletivo de pesquisadores vem desenvolvendo, desde o ano 2000, balanços decenais (anos 1980; anos 1990; primeiro decênio do século XXI) sobre as políticas sociais e educacionais em Mato Grosso do Sul.</p>
--	--

### Políticas Públicas e Gestão da Educação

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Regina Tereza Cestari de Oliveira e Nadia Bigarella
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2004
Linhas de Pesquisa	Políticas Públicas e Gestão da Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O grupo constituído em 2004 tem como objetivo desenvolver estudos e pesquisas no campo das políticas públicas, planejamento e gestão da educação. As pesquisas focalizam, entre outros, programas, planos e projetos governamentais que integram a política educacional e sua materialização no âmbito dos sistemas de ensino e das escolas, com destaque para as pesquisas relacionadas ao Estado de Mato Grosso do Sul (MS). Principais temas: planejamento educacional; formação e valorização docente; público e privado na educação; conselhos de educação; direito a educação, instituições escolares. O grupo desenvolve projetos de pesquisa integrados com pesquisadores da UFGD, UFMS, UEMS, UnB e UFES. E participa, também, de intercâmbios/projetos de pesquisa com pesquisadores da UFRGS.

### Currículo e Processo Formativo: inovação e interdisciplinaridade

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Francisco Thiago Silva e Viviane Machado Caminha
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Brasília (DF)
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)
Status do Grupo	Certificado

Ano de formação	2018
Linhas de Pesquisa	Currículo e Processos Formativos; Currículo, Teoria e Ensino de História e História da Educação; Inovação e Interdisciplinaridade
Repercussões dos trabalhos do grupo	O campo do currículo apresenta-se como uma seara profícua para diversas pesquisas que resultem na produção do conhecimento e na consequente repercussão para a organização do trabalho pedagógico em diferentes esferas da atuação docente. Diante desse cenário, o grupo de pesquisa se propõe a estudar e projetar algumas respostas para temáticas que são intrinsecamente relacionadas ao sistema curricular, tais como: diferentes manifestações de práticas curriculares e processos formativos que se autodenominam inovadoras, formas de integração que envolva multi, pluri ou interdisciplinaridade na elaboração de currículos integrados e construção epistemológica das categorias: eixo estruturante transversalidade.

### **Grupo de Estudos e Pesquisas em Alfabetização e Letramento**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Liliam Cristina Caldeira
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Campo Grande (MS)
Instituição	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2018
Linhas de Pesquisa	Alfabetização e Letramento; Formação de alfabetizadores e professores de Língua Portuguesa nos Anos Iniciais; História das práticas de alfabetização no Brasil
Repercussões dos trabalhos do grupo	

### **Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (GRUPHE/UnB)**

<b>Indicadores</b>	<b>Operacionalização</b>
Líderes	Juarez José Tuchinski dos Anjos e José Luiz Villar Mella
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Brasília (DF)
Instituição	Universidade de Brasília (UnB)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2017
Linhas de Pesquisa	Arquivos, Fontes e Pesquisa em História da Educação; História da cultura material escolar; História das Culturas Escolares; História e Historiografia Comparada da Educação; História e Historiografia da Infância
Repercussões dos trabalhos do grupo	O Núcleo de Ensino e Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília organiza-se a partir de projetos de pesquisa sobre a constituição histórica da educação no Brasil, em perspectiva local, nacional e transnacional, entre os séculos XIX e XX, tanto nas

	suas formas escolarizadas como não escolarizadas.
--	---

### Políticas Federais de Educação

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Celio da Cunha e Renato de Oliveira Brito
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Brasília (DF)
Instituição	Universidade Católica de Brasília (UCB)
Status do Grupo	Certificado
Ano de formação	2015
Linhas de Pesquisa	Pensamento Pedagógico e Políticas de Educação; Políticas de Formação e Carreira Docente; Políticas de Gestão, Avaliação e Financiamento da Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O trabalho de pesquisa na área da educação tem permitido conhecer sistemas e políticas educacionais do Brasil e do mundo. Os resultados observados ao longo dos anos despertaram o interesse na realização de estudos e pesquisas com foco nas políticas federais, devido ao forte papel da União na formulação e condução dos assuntos da área. Permitiram também reunir expressivo acervo de documentos que constituem fontes primárias de inegável valor. Consolida assim, o interesse e a importância de constituir um grupo de pesquisas com foco nas políticas federais do setor. Durante os últimos anos foram orientados alguns trabalhos de dissertações, teses, relatórios de pesquisa e estudos de caso acerca de políticas federais, como o Programa Universidade para Todos (Prouni), Ciência sem Fronteiras e os Programas Mais e Novo Mais Educação (MEC). Atualmente, pesquisas sobre Gestão, Avaliação e Financiamento da Educação, Formação e Carreira Docente, Pensamento pedagógico e políticas de educação.

### Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão (NEPEDUCA)

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Wolney Honório Filho e Aparecida Maria Almeida Barros
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Catalão (GO)
Instituição	Universidade Federal de Goiás - UFG
Status do Grupo	Em Preenchimento
Ano de formação	2002
Linhas de Pesquisa	Culturas Pedagógicas e Formação de Professores; História do Ensino Secundário no Brasil; História e Políticas Educacionais; História, Memória e Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão - NEPEDUCA - vem convergir pesquisas que têm como objeto a área educacional, a história, especialmente história das instituições escolares e histórias de vida de professores, técnicos educativos e alunos, a memória, a cultura e as políticas de formação de professores no sudeste goiano. O NEPEDUCA está diretamente ligado ao PPGEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação da

	Universidade Federal de Goiás e Regional Catalão, linha de pesquisa: Políticas educacionais, história da educação e pesquisa (auto)biográfica. Essa linha de pesquisa se dedica ao estudo e construção de conhecimentos no campo da Educação, compreendidos na interface das dimensões política, histórica e da pesquisa (auto)biográfica. São questões de interesse da linha: pesquisas relativas às políticas para a educação básica e superior, currículo, história das instituições e cultura escolar, bem como a pesquisa (auto)biográfica.
--	--

### Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão (NEPEDUCA)

Indicadores	Operacionalização
Líderes	Wolney Honório Filho
Distribuição geográfica do grupo de estudo	Catalão (GO)
Instituição	Universidade Federal de Catalão (UFCAT)
Status do Grupo	Em Preenchimento
Ano de formação	2001
Linhas de Pesquisa	Culturas Pedagógicas e Formação de Professores; História do Ensino Secundário no Brasil; História e Políticas Educacionais e História, Memória e Educação
Repercussões dos trabalhos do grupo	O Núcleo de Estudo e Pesquisa em Educação de Catalão e NEPEDUCA - vem convergir pesquisas que têm como objeto a área educacional, a história, especialmente história das instituições escolares e histórias de vida de professores, técnicos educativos e alunos, a memória, a cultura e as políticas de formação de professores no sudeste goiano. O NEPEDUCA está diretamente ligado ao PPGEDUC - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás e Regional Catalão, linha de pesquisa: Políticas educacionais, história da educação e pesquisa (auto)biográfica. Essa linha de pesquisa se dedica ao estudo e construção de conhecimentos no campo da Educação, compreendidos na interface das dimensões política, histórica e da pesquisa (auto)biográfica. São questões de interesse da linha: pesquisas relativas às políticas para a educação básica e superior, currículo, história das instituições e cultura escolar, bem como a pesquisa (auto)biográfica

## APÊNDICE B - ARTIGOS PUBLICADOS PELOS PESQUISADORES

ALBUQUERQUE, Janaina da Costa; BARANOSKI, Grazillene Gomes Faria; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Expansão universitária brasileira: participação das mulheres na UFMT (1950-1978). **Revista Pedagogia**, v. 2, p. 1-10, 2015.

ALVES, Miriam Fabia.; OLIVEIRA, João Ferreira. Pós-Graduação no Brasil: do Regime Militar aos dias atuais. **Revista brasileira de política e administração da educação**, v. 30, p. 351-378, 2014.

ALVES, Rosimar Pires; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. A Biblioteca Escolar das Escolas Reunidas de Paranahyba (1936): contribuições para a história da leitura em Mato Grosso do Sul. **Linha Mestra** (Associação de Leitura do Brasil), v. VIII, p. 2981-2984, 2014.

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire; SÁ, Elizabeth Figueiredo de; POUBEL, Paula Figueiredo. A infância na perspectiva da psicologia e história da educação. **Revista eletrônica documento/monumento**, v. 21, p. 233-242, 2017.

ANJOS, J. J. T.; Pinto, Viviane Fernandes FARIA; Müller, Fernanda. Entre o plano e o vivido: a inauguração de Brasília e dos Jardins de Infância (1960-1962). **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, p. 292-313, 2020.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. O mundo dos Marcondes de Sá: educação e instrução em duas gerações de uma família da elite campeira no Paraná oitocentista. **Revista brasileira de história** (ONLINE), v. 39, p. 221-239, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. Memória, História e Ressentimentos na Instrução Pública Primária na Província do Paraná (1853-1889). **Educação** (SANTA MARIA. ONLINE), v. 43, p. 791-806, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. A documentação da Câmara dos Deputados: fonte para a história da instrução no Império (1826-1834). **Revista diálogo educacional**, v. 19, p. 882-898, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Das Memórias a uma História Sensorial da Escola na Província do Paraná. **Educação e Realidade Edição eletrônica**, v. 44, p. 1-17, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Fontes para uma história da cultura material escolar no Império do Brasil no Arquivo Histórico da Câmara dos Deputados (1826-1834). **Interfaces da educação**, v. 10, p. 58-76, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. O testemunho dos Arquivos e o trabalho do historiador da educação. **História da educação**, v. 22, p. 279-292, 2018.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Os necrológicos e a educação da criança pela família na província do Paraná (1853-1889). **Pro-Posições** (Unicamp), v. 28, p. 81-102, 2017.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Para uma história da protoindústria escolar no Brasil Império: A Fábrica Röhe & Irmãos e seus bancos-carteira (1868-1883). **Educar em revista**, v. 35, p. 71-94, 2019.

ANJOS, Juarez José Tuchinski Dos. Pontos e contrapontos da historiografia sobre a institucionalização da escola primária na Província do Paraná. **Cadernos de pesquisa**, v. 24, p. 143-163, 2017.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Representações em disputa sobre a educação da criança pela família (Província do Paraná, 1853-1889). **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 43, p. 199-214, 2017.

ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Um balanço da produção recente sobre a institucionalização da escola primária na Província do Paraná (2000-2015). **Práxis educativa** (UEPG. ONLINE), v. 12, p. 1-23, 2017.

ARAUJO, Silvano Ferreira de A; FURTADO, Alessandra Cristina. Educação Física brasileira no governo militar nas décadas de 1960 e 1970. **Revista Motrivivência**, v. 31, p. 01-18, 2019.

ARAUJO, Silvano Ferreira de; FURTADO, Alessandra Cristina. De Boletim Informativo à Revista Brasileira de Educação Física e Desportos: um estudo sobre a imprensa pedagógica no período militar (1968-1984). **Poiesis Pedagógica**, v. 11, p. 19-39, 2013.

ARAUJO, Silvano Ferreira de; FURTADO, Alessandra Cristina. O Positivismo nas páginas da Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984). **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 6, p. 66-79, 2016.

ARRUDA, Odineia de Oliveira; BRITO, Silvia Helena Andrade de. A educação salesiana na Escola Dom Bosco de Corumbá/MT (1956/1970). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 22, p. 164-179, 2006.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Os Irmãos Rebouças no Paraná do século 19 e os intelectuais negros. **Acta scientiarum. education** (ONLINE), v. 42, p. 1-14, 2020.

BARBOSA, Etienne Baldez Louzada; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Cultura Material da Escola e escolarização no egodocumento. Como e porque sou romancista, de José de Alencar (Brasil, primeira metade do século XIX). **Linhas** (FLORIANÓPOLIS. ONLINE), v. 20, p. 154-174, 2019.

BARROS, Aparecida Maria Almeida. A educação franciscana e a formação de educadoras para as escolas paroquiais em Goiás. **Poiesis Pedagógica**, v. 9, p. 86-108, 2011.

BARROS, Aparecida Maria Almeida; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Relato de experiência a roda de conversa 'tecendo memórias da educação' no III EHECO. **Poiesis Pedagógica**, v. 14, p. 94-115, 2016.

BARROS, Karla Alves Coelho Tertuliano de; HONÓRIO FILHO, Wolney. Nem marinheiros nem militares: apontamentos sobre o colégio Izabel de Dumbazinho e a Companhia de Aprendizes militares em Goiás. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 14, p. 1-12, 2014.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Considerações sobre escolarização da leitura e formação do gosto do leitor. **Revista Querubim**, v. 7, p. 62-68, 2011.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. História da disciplina Língua Portuguesa em Mato Grosso do Sul (1977-2008): questões conceituais. **Cadernos de história da educação** (UFU. IMPRESSO), v. 12, p. 171-185, 2013.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. História da disciplina Língua Portuguesa em Mato Grosso do Sul (1977-2008): um estudo de propostas curriculares. **Revista de Educação Pública** (UFMT), v. 22, p. 951-972, 2013.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Leituras na (con)formação da infância: um estudo de Leitura Manuscripta (1901-1955). **Teias** (Rio de Janeiro), v. 16, p. 44-53, 2015.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Lourenço Filho e literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição. **Leitura. Teoria & Prática**, v. 27, p. 10-16, 2009.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Reformas da disciplina língua portuguesa em Mato Grosso do Sul (1977-2008). **Interfaces da Educação**, v. 1, p. 53-66, 2010.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Usos de caminho suave nas práticas de alfabetização: diferentes apropriações. **Revista brasileira de alfabetização**, v. 7, p. 85-102, 2018.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; PAES, Ademilson Batista. Lourenço Filho e o boletim - Organização do ensino primário e normal- em Mato Grosso. **Revista educação e fronteiras ON-LINE**, v. 7, p. 129-140, 2018.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; SILVA, Thaise da. Séries de leitura graduada na escola primária em Mato Grosso do Sul: consolidação dos processos de leitura escolar. **Revista brasileira de estudos pedagógicos RBEP-INEP**, v. 100, p. 366-383, 2019.

BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; PAES, Ademilson Batista; PAES, Fernando Luís Oliveira Athayde. Escolas primárias (católicas e protestantes) no leste de Mato Grosso do Sul. **Poiesis Pedagógica**, v. 12, p. 169-185, 2014.

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. Itinerários de Pesquisa: uma operação historiográfica com a Revista Mensagem da Apae (1963-2015). **Revista eletrônica documento/monumento**, v. 22, p. 131-147, 2017

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. A APAE/CEDEG em Campo Grande/MS (1967-1987): memória e história de sua implementação. **Patrimônio e memória** (UNESP), v. 13, p. 146-171, 2017.

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. A Produção sobre História da Educação Especial nos Congressos Brasileiros de História da Educação (CBHEs): um lugar em construção. **Educação em revista**. (UFMG. IMPRESSO), v. 33, p. 1-28, 2017.

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. Educação de Excepcionais no Periódico Mensagem da APAE (1963-1973): uma pedagogia para a modelagem e o ajustamento social. **Educação em revista** (ONLINE), v. 36, p. 1-26, 2020.

BEZERRA, Giovani Ferreira; FURTADO, Alessandra Cristina. Formação de profissionais especializados para educação de excepcionais: proposições e representações a partir do impresso periódico Mensagem da APAE (1963-1973). **História da educação**, v. 24, p. 1-47, 2020.



BIGARELLA, N.; CARVALHO, Janine Azevedo Barthimann. National Education Plans: hopes and contradictions Planes Nacionales de Educación: esperanzas y contradiccione. **SÉRIE-ESTUDOS**, v. 25, p. 315-331, 2020.

BIGARELLA, Nádia. O gerenciamento na Educação para o Sucesso: uma política do governo, do Estado de Mato Grosso do Sul (2007-2014). **Quaestio: REVISTA DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO**, v. 17, p. 533/n.2-550, 2015.

BIGARELLA, Nadia.; LEWANDOWSKI, Alessandro Gomes. Os documentos como provas da história da sociedade, das suas contradições, conflitos e movimentos que influenciam as ações educacionais. **Cuadernos chilenos de Historia de la Educación**, v. 5, p. 121-130, 2017.

BIGARELLA, Nadia.; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. Formación y desarrollo de las Consejerías de Educación en el contexto del Estado republicano brasileño (1889 – 1988) **Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación**, v. 5, p. 47-71, 2016.

BIGARELLA, Nadia; ALVES, Andrêssa Gomes de Rezende. O papel do diretor gerente: gerencialismo, treinamento e certificação na Rede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. **DIALOGIA**, v. 1, p. 103-113, 2015.

BIGARELLA, Nádia; CARVALHO, Janine Azevedo Barthimann. National Education Plans: hopes and contradictions Planes Nacionales de Educación: esperanzas y contradiccione. **Série-estudos**, v. 25, p. 315-331, 2020.

BIGARELLA, Nadia; COSTA, Marilda de Oliveira. Plano Nacional de Educação (2014-2024) sob influências do gerencialismo. **Quaestio (UNISO)**, v. 21, p. 279-294, 2019.

BIGARELLA, Nadia; LEWANDOWSKI, Alessandro Gomes. Os documentos como provas da história da sociedade, das suas contradições, conflitos e movimentos que influenciam as ações educacionais. **Cuadernos chilenos de Historia de la Educación**, v. 5, p. 121-130, 2017.

BIGARELLA, Nádia; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. A trajetória histórica do conselho estadual de educação de Mato Grosso do Sul: organização, composição e representatividade. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 18, p. 184-211, 2018.

BIGARELLA, Nadia; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. Formación y desarrollo de las Consejerías de Educación en el contexto del Estado republicano brasileño (1889 – 1988). **Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación**, v. 4, p. 47-71, 2016.

BITTAR, Mariluce; OLIVEIRA, João Ferreira; LEMOS, Jardenaiede . Reforma da educação superior a partir dos anos 1990 e suas repercussões na região Centro Oeste. **Teoria e Prática da Educação**, v. 14, p. 123-137, 2011.

BRAZIL, Maria do Carmo; VALENTIM, Reinaldo Antonio; FURTADO, Alessandra Cristina. Afro-educação em Mato Grosso do Sul: o Projeto Guaicuru e a construção da escola cidadã (1996-2003). **Revista Educação Pública da UFMT**, v. 21, p. 375-400, 2012.

BRITO, Arlete de Jesus; SOUZA, Luzia Aparecida. Cursos Emergenciais de Licenciatura para professores que ensinam Matemática. **História da Educação Matemática**, v. 2, p. 149-167, 2016.

BRITO, Silvia Helena Andrade de. O Ensino Primário na Fronteira Oeste de Mato Grosso no Pós-Guerra: Corumbá (1945-1954). **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 18, n. Especial, p. 151-172, 2004.

BRITO, Silvia Helena Andrade de. O trabalho didático nos grupos escolares Joaquim Murtinho e Luís de Albuquerque (Mato Grosso, 1910-1950). **Série-Estudos** (UCDB), v. 25, p. 157-169, 2008.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; ARRUDA, Odinea de Oliveira. A proposta da Escola Oratório Salesiana: o caso da Cidade Dom Bosco (Corumbá, 1957-1973). **Eccos. Revista Científica**, v. 9, p. 115-134, 2007.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; CARDOSO, Maria Angélica. Fernando de Azevedo (1894-1974): uma mesma obra e suas várias leituras. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 14, p. 134-157, 2014.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; CARDOSO, Maria Angélica; OLIVEIRA, Rosely Gonçalves de. Fernando de Azevedo: uma nova organização do trabalho didático para uma escola renovada (1927-1931). **Revista HISTEDBR On-line**, v. 17, p. 93-116, 2017.

BRITO, Silvia Helena Andrade de; RODRÍGUEZ, Margarita Victoria; BEZERRA, Artur D'Amico. Marcos legais para a institucionalização da formação docente em Mato Grosso (1910-1970). **Revista de Educação Pública**, v. 26, p. 177-197, 2017.

BRUNO, Rosangela Sueli; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Considerações acerca das práticas de alfabetização e letramento na educação infantil em Paranaíba/MS **Interfaces da Educação**, v. 3, p. 59-74, 2012.

BRUNO, Rosangela Sueli; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Educação Infantil, infância e criança: considerações históricas e teóricas. **Revista Querubim**, v. 2, p. 116-122, 2012.

BULHÕES, Leandro Santos de Jesus. Ensino das histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas entrecruzadas: paradigma da contribuição, pedagogia do evento e emancipações na educação básica. **Revista ABPN**, v. 10, p. 22-38, 2018.

BULHÕES, Leandro Santos de Jesus; MARQUES, Patrícia de Barros. Conhecimentos Tradicionais, ensino de história e desenvolvimento: Educação Escolar Quilombola em Debate. **Revista ABPN**, v. 9, p. 250-271, 2017.

BULHÕES, Leandro Santos de Jesus. Amílcar Cabral, Frantz Fanon, Joseph Ki-Zerbo, Viriato Da Cruz, W. Du Bois: Memórias das lutas anticoloniais pelas Independências e Unidades Africanas em Mário De Andrade. **Revista Eixo**, v. 6, p. 21-29, 2017.

BULHÕES, Leandro Santos de Jesus. Memórias e identidades no cinema em Angola. **Revista Palmares** (Brasília), v. 2, p. 44-52, 2014.

BULHÕES, Leandro Santos de Jesus; Brito Marcelo Gustavo Costa de. Beleza e subversão em Beleza americana. **O Olho da História**, v. 14, p. 01, 2010.

BULHÕES, Leandro Santos de Jesus; SAMPAIO, Leonardo Grokoski. A História, a pós-colônia e os 'novos' sujeitos na produção dos conhecimentos: reflexões com Achille Mbembe. **Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE**, v. 2, p. 109-125, 2017.

COSTA, Candida Soares da. Educação das relações étnico-raciais, educação escolar quilombola e educação escolar indígena na Educação Básica: especificidades e aproximações. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 9, p. 128-140, 2019.

COSTA, Candida Soares da. Educação Escolar Quilombola e Formação Docente. **Revista REAMEC**, v. 1, p. 23-32, 2016.

COSTA, Candida Soares da. Lei Nº 10.639/2003: Dez anos de implementação do currículo de educação das relações étnico-raciais. **Momento** (Rio Grande), v. 22, p. 17-34, 2013.

CRUZ, Juan Carlos Rodrigues; LÓPEZ, Duani Vásquez; SANTOS, Flávio Reis. Descripción estructural y funcional de un modelo pedagógico dirigido a la educación ambiental contextualizada de la población campesina productora. **Expedições: teoria da história e historiografia**, v. 9, p. 99-115, 2018.

CRUZ, Moysa Yoshimura; NOZU, Washington Cesar Shoiti; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Um estudo crítico do livro *Chapeuzinho amarelo* de Chico Buarque. **Interfaces da Educação**, v. 1, p. 1-16, 2010.

CUNHA, Célio Da. Educação na América Latina: pressupostos e alcance da educação comparada. **Revista lusófona de educação**, v. 10, p. 153-174, 2018.

CUNHA, Célio; LIMEIRA, Luciana Cordeiro. A consolidação do regime de cooperação e a criação de um sistema nacional de educação: da atualidade do Manifesto dos Pioneiros ao novo PNE. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 31, n. 2, p. 419-435, 2015.

CURY, Fernando Guedes; SOUZA, Luzia Aparecida De; SILVA, Heloisa Da. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. **Bolema**. Boletim de Educação Matemática (UNESP. Rio Claro. Impresso), v. 28, p. 910-925, 2014.

DIAS, Kamila Gusatti; PAES, Ademilson Batista. Da Escola Evangélica de Jataí ao Instituto Samuel Graham: resquícios de uma história (1942-1971). **Diálogos** (On-line), v. 21, p. 66-84, 2017.

DIAS, Kamila Gusatti; PAES, Ademilson Batista. O curso secundário ginásial do Instituto Samuel Graham: ritos de passagem. **Cadernos de história da educação** (ONLINE), v. 17, p. 780-798, 2018.

DIAS, Kamila Gusatti; PAES, Ademilson Batista. A implantação do curso normal regional do Instituto Samuel Graham (1953-1964). **Revista Querubim** (Online), v. 03, p. 07-013, 2017.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Presença das mulheres na Universidade Federal de Mato Grosso: Cuiabá (1965 - 1980). **Revista Pedagogia UFMT**, v. 1, p. 1-8, 2014.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Vozes femininas na Escola de Economia Doméstica de Uberaba: caminhos e identidades (1953-1997). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 11, p. 2014-38, 2014.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos.; GELES, Yésica Paola Montes. La consolidación de la educación pública brasileña en el estado de Mato Grosso (1889-1908). **Revista de historia de la educación latinoamericana**, v. 21, p. 1-15, 2019.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; BARROS, Caroline Stefany Martins de; ARRUDA, Daniella Jesus Fialho de; MARQUES, Thais Priscila. Mobilizações em prol da Instrução Pública: Cuiabá/MT no início da República Brasileira. **EDUCA - Revista Multidisciplinar Em Educação**, v. 2, p. 145, 2015.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; BARROS, Josemir Almeida. Instrução pública no início da República: Mato Grosso e Minas Gerais no fim do século XIX e início do século XX (1889-1906). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 15, p. 156-181, 2015.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; GELES, Yésica Paola Monte. Escolas públicas matogrossenses no início da República brasileira (1889-1908). **EDUCA - revista multidisciplinar em educação**, v. 4, p. 3-19, 2017.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; GELES, Yesica Paola Montes. Origen de las escuelas normales: una breve mirada a las escuelas normales brasileñas y colombianas. **Revista de Educação Pública**, v. 27, p. 487-506, 2018.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. Uma formação intelectual e social convenientes [...]: formação de professores rurais (Brasil, 1942-1963). **Cadernos De História Da Educação (ONLINE)**, v. 19, p. 942-960, 2020.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; SOUZA, Cleicinéia Oliveira de. Nas páginas da revista Campanha Nacional de Educação Rural/CNER: “professoras missionárias”, entre a formação e a missão. **Revista educação e fronteiras ON-LINE**, v. 8, p. 67-83-83, 2018.

FERREIRA, Nilce Vieira Campos; FRANCO, Neil; GELES, Yesica Paola Montes. Escolas Rurais Domésticas: “Moças se preparem para sua função de donas de casa e diretoras de lares rurais...”. **Cadernos De Pesquisa**, v. 26, p. 257-273, 2019.

FURTADO, Alessandra Cristina CAVALCANTE, Aline Nascimento. Organização e Digitalização de Documentos sobre a Formação e Profissionalização de Professores das Escolas Rurais de Dourados e Região (1988-1996). **Interfaces da Educação**, v. 4, p. 20-33, 2014.

FURTADO, Alessandra Cristina; BEZERRA, Giovani Ferreira; MOREIRA, Kênia Hilda. Pesquisas em História da Educação: problematizando o uso de arquivos, documentos e fontes. **Patrimônio e memória (UNESP)**, v. 15, p. 530-563, 2019.

FURTADO, Alessandra Cristina. A Educação Escolar Católica em Ribeirão Preto-SP: um estudo sobre o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora (1918-1960). **Plures. Humanidades (Ribeirão Preto)**, v. 4, p. 81-98, 2003.

FURTADO, Alessandra Cristina. A geração de um instrumento de pesquisa a partir das fontes sobre a formação de professores em Dourados e região, no período de 1959 a 1996. **Educação e Fronteiras (UFGD)**, v. 3, p. 63-79, 2010.

FURTADO, Alessandra Cristina. A História da Educação Escolar em Ribeirão Preto/SP: o ensino normal na primeira metade do século XX. **Montagem (CUMML. Ribeirão Preto)**, v. 9, p. 153-168, 2007.

FURTADO, Alessandra Cristina. Arquivos, Fontes e Instituições: um itinerário de pesquisa sobre o arquivo do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto (1918-1960). **Patrimônio e Memória (UNESP)**, v. 8, p. 186-209, 2012.

FURTADO, Alessandra Cristina. Do Arquivo Escolar à Escrita da História da Instituição Educativa Confessional Católica Feminina do Interior Paulista (1918-1960). **Poiesis Pedagógica**, v. 12, p. 186-206, 2014.

FURTADO, Alessandra Cristina. História de uma instituição escolar católica: o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora de Ribeirão Preto no cenário do interior paulista (1918-1944). **Cadernos de História da Educação** (Online), v. 14, p. 483-503, 2015.

FURTADO, Alessandra Cristina. Os Arquivos escolares e sua Documentação: possibilidades e limites para a pesquisa em História da Educação. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 2, p. 145-159, 2011.

FURTADO, Alessandra Cristina.; BEZERRA, Giovani Ferreira; MOREIRA, Kênia Hilda. Pesquisas em História da Educação: problematizando o uso de arquivos, documentos e fontes. **Patrimônio e memória** (UNESP), v. 15, p. 530-556, 2019.

FURTADO, Alessandra Cristina; BRAZIL, Maria do Carmo; ALENCAR, Edvoneete Souza de. Ensino de Divisão numa Escola Rural de Dourados-MS (1989): uma análise do caderno de planejamento. **Revista diálogo educacional**, v. 19, p. 603-626, 2019.

FURTADO, Alessandra Cristina; MARQUES, Inês Velter. A Emergência do Ensino Secundário Público em Dourados na Década de 1950: O Ginásio Presidente Vargas. **Notandum** (USP), v. 37, p. 151-164, 2015.

FURTADO, Alessandra Cristina; ALENCAR, Edvoneete Souza de; AMORIM, Rômulo Pinheiro de. O professor leigo que ensinava matemática no sul do Mato Grosso (década de 60 do século XX): história da sua formação. **Revista Exitus**, v. 9, p. 105-130, 2019.

FURTADO, Alessandra Cristina; BICUDO, Camila de Paula; ALENCAR, Edvoneete Souza de. O Ensino de Matemática em uma escola rural no Sul de Mato Grosso-Brasil: análise de um caderno de planejamento de aulas (1989). **Espaço plural** (UNIOESTE), v. XVII, p. 94-122, 2017.

FURTADO, Alessandra Cristina; COSTA, Maria Carolina da. Mulheres: Retratos da Profissão Docente através da Literatura Brasileira. **Caderno Espaço Feminino** (Online), v. 21, p. 77-98, 2009.

FURTADO, Alessandra Cristina; PINTO, Adriana Aparecida. Nos Caminhos da Pesquisa em História da Educação: imprensa periódica e arquivos escolares em Mato Grosso. **Revista Teoria e Prática da Educação**, v. 14, p. 47-59, 2011.

FURTADO, Alessandra Cristina; MOREIRA, Kênia Hilda. Professor José Pereira Lins: um intelectual no Sul de Mato Grosso. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 5, p. 46-60, 2015.

FURTADO, Alessandra Cristina; SARAT, Magda Carmelita Sarat. Fragmentos de Memórias e Histórias da Educação Confessional no Brasil entre os Séculos XIX e XX: Católicos e Protestantes. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 11, p. 33-48, 2014.

GATTI JUNIOR, Decio; PESSANHA, Eurize Caldas. Currículos, práticas e cotidiano escolar: a importância dos arquivos escolares para a produção do conhecimento em história da educação. **História da Educação** (UFPel), v. 14, p. 155-191, 2010.

GELES, Yesica Paola MonteS; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Escuelas normales de mujeres en Colombia (1903-1914). **Cadernos de história da educação** (ONLINE), v. 17, p. 260-274, 2018.

GELES, Yésica Paola; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. La educación en Colombia: mujeres en la escuela normal de institutoras de Bolívar (1903-1930). **Educação** (Santa Maria. online), v. 42, p. 191-214, 2017.

GOMES, Isvia Silva; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. O alvorecer de uma revista - alvorada. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, v. 5, p. 9-24, 2019.

HONÓRIO FILHO, Wolney. A memória desenhada: identidades de um intelectual no interior de Goiás-Brasil. **Actualidades Pedagógicas**, v. 54, p. 29-41, 2009.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Filetes educativos de uma história de criança. **Poiésis** (Catalão), Catalão-GO, v. 1, n.1, p. 127-139, 2003.

HONÓRIO FILHO, Wolney. O ordinário e o extraordinário na formação de professores no interior de Goiás. **Revista de História** (UFES), Ufes, v. 1, n.1, p. 135-150, 2004.

HONÓRIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 34, p. 189-197, 2011.

HONÓRIO FILHO, Wolney; ALENCAR, Alessandra Cardoso. O professor e a cultura didática do Centro de Formação de Professores Primários de Catalão-GO, 1965-1983. **Cadernos da FUCAMP**, v. Ano 07, p. 47-62, 2008.

HONÓRIO FILHO, Wolney; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. Aproximações entre pesquisa (auto)biográfica e história da educação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 05, p. 124-143, 2020.

HONÓRIO FILHO, Wolney; FELIPE, Adilson Dos Reis. A escola do dia a dia é a escola da vida: narrativas de ciganos em Pires do Rio - GO. **Textura - ULBRA**, v. 21, p. 174-195, 2019.

HONÓRIO FILHO, Wolney; GUARDIEIRO COSTA, Mara Rúbia; ERBS, Rita Tatiana Cardoso. A intencionalidade do projeto de si e da formação docente de professoras formadoras do curso de magistério em Catalão/Goiás. **Roteiro**, v. 41, p. 311-336, 2016.

HONÓRIO FILHO, Wolney; CAMPOS, Camila Aparecida de. O centro de formação de professores primários de catalão e suas relações com o regime militar: Catalão-GO, 1965-1983. **Cadernos de História da Educação** (UFU. Impresso), v. 6, p. 221-235, 2007.

HONÓRIO FILHO, Wolney; SILVA, Rubislei Sabino da; FORTE, Maria Carolina. Até hoje quando estou cansada eu canto?: história de vida de professores. **Revista Cocar** (UEPA), v. 8, p. 31-40, 2014.

JACOB, Reni Maria; HONÓRIO FILHO, Wolney. Institucionalização escolar na cidade de Ouvidor-GO? 1949-1971. **Teias** (Rio de Janeiro), v. 18, p. 224-246, 2017.

LOPES, Marcos Henrique Silva; SOUZA, Luzia Aparecida de. O Exame de Suficiência para - recrutamento - de professores para o ensino secundário. **Interfaces da educação**, v. 9, p. 104-131, 2018.

LOPES, Marluce Leila Simões; SANTOS, Sérgio Pereira dos. Hannah Arendt e a educação: apontamentos e reflexões. **Pró-discente** (Online), v. 17, p. 51-62, 2012.

LUZ, Rosemary da; FERREIRA, Nilce Vieira Campos Ferreira. Treinamento em Serviço: Formação de Professoras e Professores Não Titulados no Projeto Logos II em Alta Floresta, Mato Grosso (1980-1993). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 24, p. 285-297, 2018.

MACHADO, Claudia; HONÓRIO FILHO, Wolney. Histórias de vida e biografização: pesquisa sobre as marcas formadoras de professores da região sudeste do estado de Goiás através dos memoriais de formação. **Educação** (SANTA MARIA. ONLINE), v. 43, p. 113-126, 2018.

MARIANO, Jorge Luis Mazzeo; GEHRAN, Raimunda Abou. Entre as representações e a realidade: as normalistas do extremo oeste paulista (1947- 1975). **Colloquium Humanarum**, v. 16, p. 19-28, 2019.

MARIANO, Jorge Luis Mazzeo; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. A bandeira é o símbolo vibrante da pátria: traços nacionalistas na cultura escolar do Oeste paulista. **Cadernos De História Da Educação** (ONLINE), v. 19, p. 796-816, 2020.

MARQUES, Aline Rabelo; SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Educação básica nos documentos-relatórios da/na década de 1990. **Revista Latinoamericana de Políticas y Administración de la Educación**, v. 4, p. 85-95, 2017.

MARTINS, Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim, A.; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Comunidade acadêmica feminina e a internacionalização na Universidade Federal de Mato Grosso (1973-2016). **Educação** (Santa Maria. ONLINE), v. 45, 1-22, 2020.

MENDES, Gustavo Oliveira; FERNANDES, Juliana Cristina da Costa; BALDINO, Jose Maria. História e Memórias da Educação Profissional no Instituto Federal Goiano - Campus Ceres. **Revista mundi sociais e humanidades**, v. 4, p. 63-1, 2019.

MORAES, Raquel de Almeida. A política de informática na educação brasileira: do nacionalismo ao neoliberalismo. **Linhas Críticas** (UNB), v. 5, p. 7-30, 2012.

MORAES, Raquel de Almeida. Anísio Teixeira, educação e tecnologia nos primórdios de Brasília. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 9, p. 167, 2012.

MOREIRA, Kênia Hilda. História do Brasil para o ensino secundário: legislação e programas (1889-1950). **Interfaces da educação**, v. 8, p. 107-133, 2017.

MOREIRA, Kênia Hilda. Livros didáticos como fonte de pesquisa: um mapeamento da produção acadêmica em história da educação. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 2, p. 129-142, 2012.

MOREIRA, Kênia Hilda. Livros didáticos de história do Brasil para o ensino secundário (1889-1950): procedimentos de localização, seleção e acesso. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 7, p. 68-91, 2017.

MOREIRA, Kênia Hilda. Livros didáticos de história no Brasil do século XIX: questões sobre autores e editores. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 3, p. 31-44, 2010.

MOREIRA, Kênia Hilda. Livros didáticos em Mato Grosso (do Sul) no século XX: um catálogo analítico. **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 8, p. 17-31, 2018.

MOREIRA, Kênia Hilda. Manuales escolares de “Historia de Brasil” para la enseñanza secundaria (1930-1945): entre autores, didáticas y programas. **Aula** (Salamanca), v. 24, p. 117-134, 2018.

MOREIRA, Kênia Hilda. O ensino de história do Brasil no contexto republicano (1889 a 1960): uma análise da historiografia didática. **Revista eletrônica documento/monumento**, v. 9, p. 109-126, 2013.

MOREIRA, Kênia Hilda. Os livros didáticos de História do Brasil para o Ensino Secundário na Era Vargas: entre autores, didáticas e programas curriculares. **Cadernos de História da Educação** (Online), v. 15, p. 723-742, 2016.

MOREIRA, Kênia Hilda. Pesquisas em História da Educação com o livro didático: questões sobre fontes, temas e métodos. **Revista de Educação Pública**, v. 26, p. 877-903, 2017.

MOREIRA, Kênia Hilda; DUTRA, Luzia Aparecida Morais. Cultura escolar nos cadernos de um professor de escola rural (Corralito-MT, 1930 A 1960). **Revista de História e Historiografia da Educação**, v. 2, p. 94-113, 2018.  
<https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/57605>

MOREIRA, Kênia Hilda; PASSONE RODRIGUES, Eglem Oliveira. O Ginásio Osvaldo Cruz de Dourados nas páginas do jornal estudantil ABC: ensino secundário no sul de Mato Grosso nos anos 1960. **Série-estudos** (UCDB), v. 22, p. 113-136, 2017.

MOREIRA, Kênia Hilda; PASSONE, Eglem de Oliveira. O Livro Didático e as Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação Escolar: o livro didático sobreviverá às novas tecnologias? **EAD & tecnologias digitais na educação**, v. 2, p. 57-68, 2013.

MOREIRA, Kênia Hilda; PASSONE, Eglem de Oliveira; NEVES, Sara Grativol. O livro didático como fonte de pesquisas em história da educação no centro oeste: entre temas, períodos e métodos. **História e Diversidade**, v. 1, p. 111-125, 2014.

MOREIRA, Kênia Hilda; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Death in students' everyday lives in 1930's Brazil. **Espacio, tiempo y educación**, v. 6, p. 245-263, 2019.

NAVES, Nelsimar José; HONÓRIO FILHO, Wolney. Ginásio simon bolívar em Corumbá-GO: constituição e consolidação (1956 A 1974). **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 6, p. 131-147, 2016.

NOGUEIRA, Danielle Danielle Xabregas Pamplona; MORAES, Raquel de Almeida. TV Escola: múltiplas relações, contradições e resistências. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 14, p. 346, 2014.

OLIVEIRA, Arão Davi; SILVA, Celeida Maria Costa de Souza e. Reformas na Educação Profissional Brasileira na Década de 1990: consenso e hegemonia. **Revista de Educação Pública**, v. 28, p. 169-191, 2018.

OLIVEIRA, Dalila Andrade; OLIVEIRA, João Ferreira; DOURADO, Luiz Fernandes ; CABRAL NETO, Antonio; CURY, Carlos Roberto Jamil; GOMES, Nilma Lino;



PINTO, Jose Marcelino de Rezende ; VIEIRA, Livia Maria Fraga. Por um plano Nacional de Educação 2011-2020 como política de Estado. **Revista Brasileira de Educação** (Impresso), v. 16, p. 483-492, 2011.

OLIVEIRA, Gilberto Abreu de; PAES, Ademilson Batista. História oral e suas contribuições para a historiografia da formação e profissão docente em Mato Grosso do Sul. **Interfaces da Educação**, v. 03, p. 58-68-68, 2012.

OLIVEIRA, João Ferreira. A educação básica e o PNE/2011-2020: política de avaliação democrática. **Retratos da Escola**, v. 4, p. 91-108, 2010.

OLIVEIRA, João Ferreira; ASSIS, Lucia Maria. Núcleo de Estudos, Pesquisa e Documentação Educação, Sociedade e Cultura (NEDESC) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás: Trajetória e desafios da pesquisa e da formação. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 6, p. 31-36, 2012.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. O Conflito Público Versus Privado: A atuação dos organismos representativos da sociedade civil no processo de elaboração da LDB - 1988 a 1996. **Quaestio** (UNISO), Sorocaba, SP, v. 6, n. 2, p. 49-65, 2004.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. Reformas Educacionais Mato-grossenses e a Institucionalização dos Grupos Escolares (1910-1930). Albuquerque: **Revista de História**, v. 1, p. 105-129, 2009.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de; GONÇALVES, Arlene da Silva. Iniciativas de Modernização Escolar em Mato Grosso: grupos escolares e formação docente - o sul do estado (1910-1950). **Série-Estudos** (UCDB), v. 1, p. 171-191, 2008.

OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de; GONÇALVES, Arlene da Silva. Os Grupos Escolares no Contexto da Política Educacional Mato-Grossense: o Grupo Escolar Joaquim Murtinho, em Campo Grande, Sul do Estado (1910-1950). **Intermeio** (UFMS), v. 16, p. 59-84, 2010.

OLIVEIRA, Valdirene Alves; OLIVEIRA, João Ferreira. As produções acadêmicas sobre o Ensino Médio no campo das políticas educacionais no período de 1998 a 2016: temas históricos, singularidades e lacunas. **Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, v. 3, p. 1-20, 2018.

PAES, Ademilson Batista. Reformas e regulamentos da Instrução Pública de Mato Grosso (1889-1927). **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 02, p. 80-96, 2012.

PAES, Ademilson Batista; PAES, Fernando Luís Oliveira Athayde; PASCOALOTO, Vanessa Cristiane. Os presbiterianos e a Escola Evangélica de Cassilândia-MS (1958-1968). **Interfaces da educação**, v. 22, p. 33-59, 2017.

PAES, Ademilson Batista; PAES, Luís Oliveira Athayde. Infância, migração e a Escola Rural de Lagunita (Sul de Mato Grosso - 1916). **Poiesis Pedagógica**, v. 15, p. 71-90, 2017.

PAES, Fernando Luís Oliveira Athayde; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani; PAES, Ademilson Batista. Escolas Primárias (Católicas e Protestantes) no Leste de Mato Grosso do Sul. **Poiesis Pedagógica**, v. 12, p. 169-185, 2014.

- PANUCCI, Luci; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. História de vida de uma professora: contribuições para uma história da alfabetização (1955-1965). **Revista Querubim** (Online), v. 3, p. 91-97, 2018.
- PASSONE RODRIGUES, Eglem Oliveira; MOREIRA, Kênia Hilda. A Biblioteca Pública de Campo Grande nos anos 1930 pelas páginas da Revista Folha da Serra. **História da educação**, v. 23, p. 1-32, 2019.
- PEREIRA, Eva Waisros. Educação Pública do Distrito Federal: resgate, preservação e difusão da memória revivem Anísio Teixeira. **Participação** (UnB), v. 22, p. 38-43, 2012.
- PERES, Cristiane Pereira; FURTADO, Alessandra Cristina. Cultura Escolar e Escolas Indígenas de Dourados - MT no século XX: o encontro entre culturas. **Plures Humanidades**, v. 1, p. 60-70, 2019.
- PERES, Cristina Pereira; FURTADO, Alessandra Cristina. História das Instituições Escolares Indígenas: as escolas da reserva indígena de Dourados (MT) na primeira metade do século XX. **Historia de la Educación. Anuario**, v. 18, p. 163-174, 2017.
- PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Tempo de Cidade, Lugar de Escola. **Cadernos de História da Educação** (UFU), v. 5, p. 109-121, 2006.
- PESSANHA, Eurize Caldas; BRITO, Silvia Helena Andrade de. Ensino secundário ou educação secundária? Controvérsias e singularidades na escrita de sua história. **Série-Estudos** (UCDB), v. 38, p. 237-250, 2014.
- PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Uma sólida instrução fundamental para formar cidadãos: história das orientações sobre práticas curriculares de uma "escola exemplar" em Campo Grande/MT, ao final da década de 1930. **História da Educação** (UFPel), v. 14, p. 11-35, 2010.
- PESSANHA, Eurize Caldas. Conversando sobre investigações e relações entre escola, currículo e cultura. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 9, p. 86-107, 2008.
- PESSANHA, Eurize Caldas. Escrita da história da educação no centro oeste: situação atual e perspectivas. **Poesis Pedagógica**, v. 14, p. 32-48, 2017.
- PESSANHA, Eurize Caldas. Estudar e lecionar em escolas exemplares – cruzamento de sentidos. **Revista e-Curriculum** (PUCSP), v. 11, p. 201-215, 2013.
- PESSANHA, Eurize Caldas. História das disciplinas e do currículo como base para a escrita da história do ensino secundário no Brasil. **Pedagogia y Saberes**, v. 42, p. 99-107, 2015.
- PESSANHA, Eurize Caldas. História de disciplinas escolares em uma “escola exemplar” em Mato Grosso do Sul: possibilidades de uma história da cultura escolar (1939-2002). **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 4, p. 31-41, 2010.
- PESSANHA, Eurize Caldas. The First Competitive Examinations for Teacher Selection: The Construction of Order without Didactics. **Creative Education**, v. 05, p. 913-923, 2014.
- PESSANHA, Eurize Caldas; ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira. Arquitetura escolar de “escolas exemplares” em quatro cidades brasileiras: expressão de projetos de modernização e

escolarização de 1880 a 1954. **Cadernos de História da Educação** (UFU), v. 7, p. 59-75, 2008.

PESSANHA, Eurize Caldas; OLIVEIRA, Stella Sanches de. A cultura humanista e a cultura científica na história de disciplinas escolares de uma escola secundária (1939-1971). **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**, v. 17, p. 102-121, 2011.

PESSANHA, Eurize Caldas; ARAUJO, Carla Busato Zandavalli Maluf de. Duas práticas pedagógicas na formação de professores brasileiros na década de 1930: livros e cadernos. **História da Educação** (UFPEl), v. 13, p. 139-166, 2009.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. História de uma instituição escolar: democratização ou elitização do ensino secundário (1939-1971)? **Perspectiva** (UFSC), v. 31, p. 1021, 2014.

PESSANHA, Eurize Caldas; ASSIS, Wanderlice da Silva; SILVA, Stella Sanches de Oliveira. História do ensino secundário no Brasil: o caminho para as fontes. **Roteiro**, v. 42, p. 311-330, 2017.

PESSANHA, Eurize Caldas; OLIVEIRA, Stella Sanches de; ASSIS, Wanderlice da Silva. Muito além de “papéis velhos”: fontes para história de disciplinas escolares armazenadas em um arquivo escolar. **Revista Educação em Questão** (UFRN. Impresso), v. 41, p. 164-191, 2011.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Material Culture as a Source for Writing the History of a School: a Brazilian Example. **Journal of Studies in Education**, v. 3, p. 210-221, 2013.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Tempos, espaços e organização do trabalho escolar em três expressões de governos autoritários brasileiros: 1931, 1961 e 1971 – estudo histórico-jurídico comparado do Ensino Secundário. **Educar em Revista** (Impresso), v. 1, p. 67-83, 2014.

PIACENTINE, Ana Paula Fernandes daSilva; FURTADO, Alessandra Cristina. O Curso de Magistério Rural e a Organização Curricular na Formação do Professor Leigo no Município de Dourados-MT (Década de 70 do século XX). **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 8, p. 210-227, 2018.

PINTO, Raissa Nunes; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Presciliana Duarte de Almeida (1867 - 1944) na História da Literatura Infantil brasileira. **Perspectivas em diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 5, p. 207-226, 2018.

QUINTERO, S Sara Evelin Urrea; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Escuela Nueva colombiana: análisis de sus guías de aprendizaje. **Acta scientiarum. education** (online), v. 40, p. 1-8, 2018.

QUINTERO, Sara Evelin Urrea; SÁ, Elizabeth de. Hacia una Escuela Nueva. Unidades de capacitación docente-: manual de orientação para o professor rural colombiano. **Cadernos de história da Educação** (ONLINE), v. 17, p. 71-84, 2018.

- RAHE, Martha Banducci; PESSANHA, Eurize Caldas. Tecendo a história do currículo nas entrelinhas das materialidades escolares: o ensino de Línguas Vivas em uma escola feminina (1934-1961). **Currículo sem Fronteiras**, v. 14, p. 17-35, 2014.
- RODRIGUEZ, Margarida Victória; BRITO, Silvia Helena Andrade de; CARDOSO, Maria Angélica. A Modernização do estado de Mato Grosso: reformas da educação pública primária (1920-1950). **Argumentos Pró-Educação**, v. 3, p. 509-535, 2018.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria. A origem da escola moderna: o legado de Condorcet. **Acta Scientiarum. Education** (Print), v. 32, p. 67-74, 2010.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria. Estudo Histórico dos clássicos da filosofia da educação: algumas considerações teórico-metodológicas. **Quaestio** (UNISO), v. 8, p. 41-50, 2006.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria. História e memória: contribuições dos estudos das Instituições Escolares para a História da Educação. **Série-Estudos** (UCDB), v. 23, p. 21-29, 2008.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria. Notas de uma pedagogia da práxis... a experiência pedagógica de Makarenko. **Série-Estudos** (UCDB), Campo Grande, v. 17, p. 119-132, 2004.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria. O pensamento filosófico Medieval de Pedro Abelardo: educação e docência. **Notandum** (USP), v. XI, p. 81-93, 2008.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria. Para uma releitura do mestre Makarenko: notas de uma pedagogia concreta. **Educação e Filosofia** (UFU. Impresso), Uberlândia, v. 18, p. 155-168, 2004.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria; BRITO, Silvia Helena Andrade de. Historiografia sobre a Escola Normal no Brasil (1980-2001): perspectivas teóricas e metodológicas. **Quaestio**, v. 22, p. 73-94, 2020.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria; FINOCCHIO, José Luiz. Abordagens sobre o estudo da inserção da gymnastica no ensino secundário do Brasil no século XIX. **Acta Scientiarum. Education** (Print), v. 35, p. 27-38, 2013.
- RODRIGUEZ, Margarita Victoria; MOTEIRO, Hellen Caroline Valdez. Formação de professores em Três Lagoas/ MT: Escola Normal Dom Aquino Corrêa (1952- 1975). **Anuario Mexicano de Historia de La Educaicon**, v. 1, p. 29-38, 2019.
- RODRIGUEZ, Margarita Victória; SANTOS, Francely Aparecida dos; COSTA, Karen Aguiar da. Makarenko: o pedagogo poeta. **Revista Profissão Docente On Line**, Universidade de Uberaba, v. 1, n. 5, p. 37-44, 2002.
- RODRÍGUEZ, Margarita Victoria; SEVERINO, Jorismary Lescano. Criação do curso de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1980-1996). **Educação, escola e sociedade**, v. 13, p. e202002-23, 2020.
- ROHDEN, Josiane Brolo; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! criança! não verás nenhum país como este!?: educação que servia à pátria e à igreja durante o processo de colonização de Sinop-MT (1973-1979). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 7, p. 103-120, 2012.

ROHDEN, Josiane Brolo; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Do sul para o centro-oeste: a saga de migrantes sulistas para o norte de Mato Grosso - histórias de muitas vidas e de uma escola "inventada" (1973-1979). **Cadernos de História da Educação** (UFU. Impresso), v. 13, p. 335-356, 2014.

ROSARIO, Maria José Aviz do; CUNHA, Célio da. História e memória de formação de professores do Instituto de Educação do Pará. **Teoria e prática da educação**, v. 22, n. 2 jan./abr. 2019.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de QUINTERO, Sara Evelin Urre. La marginalización de la ruralidad colombiana a partir del estudio histórico de la escuela en el campo durante el siglo XX. **Revista de Educação Pública**, v. 25, p. 163-174, 2016.

SÁ, Elizabeth Figueiredo De. A educação dos corpos infantis no projeto mato-grossense de formação do cidadão republicano (1910-1930). **Cadernos Cedes (IMPRESSO)**, v. 38, p. 75-88, 2018.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Gustavo Fernando Kulhmann: um bandeirante na cruzada da instrução (1910-1930). **Revista de Educação Pública** (UFMT), v. 18, p. 567-584, 2009.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; ALBUQUERQUE, Dálete Cristiane Silva Heitor de; QUINTERO, Sara EvelinUrrea. Os Protocolos de Leitura como suporte teórico-metodológico para análise na História da Educação. **Reflexão e Ação** (versão eletrônica), v. 25, p. 256-278, 2017.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; BUZATO, Gino Francisco; SILVA, Marijâne Silveira da. Entre o rural e o urbano: a modernização da cidade de Cuiabá no Estado Novo. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 17, p. 271-285, 2016.

SÁ, Elizabeth Figueiredo De; CARVALHO, Carlos Henrique; ASSIS E SILVA, Luciana Vicência do Carmo De. A escolarização da infância rural no espaço lusobrasileiro na perspectiva da educação comparada (1935 a 1945). **Revista de Educação Pública**, v. 27, p. 951-972, 2018.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; CORREA, Giselle Estevam Chiozini; CASTRO, Thalita Pavani Vargas de. A Escola Técnica do Comércio -MT (1945). **Interletras**, Dourados, v. 8, p. 4-9, 2020.

SÁ, Elizabeth Figueiredo De; FURTADO, Alessandra Cristina; HONÓRIO FILHO, Wolney. Memória dos encontros de história da educação no centro oeste: o que fizemos e o que podemos fazer. **Poiésis** (Catalão), v. 14, p. 12-31, 2017.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; MONTEIRO, Silas Borges. Universidade Federal De Mato Grosso: da regionalização à internacionalização. **Educativa** (UCG), v. 20, p. 253-267, 2017.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; PERIN, Clailton Lira; BECK, Katia Maria Kunntz. Escolarização da infância em cidades de colonização recente de Mato Grosso. **Revista diálogo educacional** (PUCPR. IMPRESSO), v. 17, p. 61-79, 2017.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; SILVA, Marijâne Silveira da. Intelectuais paulistas na imprensa periódica mato-grossense (1910-1920). **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 5, p. 17-31, 2015.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; Emerson José de Souza. A escolarização de jovens e adultos em Mato Grosso (1872-1927). **Revista educação e fronteiras on-line**, v. 2, p. 97-109, 2012.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; MIRANDA, Mary Diana da Silva. Trabalho e escolarização: o universo das crianças negras em Cuiabá (1871-1890). **Educativa** (Goiânia. Online), v. 14, p. 297-312, 2011.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; MOREIRA, Hilda Moreira. Desafios da pesquisa com livros didáticos em mato grosso (1930-1945). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 15, p. 257-276, 2015.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; MOREIRA, Kenia Hilda. A morte no cotidiano e no vida escolar em Campo Grande-MT. **Revista brasileira de história da educação**, v. 17, p. 187-211, 2017.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; ROHDEN, Josiane Brolo. A criança e a escola da floresta: história da escolarização da infância na cidade de Sinop? Mato Grosso (1973-1979). **Revista Educação em Questão** (Online), v. 47, p. 135-154, 2013.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de; SILVA, Marineide de Oliveira da. O ruralismo pedagógico: uma proposta para organização da escola primária rural. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 11, p. 61-83, 2014.

SÁ, Nicanor Palhares; SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. A Historiografia "Clássica" da Educação de Mato Grosso e os Avanços Contemporâneos Implementados pelo Grupo de Pesquisa em História da Educação do IE/UFMT. **Educação e Filosofia**, Uberlândia (MG), v. 18, n. Especial, p. 23-40, 2004.

SALES, Daniela Aparecida Silva; PAES, Ademilson Batista. Produção brasileira sobre instituições escolares católicas: balanço das dissertações e teses (1999-2018). **Caminhos** (Goiânia. online), v. 17, p. 820-850, 2019.

SANTOS, Flávio Reis. Disposição da Educação Básica na Legislação Brasileira: Da Constituição Imperial de 1824 à Lei de Diretrizes e Bases de 1996. **SODEBRÁS**, v. 11, n.125, p. 60-73, 2016.

SANTOS, Flávio Reis. Educação no Brasil Colonial: Da Religiosidade Católica ao Despotismo Esclarecido (1549-1820). **Expedições: teoria da história e historiografia**, v. 9, p. 18-36, 2018.

SANTOS, Flávio Reis; BEZERRA NETO, Luiz. Políticas públicas para a educação rural no Brasil: da omissão à regulamentação do programa nacional de educação na reforma agrária. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 1, p. 178-195, 2015.

SANTOS, Flávio Reis; JESUS, Tânia Elias. Educação do Campo de Fundamentação Socialista: Possibilidade de Resistência à Expropriação Capitalista. **Expedições: teoria da história e historiografia**, v. 10, p. 34, 2019.

SANTOS, Flávio Reis; SILVA, Magda Valéria. Educação rural em Portugal como objeto de estudo: possibilidades de especificações conceituais (1990-2018). **História da educação**, v. 23, p. 1-39, 2019.

SANTOS, Flávio Reis; BEZERRA NETO, Luiz. Políticas públicas para a educação rural no Brasil: da omissão à regulamentação do programa nacional de educação na reforma agrária. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 15, p. 178, 2016.

SILVA, Adriele Aparecida Squincalha; MOREIRA, Kênia Hilda. Presença católica nas instituições escolares em Fátima Do Sul: 1957 A 1971. **Poiésis** (Catalão), v. 16, p. 57-69, 2018.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza e. Colégio Salesiano de Santa Teresa em Corumbá-MS e as obras educacionais e assistenciais adjuntas (1899-1972). **Revista NUPEM** (Online), v. 7, p. 227-247, 2015.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza e. História da Educação Salesiana em Corumbá: o convênio celebrado entre os salesianos, o estado de Mato Grosso e o estado de Mato Grosso do Sul (1972-1987). **Série-Estudos**, n. 40, p. 305-322, 2015.

SILVA, Celeida Maria Costa De Souza e; OLIVEIRA, Ozerina Victor de. Educação Salesiana, currículo e formação de governantes: reconhecendo conflitos por meio da imprensa. **Quaestio** (UNISO), v. 21, p. 439-458, 2019.

SILVA, Celeida Maria Costa de Souza. Organização Pedagógica, administrativa e práticas escolares em uma instituição salesiana de Mato Grosso do Sul (1972-1987). **Fronteiras e debates**, v. 1, p. 91-115, 2014.

SILVA, Celeida Maria Souza e. Práticas pedagógicas e cultura escolar: um olhar por meio das festas e comemorações escolares. *Imagens da Educação*, v. 4, p. 25, 2014.

SILVA, Elizabeth Figueredo de Sá Poubel e. Leowigildo Martins de Mello e a organização da Escola Normal de Cuiabá. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, v. 7, p. 189-214, 2004.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Documentos curriculares e as flexibilizações: escrita histórico-social do currículo em educação especial. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 17, p. 56-71, 2016.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Estudo comparado de documentos curriculares oficiais (1979 e 1999). *Acta Scientiarum*. **Education** (Online), v. 33, p. 29-35, 2011.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Estudos comparados como método de pesquisa: a escrita de uma história curricular por documentos curriculares. **Revista Brasileira de Educação**, v. 21, p. 209-224, 2016.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. WENCESLAU, Maurinice Evaristo. Uma configuração para o ensino secundário (1930-1960): cultura, formação humana e boa educação. **História da educação**, v. 22, p. 232-245, 2018.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares; PESSANHA, Eurize Caldas. Uma perspectiva de comparação na escrita histórico-social do currículo do ensino secundário. **Pró-posições** (UNICAMP. ONLINE), v. 31, p. 1-18, 2020.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares; FERNANDES, Christiane Caetano Martins. Estudos comparados- como ferramenta metodológica de investigação de documentos curriculares prescritos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, p. 20-36, 2020.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares; PESSANHA, Eurize Caldas. Observations of School Culture: From Theorists to Curriculum Issues. **International Education Studies**, v. 5, p. 65-70, 2012.

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares; PESSANHA, Eurize Caldas; BRITO, Silvia Helena Andrade de. Reescrita historiográfica da educação secundária em mato grosso (2000-2018). **Revista Faeeba**, v. 29, p. 62-76, 2020.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Cultura Escolar: quadro conceitual e possibilidades de pesquisa. **Educar em Revista**, v. 28, p. 201-216, 2006.

SILVA, Fabiany De Cássia Tavares. Faces de uma história curricular: textos curriculares oficiais para a escolarização dos deficientes no Brasil (1979 e 1998). **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional** (Curitiba. Impresso), v. 3, p. 179-197, 2008.

SILVA, Fabiany De Cássia; WENCESLAU, Maurinice Evaristo. História curricular, por áreas de comparação, de uma rede municipal de ensino (2000 A 2008). **Teias**, Rio de Janeiro. (Impresso), v. 14, p. 192-205, 2013.

SILVA, Fabiany. Cassia Tavares; PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. The relationships between school, curriculum and music education: School culture as research category. **Acta Scientiarum. Education** (Print), v. 37, p. 211-221, 2015.

SILVA, Francisco Thiago; BORGES, Livia Freitas Fonseca. Materialismo Histórico e Dialético em pesquisas do campo curricular: o ensino de História no curso de Pedagogia. **Educação** (SANTA MARIA. ONLINE), v. 43, p. 565-582, 2018.

SILVA, Gabriela Moura; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Formação feminina na escola doméstica dona Júlia – Cuiabá-MT (1946-1949). **Linhas Críticas** (ONLINE), v. 26, p. 1-20, 2020.

SILVA, Jaíne Massirer da S; MOREIRA, Kênia Hilda. O Colégio Visconde De Taunay em campo grande na década de 1930. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 2, p. 106-120, 2015.

SILVA, Luciana Vicência do Carmo de Assis; MOREIRA, Kênia Hilda. O livro didático 'Estudo Dirigido de Português' nos anos 1970. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 20, p. 129-140, 2016.

SILVA, Marcia Cabral; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Cultura escrita na escola primária: a circulação de livros didáticos para ensino de leitura (1928-1961). **Revista brasileira de história da educação**, v. 16, p. 373-403, 2016.

SILVA, Marineide de Oliveira da; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. A escola rural mato-grossense no olhar de Gervásio Leite. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 10, p. 267-278, 2013.

SILVA, Rubislei Sabino da; HONÓRIO FILHO, Wolney. A formação em pedagogia no curso de licenciatura plena parcelada em Goiás/Câmpus Pires do Rio (2000-2007). **Educativa** (Goiânia. Online), v. 19, p. 709-736, 2016.



SILVA, Thaise da. A circulação de livros voltados para a alfabetização no Sul no Mato Grosso. **Revista de estudos de cultura**, v. 9, p. 89-96, 2017.

SILVA, Thaise da; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Políticas de circulação de livros didáticos de alfabetização no sul de mato grosso e seus métodos (1927-1961).

**POIÉSIS** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação (Unisul), v. 11, p. 268-286, 2017.

SILVA, Thaise da; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. A produção de identidades sul-mato-grossenses nas páginas das cartilhas. **Reflexão e Ação** (versão eletrônica), v. 26, p. 101-117, 2018.

SILVA, Thaise da; BERTOLETTI, Estela Natalina Mantovani. Novas rotas- de circulação das cartilhas no extremo sul de Mato Grosso. **Cadernos de história da educação (online)**, v. 19, p. 999-1012, 2020.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. A Casa Barão de Melgaço e o Ponto de Cultura do IHGMT: um centro de pesquisa nacional. **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 2, p. 89-101, 2010.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Educação, modernização e práticas educativas na Capital de Mato Grosso (séc. XIX). **Revista Eletrônica Documento/Monumento**, v. 15, p. 13-133, 2015.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. O cenário educacional de Mato Grosso no século XIX e a contribuição de Augusto Leverger. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, Cuiabá-MT, v. 60, p. 17-32, 2002.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Reconstituindo acervos escolares: a experiência do GEM. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 10, p. 123-152, 2006.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira; SÁ, Nicanor Palhares. A historiografia inaugural da educação de Mato Grosso e os avanços contemporâneos implementados pelo Grupo de Pesquisa em História da Educação do IE/UFMT. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso**, Cuiabá - MT, v. 61, p. 52-72, 2003.

SOARES, Endrika Leal; FRANCO, Vivian Nantes Muniz; SOUZA, Luzia Aparecida de. O que pode uma pesquisa em Educação Matemática que faz ecoar as narrativas que produz? **Perspectivas da educação matemática**, v. 12, p. 413-425, 2019.

SOUZA, Cleicinéia Oliveira; FERREIRA, Nilce Vieira Campos. Formação de professoras normalistas rurais nos longínquos rincões do território federal do Guaporé, ao norte do Brasil, em Porto Velho/RO (1947 -1951). **Revista ibero-americana de estudos em educação**, v. 15, p. 497-507, 2020.

SOUZA, Luzia Aparecida de; CURY, Fernando Guedes. A Hermenêutica de Profundidade como recurso metodológico para as pesquisas em História da Educação Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 8, p. 822-838, 2015.

SOUZA, Luzia Aparecida de. Narrativas na investigação em História da Educação Matemática. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 18, p. 259-268, 2013.

SOUZA, Luzia Aparecida De; FRANCO, Vivian Nantes Muniz. Da investigação e suas desconstruções ou quando as ações de uma criança são identificadas como insubordinação. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática (REnCiMa)**, v. 8, p. 80-90, 2017.

SOUZA, Luzia Aparecida De; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti Movimentos de um Movimento: um estudo sobre os significados atribuídos ao escolanovismo e seus ritmos. **Educação Matemática Pesquisa** (Online), v. 14, p. 481-506, 2012.

SOUZA, Luzia Aparecida de; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. De arquivos e fontes, escrita e oralidade, infância e velhice: ensaio sobre um protocolo de pesquisa. **Revista de Educação Pública**, v. 22, p. 1, 2013.

SOUZA, Luzia Aparecida; MARAFIOTI GARNICA, Antonio Vicente. As matemáticas modernas: um ensaio sobre os modos de produção de significado ao(s) movimento(s) no ensino primário brasileiro. **Revista Latinoamericana**, v. 16, p. 369-393, 2013.

SOUZA, Roosilenny dos Santos; OLIVEIRA, Regina Tereza Cestari de. O Ensino Secundário em Corumbá- Sul de Mato Grosso (1928-1940). **Revista e-Curriculum (PUCSP)**, v. 3, p. 1-16, 2008.

SOUZA; Emanuelle Carine da Silva; COSTA, Candida Soares da. Memória, identidade e linguagem: impressões a partir do processo de transcrição de entrevistas. *Revista Extensão e Cidadania*, v. 3 n. 5 (2015): v.3, n.5, jan./jun. 2015.

TAUNAY, Maria Paula. Vasconcelos; PEREIRA, Eva Waisros. Museu da Educação do Distrito Federal: Um território de memória educativa. **Revista Com Censo**, v. 4, p. 12-22, 2017.

TROQUEZ, Marta Coelho Castro; SILVA, Thaise da; ALVES, Andreia Vicência. Alfabetização e letramento na educação brasileira pós 1988. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 13, p. 271-291, 2018.

VIDAL, Diana Gonçalves; SÁ, Elizabeth Figueiredo de. Outra missão para Outras bandas: a circulação de professores paulistas e o modelo de escola graduada. **Revista de Educação Pública (UFMT)**, v. 19, p. 551-574, 2010.